

Instituto Superior Manuel Teixeira Gomes | Grupo Lusófona

REGENERAÇÃO URBANA E REQUALIFICAÇÃO DO MERCADO MUNICIPAL DE SILVES



Dissertação conducente à obtenção do grau de Mestre em Arquitectura do
Mestrado Integrado em Arquitectura

Aluno: Paulo Jorge Martins Terra; Nº. 21006561

Orientador: Professor Doutor Luís Filipe Pires Conceição

Portimão | 2015

PAULO JORGE MARTINS TERRA

**REGENERAÇÃO URBANA E REQUALIFICAÇÃO DO
MERCADO MUNICIPAL DE SILVES**

Dissertação defendida em provas públicas no Instituto Superior Manuel Teixeira Gomes, no dia 18/04/2016 perante o júri nomeado pelo Despacho de Nomeação nº. 03/2016, com a seguinte composição:

Presidente:

Prof. Doutor Hugo Philipe H. Nazareth
Fernandes de Cerqueira

Vogais:

Prof. Doutor Tiago de Almada Cardoso
Proença de Oliveira (Arguente)

Orientador:

Prof. Doutor Luiz Filipe Pires Conceição

Instituto Superior Manuel Teixeira Gomes

Portimão

2016

Nota: Esta dissertação não seguiu o acordo ortográfico em vigor.

AGRADECIMENTOS

Ao Prof. Doutor Arq. Luís Conceição em particular pela sua mestria na orientação do caminho.

Aos meus professores, em geral, salientando o “sinal” do Prof. Doutor Arq. Hugo Cerqueira na descoberta do sentido.

À Exma. Sr^a. Presidente da Câmara Municipal de Silves e ao Sr. Dr. Francisco Martins pela autorização da ideia. À Dr^a. Vera Gonçalves e restantes elementos da Câmara Municipal, pela disponibilização de elementos que permitiram a prossecução do trabalho.

À minha prima, Prof. Dra. Teresa Cabrita, pela leitura e revisão do texto.

Aos meus pais e filhos, pela paciência e todo o apoio.

À Isabel pelo encorajamento.

Resumo:

A presente dissertação de mestrado aborda o projecto da regeneração do Largo António Enes, e a requalificação do edifício do Mercado Municipal de Silves, localizados junto ao cais, na zona ribeirinha da referida cidade.

A premissa do estudo refere a caracterização histórica e evolutiva dos mercados e o enquadramento do Mercado de Silves, contextualizado na história da cidade e na fenomenologia do Lugar. Foram considerados os momentos de desenvolvimento e declínio da urbe, no paradigma da relação “via fluvial / cidade”. O rio Arade e a ponte Velha são partes integrantes que beneficiam a intervenção.

O suporte da formalização da proposta foi induzido pelo deleite das formas geométricas presentes nos elementos arquitectónicos do edifício do Mercado Municipal; suscitaram à geometria na materialização do espaço: **Base** do programa conceptual. A ideia fundadora passa pelo *modus operandi* das formas geométricas, centralizada no torreão como Elemento Fundador, o qual alberga o Ponto Gerador – o embrião: Ponto principal de ligação dos quatro centros da proposta e elo de ligação e conceptualização do **Processo** de Geometricidade. O seu equilíbrio, orientação e “amarração” à cidade são conseguidos pelo **Sistema** de Propriocepção: projecções e interligações do Ponto Gerador com os quatro centros, localizados nas partes da proposta, aportando à Linha Oculta da Urbe e à orientação solar. O Sistema fecha as ligações da mnemónica conceptual e inverte o ciclo, espelhando a carga simbólica, a atitude intuitiva e conceptual dos cânones da geometria, através dos mecanismos geométricos mentais que definem o traçado da composição geométrica, petrificados na hermenêutica da teoria do simbolismo abstracto de Kisho Kurokawa. A intervenção considera ainda, a operação de reabilitação incluída na regeneração e requalificação; baseada na teoria de Intervenção do Património Histórico de Camillo Boito e enunciada na sua obra - Carta del Restauro.

O projecto propõe melhorar a qualidade dos espaços do mercado e envolvente, devolvendo à cidade o antigo Largo do Cais e afirmando a relação da urbe com o rio; direccionada à valorização urbana, arquitectónica e ambiental.

Palavras-chave: Silves, Mercado, Praça, centro, regeneração, requalificação, composição geométrica, Ponto Gerador, Geometricidade e Propriocepção.

Abstract:

This masters dissertation presents the project for the regeneration of Largo António Enes and the requalification of the building of Mercado Municipal of Silves, situated by the pier, at the riverside area of the mentioned city.

The study's premise refers the historical and evolutionary characterization of markets and the framing of Mercado of Silves, in the context of the city's history and the Place's phenomenology. The moments of development and decay of the city were considered in the paradigm of the relationship "waterway / city". The Arade river and the Velha bridge are fundamental parts that benefit the intervention.

The proposal's formalization was supported by the delight in the geometrical shapes within the architectural elements of the building of Mercado Municipal, inciting the geometry in the space's materialization: the **Basis** of the conceptual program. The founding idea goes through the *modus operandi* of geometrical shapes, centralized in the turret as Founding Element, which hosts the Generating Point – the embryo: main centre, of the proposal's four centres, and connecting link to the conceptualization of the Geometricity **Process**. Its balance, orientation and "bond" to the city are achieved by the Selfception **System**: projections and interconnections of the Generating Point with the three centres, localized in the other parts of the proposal, referring to the City's Hidden Line and the solar orientation. The System closes the links of the conceptual mnemonic and inverts the cycle, mirroring the symbolic charge, the intuitive and conceptual attitude of geometry's canons, through the geometric mental mechanisms that define the outline of the geometric composition, solidified in the hermeneutics of the abstract symbolism theory by Kisho Kurokawa. The intervention also considers the rehabilitation operation included in the regeneration and requalification; based on the intervention theory of the Historic Patrimony by Camillo Boito and enunciated in his work – Carta del Restauro.

The project intends to improve the quality of the market's spaces and its surroundings, returning to the city the old Largo do Cais and stating the relationship of the city with the river; aiming for the urban, architectonic and environmental valorisation.

Keywords: Silves, Market, Square, centre, regeneration, requalification, geometric composition, Generating Point, Geometricity and Selfception.

Índice

Pág.

Introdução.....	3
Tema.....	4
Objecto.....	4
Problema.....	6
Objectivos.....	7
Método.....	8
Estrutura do trabalho.....	10
 Capítulo 1. Estado da Arte.....	 11
1.1. Análise evolutiva do Mercado na cidade.....	12
1.1.1. Da antiguidade ao séc. XVIII.....	12
1.1.2. Os mercados do séc. XIX e XX.....	15
1.1.2.1. Estudo tipológico.....	17
1.1.2.2. A linguagem arquitectónica do Objecto de Estudo.....	17
1.1.3. Contexto actual.....	18
1.2. Casos de estudo.....	20
1.2.1. Mercado municipal de Faro.....	20
1.2.2. Mercado municipal de Loulé.....	22
1.2.3. Mercado da Ribeira em Lisboa.....	24
1.2.4. Enquadramento teórico da intervenção.....	25
1.3. Teoria do simbolismo abstracto.....	27
 Capítulo 2. Contextualização do Lugar.....	 29
2.1. Localização.....	30
2.1.1. Enquadramento histórico e evolução urbana.....	31
2.1.1.1. Cronologia.....	31
2.1.1.1.1. Pontos de Mercado.....	38
2.1.1.2. O Legado	39
2.1.1.2.1. A Cidade Medieval e a Cidade Industrial.....	40
2.1.1.2.1.1. Análise morfológica.....	46
2.2. A Cidade e o Rio.....	47
2.2.1. A remanescência do Largo do Cais.....	48

Capítulo 3. Bases da conceptualização e formalização da Proposta.....	52
3.1. Mnemónica do conceito.....	53
3.2. A origem do pensamento geométrico.....	54
3.3. A Geometricidade e os Geómetras.....	56
3.3.1. A Geometricidade e os seus Instrumentos.....	56
3.3.2. Os Geómetras	57
3.4. O Elemento Fundador e o Ponto Gerador.....	59
3.4.1. A Regra.....	61
3.4.2. A Redução e a Expansão.....	63
 Capítulo 4. Projecto.....	 66
4.1. Programa.....	67
4.1.1. Programa funcional.....	67
4.1.2. Programa conceptual.....	69
4.1.2.1. Geometricidade do Largo António Enes: Praça.....	70
4.1.2.2. Geometricidade no piso superior do edifício do Mercado Municipal: café-concerto e palas.....	78
4.1.2.3. Geometricidade no piso térreo do edifício do Mercado Municipal: disposição das bancas e mesas amovíveis na Nave.....	79
4.1.2.4. Propriopceção: equilíbrio dos Centros.....	80
4.1.2.4.1. A Linha Oculta da Urbe.....	81
4.2. Memória descritiva.....	86
 Conclusão.....	 102
 Bibliografia.....	 104
 Índice de Figuras.....	 108
 Anexos:	
- Desenhos Técnicos	
- Imagens Tridimensionais do Anteprojecto e Projecto	
- Estudos Geométricos	
- Fotos da maquete de estudo	



INTRODUÇÃO

Tema

O tema deste trabalho de dissertação de mestrado é a **Regeneração Urbana e Requalificação do Mercado Municipal de Silves** e corresponde ao título do mesmo.

O Projecto engloba duas áreas de intervenção no mesmo local:

- A Intervenção urbana: Regeneração Urbana do Largo António Enes.
- A Intervenção arquitectónica: Requalificação do edifício do Mercado Municipal de Silves.

Objecto

O Largo e o Edifício do Mercado constituem o objecto de estudo da proposta de regeneração e requalificação, respectivamente; integram a mesma localização, anteriormente designado por Largo do Cais. Segundo as Actas da Câmara Municipal de Silves¹ e projectos do Mercado Municipal de Silves², refere-se:

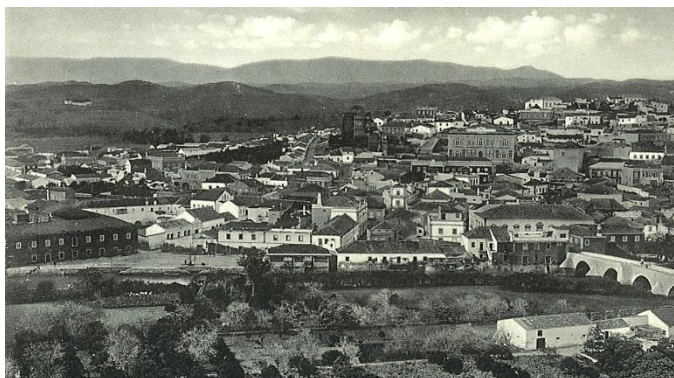


Figura 1 – Vista parcial de Silves, parte ocidental, antigo Largo do Cais, início do séc. XX.

O cais e o seu largo foram desde sempre a principal porta da cidade. Serviam de entrada e saída de pessoas e de bens; constituindo o ponto de destino e partida das embarcações que navegavam na principal via de comunicação (rio Arade) até à década de 1970. O local foi o epicentro económico da urbe, já que se tornou, durante a expansão urbana no período industrial do sector corticeiro (séc. XIX) num importante espaço comercial.

Em 1937 foi apresentado o primeiro projecto para o Mercado Municipal. No ano de 1940 a Câmara Municipal começou a adquirir as parcelas de terrenos a norte do já designado Largo António Enes, que seriam destinadas à implantação

¹ CMSCV / B/A/001, Actas da Câmara Municipal de Silves. Sem numeração de páginas.

² Projectos de Mercado Municipal de Silves. Sem numeração de páginas.

do supra citado edifício. As obras iniciam-se em 1951 com um novo projecto; uma nova composição arquitectónica, ao estilo do Estado Novo: “português suave”; realizado pelo Arquitecto Jorge Ribeiro de Oliveira com a colaboração do Engenheiro Anastácio Guerreiro de Brito. A construção desenvolve-se em duas primeiras fases, concluídas em 1957. No mês de Junho, do referido ano, o Mercado entrou em funcionamento.

Figura 2 – Vista de Silves, Largo António Enes e 1ª fase da construção do Mercado Municipal, meados do séc. XX.



Figura 3 – Vista de Silves, Largo António Enes e 2ª fase de construção do Mercado Municipal, segunda metade do séc. XX.



A realização da terceira e última fase, concluída em 1976, vem terminar a ala nascente do Mercado, bem como o edifício tal como hoje existe.

Figura 4 – Vista da cidade de Silves, Largo António Enes, Mercado Municipal, zona Ribeirinha e Ponte Velha, séc. XXI.



Na década de 1970 a Avenida Marginal, que desembocava no Largo António Enes, foi substituída pela E.N. 124, reduzindo assim, o espaço pedonal do referido largo.

O estudo do Largo e do Edifício despoletou a erudição de um conjunto de valores de nível histórico e arquitectónico, tais como: a sua tipologia arquitectónica caracterizada pelos edifícios e espaços públicos do Estado Novo e do séc. XIX; o factor localização; vizinhança com o Rio, e o facto de estar situado numa das zonas mais movimentadas zonas da cidade. Foram o mote para a realização da regeneração do espaço público e a requalificação do edifício do mercado, devolvendo à cidade o legado do antigo Largo do Cais, melhorando a imagem e a função do Mercado, e promovendo a fruição e dinamização do espaço ecuménico.

Problema

A intervenção urbana no **Largo António Enes**, bem como a arquitectónica no **Edifício do Mercado Municipal de Silves** são imperativas, sendo que urge suprimir os elementos dissonantes existentes no edifício do Mercado, propor a reabilitação para a envolvente e regenerar a plataforma do Largo, que se encontra fragmentada pelos arruamentos envolventes e pela E.N. 124 - eixo viário que atravessa a cidade cortando o Largo e separando o passeio ribeirinho.

A vista principal (fachada sul) do Mercado está abafada por toldos, e a entrada principal comunica directamente para uma bolsa de estacionamento de cargas e descargas, obstruindo-a permanentemente. O passeio ribeirinho localizado no limite sul do Largo necessita de um programa que dê continuidade à fruição do espaço (parque ribeirinho), localizado a sudoeste.

Figura 5 – Frente fluvial do Mercado Municipal de Silves e Ponte Velha, séc. XXI.



O assoreamento do rio Arade deixa a nu o Caís, aquando da baixa-mar [fig.5], o reduzido leito trás um fino lençol de água, impossibilitando a navegabilidade. A preia-mar devolve ao rio as embarcações, mas as velhas escadas do cais dificultam a acessibilidade, despromovendo o turismo fluvial e os desportos náuticos.

Figura 6 – Cais de Silves, embarcações de turismo, séc. XXI.



Assim, apesar das características da localização anteriormente referidas, o Largo e o Mercado não estão a aproveitar as mais-valias disponíveis, comprometendo, até, a imagem urbana e arquitectónica da frente ribeirinha.

Objectivos

Pretende-se dar uma nova vida a **uma das mais nobres e antigas zonas da Urbe**, local de extremo valor intangível, outrora designado Largo do Cais, aportando as diversas conexões às infra-estruturas de apoio.

O melhoramento do desenho da paisagem urbana é uma mais-valia para o espaço público e para o edifício do mercado municipal. A metamorfose proposta para o espaço; afirma o passeio ribeirinho, exalta todo o “conjunto” e beneficia a interacção dos diferentes sistemas do tecido urbano, na relação entre si e o equilíbrio com o todo, salvaguardando o património material e imaterial. A dignificação da imagem do edifício do Mercado Municipal de Silves é fundamental, e constitui a principal premissa da abordagem operativa ao local.

Neste contexto a dissertação visa os seguintes objectivos:

- Regenerar o Largo António Enes, reinstituindo a área aproximada do antigo Largo do Cais, e modernizando as infra-estruturas urbanas;

- Restabelecer a relação intrínseca Cidade-Rio, exaltando as memórias do passado, através da promoção da rota fluvial até Silves, e definição de um percurso pedonal até à ponte velha, que estime a fruição na frente ribeirinha, e melhore as acessibilidades ao local;
- Melhorar as condições de funcionalidade e imagem do espaço urbano, aplicando o conceito de praça no espaço público, onde se possam realizar os mercados de fim-de-semana e eventos, como o célebre festival da cerveja;
- Reabilitar o edifício devoluto nas traseiras do mercado municipal, utilizando-o para estacionamento automóvel – silo auto, destinado aos concessionários e utentes do mercado municipal;
- Reestruturar a circulação automóvel e a rede viária em torno do mercado municipal, beneficiando a logística do Mercado, e a mobilidade dos utilizadores no espaço público;
- Requalificar o edifício do Mercado Municipal de Silves, dar mais qualidade às suas funções e imagem, promovendo a dinamização do espaço, através do programa de reorganização dos espaços existentes, e da criação de novos espaços no edifício com novos usos, respeitando a traça existente.

Método

O trabalho incide na abordagem estratégica do tema da dissertação, composta por quatro fases:

- A primeira fase contempla o trabalho de campo, e a investigação da história evolutiva da cidade, assim como a investigação sobre casos a estudar: exemplos de intervenções em mercados do século XIX, bem como o estudo das teorias relacionadas com o tema, tendo como base o material pesquisado em bibliografia específica;
- A segunda fase refere a análise e diagnóstico do património histórico-cultural da cidade, com enfoque na leitura e interpretação do lugar, através do contacto com a população, levantamento fotográfico e registos gráficos do local, referentes aos elementos físicos que compõem o espaço, interiorizando-os com uma intuição sensível e espacial;

Esta fase gerou um gráfico heurístico e subtil, representativo e classificativo das carências detectadas e melhorias que a intervenção pretende trazer ao local.

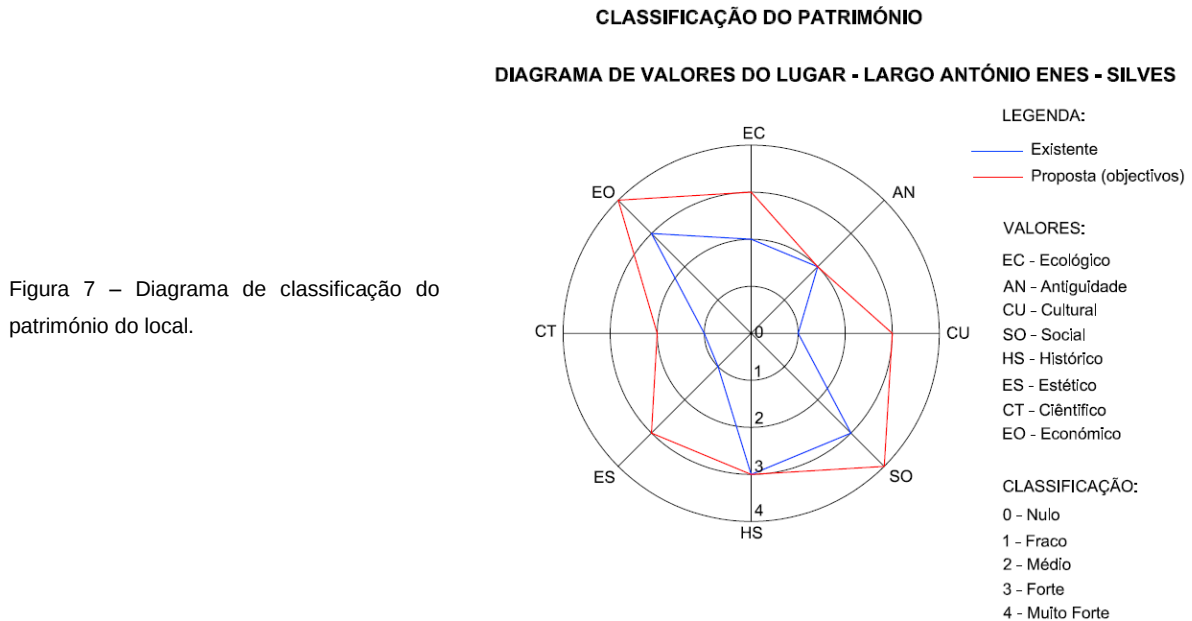


Figura 7 – Diagrama de classificação do património do local.

Na sequência dos objectivos propostos e do presente diagrama [fig. 7], a intervenção visa uma melhoria substancial na componente cultural e estética, pretende também a melhoria nos valores; ecológico, social, científico e económico, e serão mantidos os valores de antiguidade e história. Os resultados desta análise do património do local, será objecto de reflexão na conclusão.

- A terceira fase foca o programa conceptual definido pelo conceito da Composição Geométrica e sua materialização apoiada nas teorias do simbolismo abstracto de Kisho Kurokawa e intervenção de Camilo Boito. O Processo de Geometricidade tem o suporte científico da geometria e a arte de interpretação das formas, sustentando uma nomenclatura consentânea ao significado no decurso da elaboração dos estudos gráficos, geométricos e da mnemónica conceptual, de acordo com os referidos programas funcionais para cada espaço. O Sistema de Propriocepção assegura o equilíbrio das diferentes partes do Processo, a relação com a luz e a ligação à Urbe.

- A quarta e última fase trata o projecto da intervenção urbana, respeitante à regeneração do Largo António Enes e envolvente, e à intervenção arquitectónica de requalificação do edifício do Mercado Municipal de Silves, suportadas nas fases anteriores.

Estrutura do trabalho

O trabalho da dissertação é composto pela introdução, por quatro capítulos e pela conclusão:

A introdução refere o tema, o objecto de estudo, a problemática do tema, os objectivos, o método aplicado e a estrutura do trabalho.

O capítulo um aborda o estudo do mercado e a sua evolução histórica, caracterização do objecto de estudo, três casos de estudo, dois dos quais no Algarve e a fundamentação teórica de suporte ao conceito e à intervenção.

O capítulo dois trata da caracterização histórica e evolutiva do local no contexto da análise urbana e arquitectónica, salientando os momentos de crescimento e declínio ou inércia da cidade, interrelacionados com o local da intervenção. É referida a localização de anteriores mercados da cidade.

O capítulo três descreve o conceito aplicado e as premissas para o programa conceptual, através da mnemónica do conceito, constituída pelo conhecimento base (geometria), o processo operativo (Geometricidade) e o sistema justificativo (Propriocepção). Refere os principais géometras, os instrumentos da geometria e sua evolução, estudos gráficos e a Regra, a Expansão e a Redução. É definido o Elemento Fundador e o Ponto Gerador.

O capítulo quatro refere o programa conceptual aplicado ao programa funcional, traduzidos na elaboração do projecto. São apresentados os estudos geométricos, incluindo a definição da Linha Oculta da Urbe, desenhos técnicos e restantes peças desenhadas inerentes ao projecto, assim como a descrição da proposta: memória descritiva.

Por último, na conclusão consta a consequência do argumento, cerne, da presente dissertação.

CAPITULO 1 | Estado da Arte

1. Estado da Arte

1.1. Análise evolutiva do Mercado na cidade

1.1.1. Da antiguidade ao séc. XVIII

O mercado surgiu na cidade com a função primordial de um local de venda de variados produtos, e com uma função sociocultural: um sítio de encontro e reunião de pessoas, transformando-se num espaço importante na formação da cidade. É na civilização grega que o mercado começa por surgir como elemento estruturante da cidade; a Polis³ grega surge como um sistema novo da convivência civil organizada em três grandes áreas:

- As áreas sagradas constituídas por palácios e templos dos Deuses;
- As áreas privadas constituídas pelas casas de moradia;
- As áreas públicas - Ágoras onde se realizavam várias actividades tais como: as reuniões de ordem política, o teatro, jogos desportivos, o comércio, etc. Espaço livre de edificações, configurado pela presença de mercados e feiras, e por edifícios de carácter público, era um local público de excelência, elemento da constituição do espaço político e cultural, como demonstra a figura abaixo⁴.

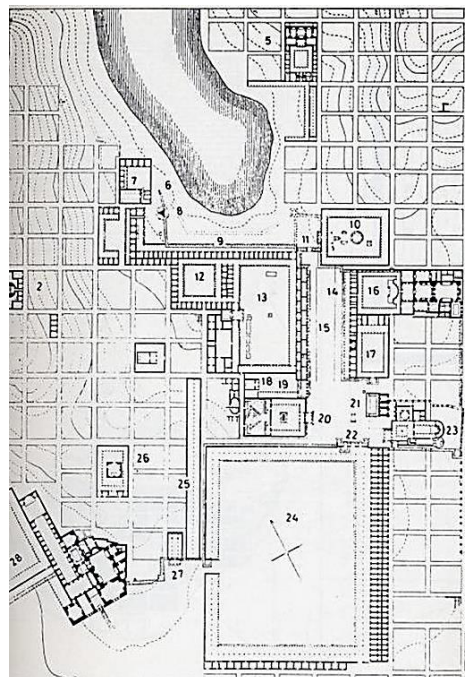


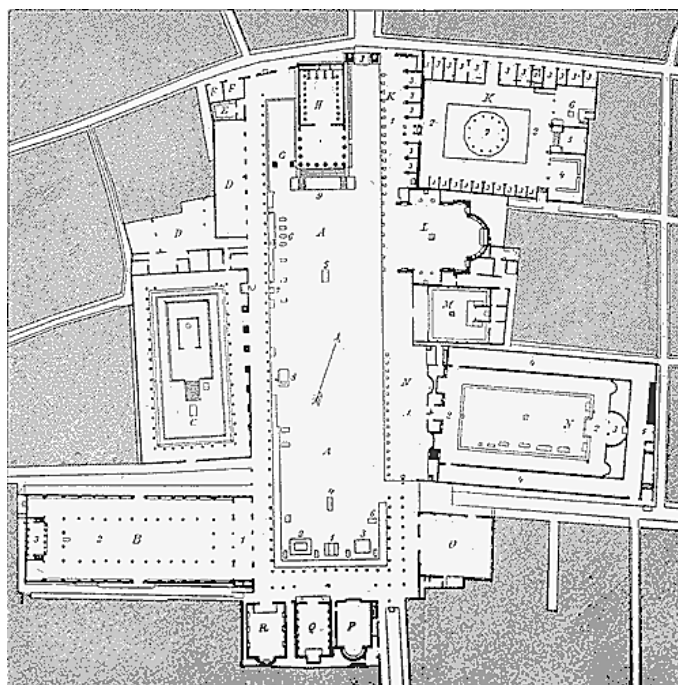
Figura 8 – Planta do Centro Cívico de Mileto: 13 - Ágora setentrional; 24 - Ágora meridional. Séc. V a.C..

³ Benévolo, Leonardo – História da Cidade. p. 75 – 132.

⁴ Benévolo, Leonardo – História da Cidade. p. 117.

O mercado, a nível urbanístico foi também influenciado pela cidade romana⁵, herdeira da cidade grega, adicionando novos modelos com padrões arquitectónicos e construtivos, que exprimem o estilo de vida greco-romano. O fórum era certamente um desses modelos, referido na figura seguinte⁶.

Figura 9 – Planta do Centro Cívico de Pompeia:
A – Fórum. Séc. VIII - VI a.C..



O fórum Romano era o núcleo onde se desenvolvia toda a vida pública, cultural e religiosa, normalmente situado junto à intersecção do *cardus* com o *decumanus*, sendo constituído por um recinto entre muros, rodeado interiormente por pórticos com uma praça interior onde se desenvolvia o mercado.

A queda do Império Romano provocada pelas invasões bárbaras implicou o declínio do urbanismo, fundado pelos gregos e adaptado pelos romanos.

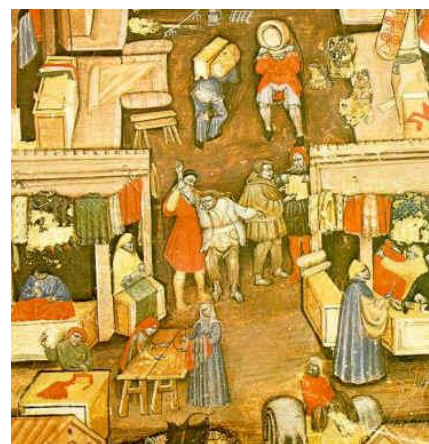
Na Idade Média a formação da cidade era espontânea, despreocupada, tanto a nível da construção como do urbanismo, sendo a cidade organizada por ruas irregulares. A praça do mercado passa a ser o espaço público mais importante na vida da cidade medieval⁷, com praças largas e ligadas estreitamente às ruas que para elas convergiam, tendo quase sempre associada a presença de uma muralha que a cercava.

⁵ Benévolo, Leonardo – História da Cidade. p. 133 – 222.

⁶ Benévolo, Leonardo – História da Cidade. p. 167.

⁷ Benévolo, Leonardo – História da Cidade. p. 251 - 400.

Figura 10 – Ilustração do Mercado da Porta de Ravenna em Bolonha, Itália, miniatura do séc. XV.



A cidade medieval era uma cidade compacta, sendo o mercado constituído por ruas de artesões especializados, pois estes vendiam os objectos que fabricavam, mercadores ambulantes que vendiam bens de necessidade regular como por exemplo os alimentos. A venda ambulante também tinha um papel importante no mercado, mas também podia ser realizada em praças e feiras e largos, com realização diária, semanal, mensal ou anual.

A cidade medieval deixou de funcionar como centro administrativo e só uma mínima parte funcionava como centro de produção e de troca. Era uma sociedade rural, isto é, a cidade crescia com o desenvolvimento de relações mercantis. Inicialmente, parte da população encontra-se no mundo rural, enquanto a outra, refugiava-se nas cidades, o que levou a uma crescente massa de artesões e mercados. Com o passar dos anos, o desenvolvimento das cidades promoveu e acelerou as mudanças nos campos, logo a cidade feudal, que se originava segundo uma economia auto-suficiente, passou a ser uma cidade mercantil que importava viveres e matérias-primas e exportava os produtos da indústria e do comércio.

No renascimento as praças de mercados continuavam a ter um papel fundamental na cidade. Umas, mais espontâneas e com uma imagem mais rural, caracterizadas pela venda de artigos a preço mais reduzido, surgem e consolidam-se na proximidade de complexos habitacionais; noutros casos, adquiriam uma feição mais urbana, e correspondiam quase sempre a uma intenção de política, como contributo para a animação dos centros da cidade. Desta forma surgem os mercados cobertos, resultado de uma mudança simbólica e espacial ocorrida na organização das cidades renascentista e barrocas⁸.

⁸ Benévolo, Leonardo – História da Cidade. p.401 - 550.

1.1.2. Os Mercados do séc. XIX e XX

A Revolução Industrial⁹ veio alterar o percurso dos eventos em todo o mundo. Na cidade industrial, o comércio era autónomo e realizava-se num determinado local. A divisão entre o fabrico e a venda permitiu a expansão do comércio retalhista, no qual se fazia no piso térreo dos edifícios, localizados nas ruas mais conceituadas da cidade. Naturalmente, o artesanato decresce e a venda de rua passou para os mercados públicos de forma a responder às necessidades de higiene, indispensáveis à transacção de produtos alimentares. Em alguns casos, principalmente nas cidades mais pequenas, o comércio encontrava-se nos arruamentos do tecido antigo, e os novos estabelecimentos surgiam em praças, arruamentos rectilíneos e largos, marginais ou mesmo exteriores ao que se passou a chamar Centro Histórico. Com a Revolução Industrial e, consequentemente, com a necessidade de construir edifícios para fins industriais, comerciais e exposições, associado à necessidade de melhorar a luminosidade e criar espaços mais amplos, levou a uma nova arquitectura, Arquitectura do Ferro, como o exemplo da figura seguinte.



Figura 11 – Vista do Mercado Ferreira Borges, Porto. Séc. XXI.

Contudo, esta arquitectura não foi executada em muitos edifícios, mas foi uma referência na arquitectura do século XIX, devido à sua luminosidade, a facilidade e rapidez de construção e possibilidade de conceber espaços amplos. De facto, a industrialização estimulou a uma urbanização muitíssimo degradada, tendo como base uma procura intensa de habitação para o operariado. O urbanismo tentou modificar este estado, tentando transformar aquilo a que se chamou “o problema das cidades”. A construção de edifícios para exposição, e de mercados, criaram em muitas circunstâncias, no plano arquitectónico, obras verdadeiramente inovadoras. Entretanto o comércio crescia e consequentemente

⁹ Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Revolu%C3%A7%C3%A3o_Industrial, consultado em 03/07/2015 às 15:20h.

a sua especialização, levando à expansão dos centros das cidades. Em diversas cidades europeias, nos anos 60/70 do séc. XIX, são construídas galerias comerciais e pequenos centros comerciais, um modelo com bastante importância imobiliária.

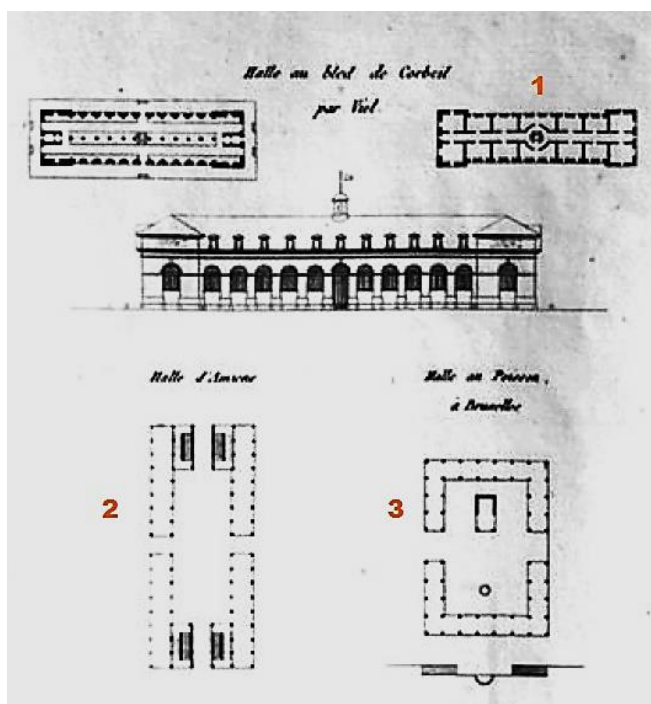
Os mercados municipais cobertos constituem a tipologia mais simbólica dessa época, concebidos em recintos próprios, do qual são total ou parcialmente cobertos, destinados à prática ininterrupta do comércio de produtos geralmente alimentares (frutas, produtos hortícolas, flores, plantas e produtos afins, carnes, peixes e outros géneros alimentícios). Nesses mercados é autorizado a venda de produtos e artigos que não ponham em causa a saúde pública. São constituídos por três “tipos” de locais de venda de produtos: as lojas, que são recintos fechados com espaço privativo, permitindo a permanência dos clientes; as bancadas, que são espaços privativos, mas não são cobertas, uma vez que funcionam dentro dos mercados; e os lugares de terrado, que para o efeito são delimitados e marcados pela Câmara, sem que com isso intervenha ou afecte as zonas de circulação ao público.

No século XX, o comércio evoluiu na sua disposição espacial com a alteração das circunstâncias de mobilidade. Estas mudanças agregam a alteração das dimensões empresariais, numa reestruturação do comércio de tal forma penetrante, que poderá falar-se de uma autêntica “revolução comercial”, beneficiada, também, pela possibilidade da abertura à noite e ao domingo das novas grandes superfícies comerciais. O fenómeno da suburbanização e o aumento da mobilidade e, ainda, a crescente deslocação individual diária, bem como a constituição de um território urbano dividido, descontínuo, mas fortemente expandido, auxiliou a ruptura com o modelo geográfico do comércio. A abertura do comércio nos centros comerciais até final do dia, incluindo aos fins-de-semana, é causa e consequência de um hábito de utilização destes grandes espaços periféricos todos os dias da semana, com a restauração e o cinema a constituírem elementos centrais ou suplementares de maior valor. Nos “centros tradicionais” a realidade é diferente, pois os ritmos são comandados pelos horários habituais da “cidade industrial” normalmente das nove às dezassete horas, os fins-de-semana sem pessoas, os dias úteis com manhãs e tardes de fortes fluxos populacionais, os automóveis, os transportes públicos e a deslocação a partir das dezoito horas, com as ruas vazias depois das vinte e uma horas.

1.1.2.1. Estudo tipológico

As tipologias dos espaços públicos em edifícios com a função de mercados apresentadas no trabalho de Jean-Nicolas-Louis Durand¹⁰, permitem, enquadrar o caso de estudo, através de uma análise comparativa na figura seguinte.

Figura 12 – Tipologias construtivas dos mercados do séc. XIX.



Legenda: Do Autor

- 1 - Mercado com duas entradas principais centradas nos topos; 2 – Mercado com quatro entradas principais centradas, um em cada lado; 3 - Mercado com pátio interior – estilo neo-românico.

O presente estudo enquadra o mercado municipal de Silves na tipologia [2].

1.1.2.2. A Linguagem arquitectónica do Objecto de Estudo

A arquitectura que caracteriza o Objecto de Estudo é conhecida como estilo Português Suave, e perdurou nas décadas de 1940 e 1950, sendo utilizada em edifícios públicos e privados estendeu-se a todo o território nacional, assumindo-se igualmente como o neo-regionalismo do Estado Novo.

O caso do mercado municipal da Covilhã é um dos exemplos persistentes com a mesma linguagem arquitectónica do mercado municipal de Silves, datado de 8 de Dezembro de 1943, na sua composição sobressaem os elementos decorativos como pedras da região nos socos, cunhais, guarnições de vãos e nas arcadas. Também se integra no tecido urbano mais antigo da cidade.

¹⁰ DURAND, J.N.L. - Recueil et Parallèle des édifices de tout genre, p.14.

Figura 13 – Vista do Mercado Municipal da Covilhã. Década de 40 do séc. XX.



O mercado da Covilhã¹¹ é constituído por três pisos que possibilitam a sua melhor integração ao relevo acentuado do local; a cobertura integra uma clarabóia com quatro metros de diâmetro e sobrepujada por um artístico lanternim. Em Julho de 2000 foi alvo de uma intervenção de remodelação, na qual se destaca a implementação de um elevador, parque de estacionamento para 50 viaturas e requalificação das zonas de vendas.¹²

A analogia entre os dois mercados tem a ver com a forma da intervenção, mantêm a mesma linguagem arquitectónica e construtiva dos edifícios, aspectos estes integrados no programa para o projecto do Mercado de Silves, nomeadamente a implementação de um elevador, a necessidade de zonas de estacionamento e a requalificação da área de vendas do mercado.

1.1.3. Contexto actual

Hoje em dia, os Mercados Municipais transformam-se em estruturas insuficientes e pouco adaptados ao nosso quotidiano. A inexistência de estacionamento nas proximidades faz com que os utentes não se forneçam de um grande número de produtos, o que origina que o utente se desloque com mais frequência ao mercado, o que é um processo desconfortável, com mais perdas de tempo e aborrecido. Outro dos problemas é o horário de funcionamento do Mercado; na maioria dos casos é um horário limitado, segunda a sexta-feira das sete horas até às dezassete horas e aos sábados das sete horas às quinze horas, pois não se torna um mercado adequado à vida moderna, desperdiçando as suas potencialidades como espaço indispensável na vida cidadina.

¹¹ Fonte: <http://www.cm-covilha.pt/simples/?f=4823>, consultado em 20/08/2015 às 16:52h.

¹² Fonte: <http://www.cm-covilha.pt/simples/?f=2675>, consultado em 20/08/2015 às 15:30h.

Estes equipamentos comerciais tradicionais localizam-se em áreas com muito movimento quer automóvel e de peões, oferecendo assim um espaço de grande apetência comercial. Alguns Mercados Municipais têm zonas com espaços descobertos e expostos às condições atmosféricas, o que leva a uma insuficiência dos serviços de limpeza e gera um desconforto quer por parte dos utentes, quer por parte dos próprios comerciantes. O envelhecimento do próprio edifício é uma desvantagem que afecta os mercados tradicionais, porque a degradação destas construções contribui para uma imagem que afasta do público. Contudo actualmente, ainda se pode fazer muito para revitalizar esta forma de actividade comercial, que tem perdido muitos utentes a benefício das grandes superfícies comerciais, especialmente para as grandes superfícies comerciais, onde o acto de “ir às compras” é conjugado com a actividade de lazer.

A diferença entre os mercados tradicionais e os centros comerciais¹³ é, fundamentalmente, o nível de conforto e comodidade que cada um proporciona ao cliente, e na forma de venda e apresentação dos produtos.

Como foi possível observado, anteriormente, apesar da importância dos mercados nas cidades, e na formação das mesmas, cada vez mais esta nova forma de comprar, tem ganho uma maior expansão. Por isso, é importante ter em atenção estas duas formas de comércio, e posteriormente ver os aspectos positivos e negativos de cada um. Os Mercados Municipais são estruturas públicas de comércio tradicional, com um importante abastecimento, à população, de produtos alimentares frescos. É compreendido como centro urbano de venda de produtos alimentares e um espaço de convívio, um ponto de encontro, com história, importante para a população e de valor na cidade. Os mercados localizam-se em lugar estratégico na cidade, definiam o centro e era o principal local de comércio. Os centros comerciais em Portugal, surgiram à poucos anos, e ainda continuam a proliferar. Com tipologias e estratégias de localização diferentes, os centros comerciais fomentam aglomerados, deslocam a cidade para os subúrbios, provocando alterações nos centros urbanos. Porque, o centro comercial é um equipamento “abrangente”, promovido pela iniciativa privada e adequado às novas formas de urbanismo comercial.

¹³ <http://www.apdr.pt/siterper/numeros/RPER03/ART03.PDF>, consultado em 20/08/2015 às 18:30h.

Existe uma oposição centro-periferia – centro do Mercado Municipal, e a periferia das novas superfícies comerciais – apesar da dimensão alargada que a cidade alcançou nas últimas décadas, esta mantém toda a sua autenticidade. O território envolvente do centro, a periferia, vê constantemente o aumento do número de residentes, e a perda de população do centro, em alguns casos o fenómeno tem números astronómicos. Esta perda de população para a periferia, deve-se a aspectos ligados ao espaço disponível para a construção, e às novas condições de mobilidade.

Hoje, são notórias as desigualdades entre o centro e a periferia, nos ritmos semanais e diários. A abertura do comércio nos centros comerciais até às vinte e quatro horas, é a causa e consequência de um hábito de utilização destes grandes espaços periféricos aos fins-de-semana (com longas filas de acesso, sobretudo ao domingo e parte de quem reside a maior distância) e aos fins de dia. No “centro tradicional” a realidade é diferente, com os ritmos comandados pelos horários habituais da cidade industrial: fins-de-semana com as artérias vazias, dias úteis com manhãs e tardes de forte afluência populacional, automóveis e transportes públicos e o abandono ao fim da tarde, pairando um vazio nostálgico ao começo da noite, os condicionalismos de horário são um contributo forte para a alteração dos hábitos de comerciais. Esta análise é uma das premissas para a definição do programa da intervenção e o fundamenta.

1.2. Casos de estudo

1.2.1. Mercado Municipal de Faro

O Mercado Municipal de Faro¹⁴ é uma estrutura comercial retalhista moderna e inovadora, que contribuirá para a dinamização da actividade dos operadores de produtos alimentares e não alimentares, proporcionando-lhes óptimas condições de higiene, e dotando as instalações com equipamentos modernos, que favoreçam a eficiência das operações, e uma adequada e atractiva exposição dos produtos, garantindo aos clientes, uma qualidade superior em produtos alimentares, uma maior diversidade de oferta de serviços de apoio, uma maior comodidade no acto das compras, proporcionando desta forma um

¹⁴ Fonte: www.mercadomunicipaldefaro.pt, consultado em 10/07/2015 às 20:00h.

espaço de comércio e de lazer com múltiplas opções. Esta solução surgiu pela necessidade de aumentar e diversificar o espaço comercial, de criar melhores condições de aprovisionamento, de criar condições para o estacionamento de operadores e clientes, sem constrangimentos no tráfego e no meio envolvente, e por outro, os condicionalismos do espaço disponível para a expansão do mercado, a conservação da traça arquitectónica do edifício e as características e identidade da zona urbana envolvente. Assim foi construído em 2005 um novo edifício de Mercado, aproximando-se da arquitectura anterior, fazendo também parte da intervenção, a organização do largo fronteiro, transformando-o num espaço de praça pedonal. O conceito presente é de um novo espaço de suporte de actividades comerciais onde se cruze o antigo prazer de “ir ao mercado”, em que a presença dos produtos frescos é determinante e, por outro lado, a conjugação com hábitos de consumo, que têm tanto de recente como de adquirido, onde o “ir às compras” significa também o passear, e o desfrutar dos espaços e montras, de refeições ligeiras e de lazer. É ainda, a possibilidade de ter tudo à mão numa só saída, e num lugar que garanta o estacionamento automóvel. O projecto contemplou a recuperação integral da zona envolvente, com a criação de uma praça pública que constitui uma zona de lazer e passeio atraente, e uma oportunidade para a vivificação da actividade nesta zona da cidade. O edifício do Mercado desenvolve-se por quatro pisos: dois em cave onde se localiza um parque de estacionamento para 492 viaturas, a zona de cargas e descargas, com armazenagem, as instalações de apoio e um supermercado ligado ao piso 0 através de meios mecânicos e com vista a partir deste.

No piso 0, onde se situava antigamente a actividade do mercado, foi substituída por espaços comerciais, devidamente organizados, equipados e com condições de exposição dos produtos, de atractividade e de ambiente, que potenciam aos operadores as melhores condições para o exercício da sua actividade, e aos consumidores um melhor local para as suas compras. No piso superior, encontra-se não só uma galeria comercial, com novos espaços para o comércio e restauração, assim como um ginásio. O novo espaço comercial dispõe de novas condições de acessibilidade, que permite aos consumidores um fácil acesso ao mercado e à sua galeria comercial e aos operadores as melhores condições para o desenvolvimento da sua actividade.

Figura 14 – Vista da Praça e Mercado Municipal de Faro. Séc. XXI.



A cidade de Faro e a sua população passaram a dispor de um novo equipamento, que permitirá o reequilíbrio da actividade no interior da cidade, e a criação das melhores condições para o abastecimento dos consumidores em produtos alimentares. O projecto do Mercado Municipal de Faro visou a remodelação, modernização e revitalização de um equipamento de utilidade pública, que não apresentava condições adequadas quer higiene-sanitárias, quer técnicas e tecnológicas necessárias à eficiência e rentabilidade dos operadores retalhistas, que nele desenvolvem a sua actividade, à garantia da qualidade dos produtos, e nem oferecia aos compradores e público em geral a atractividade necessária para ser um local de preferência das suas compras de produtos perecíveis.

1.2.2. Mercado Municipal de Loulé

Idealizado pelo arquitecto Mota Gomes e projectado no final do século XIX, a construção do Mercado Municipal de Loulé¹⁵ foi a obra arquitectónica mais marcante da primeira década do século XX, no Concelho. Para a sua construção foi adoptado um estilo neo-árabe inserido na corrente artística, denominada Arte Nova, constituído por quatro pavilhões e quatro portões, dando ênfase à dimensão e prosperidade do Concelho. Devido à sua grandiosidade, esta foi uma obra que acarretou elevados custos para a Autarquia, tendo sido necessário sujeitar o projecto inicial do Mercado a algumas alterações, nomeadamente a remoção de dois torreões da ala sul, retirando lojas, e todos os azulejos idealizados para o revestimento.

¹⁵ BATISTA, Patrícia Santos, Mercados Públicos. p. 62 – 76.

Desta forma as obras do novo Mercado Municipal foram adjudicadas em Junho de 1905 e a sua inauguração foi no dia 27 de Junho de 1908. Desde essa data o Mercado Municipal foi objecto de várias obras de beneficiação, ampliação e remodelação, sendo que a mais recente e significativa teve início em 2004.

Figura 15 – Vista do interior do Mercado Municipal de Loulé. Séc. XXI.



Na obra foi contemplado diversos aspectos tais como a construção dos dois torreões projectados em 1905, a reabilitação de todas as fachadas, a conservação das estruturas metálicas existentes, e a substituição da estrutura de betão armado da ala sul por estrutura metálica. Foram também melhoradas as condições de funcionamento nas zonas de venda, bancas com sistema amovível, e nas redes técnicas do Mercado.

A intervenção a que foi sujeito recentemente visou a valorização de um espaço visitado por milhares de turistas, a defesa do património histórico, e a criação de condições para a sua utilização numa perspectiva de modernidade, higiene e segurança, compatíveis com as exigências actuais, contribuindo para promover os produtos tradicionais da região algarvia, e para a afirmação deste espaço como local de animação e divulgação cultural, não descurando a sua vertente turística, devido à sua localização e características arquitectónicas, que o tornam o principal “ícone” da cidade de Loulé. Hoje, totalmente remodelado e melhorado, nas suas valências, este edifício nobre da cidade, tem sido palco de inúmeras actividades e iniciativas como é o caso da “Cozinha ao Vivo”, que visam não apenas tirar partido do seu amplo e elegante espaço, valorizando-o, bem como promover a diversidade e a característica dos produtos que se podem encontrar ao dispor dos utentes, nacionais e estrangeiros.

O Mercado Municipal de Loulé contribui para o desenvolvimento da economia do concelho, tendo as famílias várias gerações ligadas ao espaço. Detém também uma importante função social, uma vez que é um ponto de encontro e de comunicação, uma zona pública por excelência, considerado um símbolo da cidade, repleto de recordações individuais e colectivas. Pela sua localização e forte imagem arquitectónica, é a edificação que mais caracteriza a cidade de Loulé, sendo generalizada entre os naturais do concelho uma forte ligação afectiva com o Mercado, fruto, directa ou indirectamente, de memórias ligadas a um espaço de vidas e história por excelência.

1.2.3. Mercado da Ribeira em Lisboa

O Mercado da Ribeira em Lisboa ou Mercado da Ribeira Nova¹⁶, como se chamava inicialmente, localizado na avenida 24 de Julho a sul e no eixo ribeirinho Cais do Sodré – Alcântara, próximo da Ribeira das Naus, agora zona ajardinada e de lazer. Concebido pelo arquitecto Ressano Garcia, o edifício foi construído sobre as ruínas do antigo forte de S. Paulo, demolido nos finais do século XIX devido à implementação do Aterro da Boa Vista, onde passa hoje a avenida 24 de Julho. O mercado foi inaugurado no ano de 1882 e mais tarde destruído por um incêndio, o que obrigou à sua reconstrução, projecto que ficou a cargo do arquitecto João Piloto. Inaugurado em 1930, tornou-se um dos mercados mais importantes do abastecimento do comércio alimentar em Lisboa. Em 2014, a nave poente do Mercado da Ribeira, foi convertida em espaços de restauração, congregando 30 espaços, concessão a uma empresa privada.



Figura 16 – Vista do interior do Mercado da Ribeira em Lisboa – nova intervenção, Séc.XXI.

¹⁶ Fonte: <http://www.cm-lisboa.pt/en/equipments/equipment/info/mercado-da-ribeira>, consultado em 25/08/2015 às 21:32h.

O presente conceito de intervenção proposto visa a reabilitação e valorização do edifício do Mercado da Ribeira, conjugando o Tradicional ao Novo e, promovendo a revitalização de todo o espaço, sendo uma mais-valia para o local. As áreas concessionárias estão distribuídas por dois pisos. O piso zero está organizado com a zona de restauração ligeira, gourmet e pratos de autor, por uma esplanada exterior adjacente à fachada poente e também tem lojas e pontos de venda de produtos gastronómicos e bebidas com apoio às zonas de restauração e esplanada. O piso um está distribuído da seguinte forma: sala de espectáculos; galeria; balcão de informação.

1.2.4. Enquadramento teórico da intervenção

Este ponto descreve os princípios de uma das principais teorias de reabilitação de edifícios, e o enquadramento prático nos casos de estudo referidos anteriormente. No caso do mercado municipal de Loulé e do mercado da Ribeira em Lisboa podemos aplicar a teoria de Camilo Boito, que defendeu uma teoria moderna do restauro, restauro moderno ou restauro filológico, deixados na sua obra, Carta de Boito ou Carta Italiana do Restauro ¹⁷, consagra os seguintes princípios:

- Os monumentos são considerados como documentos privilegiados da história dos povos, além do seu valor específico enquanto peças para o estudo da história da arquitectura; a sua alteração não é admitida devido ao risco de conduzir no futuro a deduções históricas erradas;
- Quando se demonstra a necessidade de intervir num monumento, este deveria ser, antes consolidado que reparado, antes reparado que restaurado, evitando renovações e acrescentos. Assim considera-se o restauro como uma acção “in extremis”;
- Os acrescentos ou renovações de uma construção original só são admissíveis por motivos de força maior, por exemplo razões estruturais assaz justificadas. Todas as novas partes devem ser executadas de forma a transmitirem um carácter distinto da construção original, identificando a sua contemporaneidade mas sem colidir com o aspecto e leitura artística dos monumentos. Os materiais a

¹⁷ Fonte: <http://mestrado-reabilitacao.fa.utl.pt/disciplinas/jaguiar/boitocartadelrestauro1883.pdf>, consultado em 20/07/2015 às 21:32h.

utilizar devem ser distintos dos originais, identificando as partes acrescentadas e, se possível datando-as para não iludir os futuros observadores;

- Deve ser considerado inaceitável proceder a depurações para atingir uma pretensa unidade estilística e defende a preservação dos acrescentos e modificações introduzidos em épocas posteriores, desde que tenham valor histórico e artístico;
- As operações de restauro devem ficar registadas e arquivadas, com cópia deixada “in loco” e outra em organismo centralizado, recorrendo à fotografia e a desenhos para registar as várias etapas dos trabalhos, e assim identificar claramente o que, é conservado, consolidado, refeito, renovado, modificado, removido ou destruído.

A remodelação no mercado de Loulé responde aos princípios de Camillo Boito, no que diz respeito aos acrescentos e renovações por motivos de força maior e razões estruturais, com utilização de materiais distintos dos originais, facilmente identificados e destacando-se dos existentes. Por outro lado a cidade valorizou-se com o melhoramento do seu ícone, mantendo o mesmo estilo e o testemunho da história do povo. No caso do mercado de Silves será mantido ao máximo o estilo arquitectónico existente, reforçando alguns elementos estruturais e os novos materiais serão distintos dos existentes. Também com o mesmo conceito das bancas amovíveis.

No caso do mercado da Ribeira o enquadramento é feito pelos princípios da conservação e manutenção, antes reparado que restaurado. Todas as novas partes e usos foram implementados de forma a transmitirem um carácter distinto da construção e uso original, identificando a sua contemporaneidade. O mesmo será aplicado ao objecto de estudo, incluindo a reabertura de espaços fechados na zona da restauração, onde será aplicado o conceito de restauração gourmet, por forma a dinamizar e promover o espaço.

Quanto ao mercado municipal de Faro, trata-se de nova construção no mesmo local do edifício antigo, privilegiando idênticos elementos da composição arquitectónica, incluindo a construção de uma Praça pedonal inserida no Largo.

Esta intervenção enquadra-se nos critérios da teoria de Boito, no que se refere ao nível da escala do lugar, porque a massa construída visível (edifício) é mantida,

acrescentando um novo elemento, Praça, diferenciada da existente pela sua linguagem arquitectónica contemporânea. O espaço contempla um estacionamento subterrâneo. O caso da intervenção no Mercado de Silves inclui também a construção de uma Praça contemporânea e a reabilitação de um edifício devoluto destinado ao estacionamento do espaço.

Camilo Boito¹⁸ defendeu as “conservações periódicas como meio de evitar o restauro, admitindo-o apenas quando indispensável à preservação da memória. Todavia, adicionava que os complementamentos e os acréscimos deveriam ser distintos do original, marcando o seu próprio tempo.” Como tal Boito veio a concluir, “Primeiro é necessário fazer o impossível, é necessário fazer milagres para conservar no monumento o seu velho aspecto artístico e pitoresco. Segundo é necessário que os complementamentos, se indispensáveis, e as adições, se não podem ser evitadas, demonstrem não ser obras antigas, mas obras de hoje”.

1.3. Teoria do simbolismo abstracto

O arquitecto Kisho Kurokawa usou o conceito de Simbolismo Abstracto¹⁹ para conceber as formas do estádio Oita, utilizado no mundial de futebol de 2002, organizado no Japão. O estádio apelidou-se de Big Eye - o "grande olho", devido ao formato da sua cobertura retráctil que recorda um olho de proporções gigantescas sobre a superfície da Terra. A escolha do desenho esférico também é uma expressão desta teoria do simbolismo abstracto. Além disso, este formato permite que a parte retráctil da cobertura deslize por toda a estrutura. A cobertura do estádio de Oita é constituída por uma estrutura de aço em arco, e um revestimento retráctil, realizado com uma membrana têxtil com dois semicírculos. A abertura elíptica da cobertura corre no eixo norte-sul, permitindo captar e controlar a luminosidade natural.

Segundo Kisho Kurokawa,²⁰ **“Empregar geometria para criar a arquitectura** está além das diferenças entre povos, climas e regiões do planeta, pois os seus símbolos são inteligíveis por todas as culturas. O efeito alcançado com as formas é entendido numa linguagem acessível a cada um de nós: a

¹⁸ BOITO, Camilo – Os Restauradores, p.60 - 61.

¹⁹ <http://au.pini.com.br/arquitetura-urbanismo/102/nave-de-esportes-23795-1.aspx>, consultado dia 30/08/2015 às 23:53h.

²⁰ Revista aU 102 - Teoria do Simbolismo Abstracto. p. 54.

linguagem arquitectónica. A partir dessa forma de comunicação comum é possível expressar as diferenças entre culturas, tradições e regiões, desafiando a dificuldade em encontrar o equilíbrio, a simbiose entre o global e o local”.

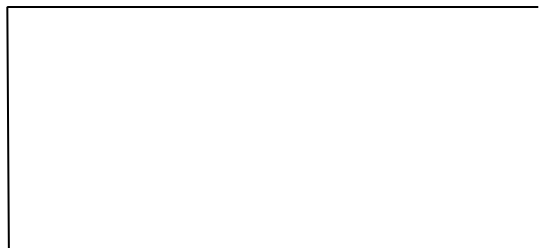
Esta Teoria foi aplicada no estudo, na medida em que, foi usada a geometria para criar a arquitectura, através do Processo de Geometricidade, do programa conceptual. Utilizou-se a geometria como a disciplina universal, base para resolver a linguagem arquitectónica, mantendo a manifestação identitária do local, com o suporte abstracto e simbólico na representação de formas arquitectónicas.

A futura Praça sobre o rio Arade enfatiza a saída das embarcações e das gentes da cidade; a relação oposta nas inclinações da estrutura de suporte do futuro passadiço sobre a praça é a demonstração do equilíbrio necessário ao suporte de um “abrigo” de uma banca; esta dinâmica do Lugar, também está patente na alternância altimétrica das leves palas sobre o terraço do Mercado.

Com a composição geométrica percebeu-se a complexidade e as dinâmicas envolvidas no Processo, a proximidade do rio ao mercado era uma condicionante para a implantação da futura praça, e para ultrapassar este impedimento e aglutinar os processos de Geometricidade dos dois espaços, praça e edifício do Mercado, foi necessário definir um ponto de ligação (Ponto Gerador), um ponto que equilibre, chame a si todas as partes do Processo. Neste contexto, surge o Sistema de Propriocepção, que se refere ao equilíbrio do corpo humano, conseguido com a informação entre o cérebro os membros (as partes do corpo). A intenção é equilibrar o Processo formando um sistema, em que se relaciona e identifica a localização de cada ponto das partes do corpo (Praça e Edifício), bem como a relação do corpo com o espaço que o rodeia (Largo). Foi então definido o coruchéu do torreão como a cabeça, contendo o Ponto Gerador – o cérebro, ponto geométrico central, localizado no torreão (Elemento Fundador) do Mercado, que se liga aos outros quatro pontos centros do conjunto, coordenando e equilibrando o “todo” - corpo.



CAPITULO 2 | CONTEXTUALIZAÇÃO DO LUGAR



2. Contextualização do lugar

2.1. Localização

O Mercado municipal de Silves localiza-se no Largo António Enes, e estes dois espaços definem o objecto do presente estudo. Silves, pertence à zona oeste do Algarve, designada por Barlavento e na cintura intermédia entre o litoral e a serra Algarvia chamada de Barrocal. A cidade desenvolve-se na parte sul da colina que emerge nas várzeas do vale do rio Arade, tendo como centro de origem o cume do monte onde assenta o castelo. A estrutura urbana demarca uma mancha que se estende para este e oeste, delimitada norte por muralha e a sul pelo rio Arade.

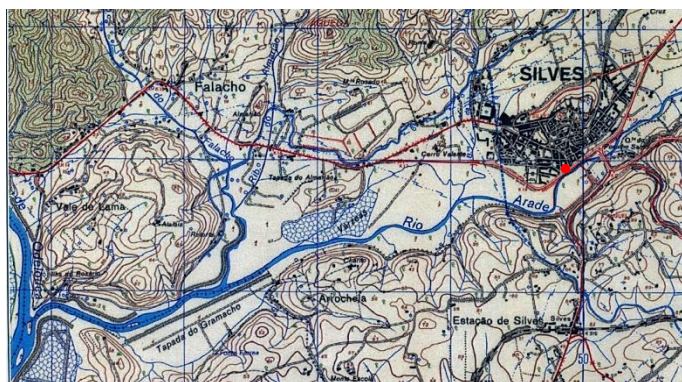


Figura 17 - Planta de localização – carta militar, cidade de Silves, assinalado o local da intervenção.

Silves²¹ é considerada uma cidade algarvia de média dimensão, com uma população aproximada de 6 300 habitantes, sede de um concelho com 680,06 km² de área. É o segundo maior concelho do Algarve em território, constituído actualmente por cinco freguesias que representam um concelho com uma população de 37 126 habitantes. Tem como concelhos limítrofes, a norte Odemira, Ourique e Almodôvar, a oeste os concelhos de Lagoa, Portimão e Monchique e a este os concelhos de Albufeira e Loulé, a sul confina com o Oceano Atlântico. O desenvolvimento da cidade é predominante na vertente sul até ao rio, localização dos primeiros assentamentos. No topo da colina o castelo ladeado a sul pela majestosa Sé, na base do vale impõe-se a ponte velha e toda a paisagem natural que integra o vale do Rio Arade, imagem de uma beleza singular, expressivo conjunto de exaltação do pitoresco.

²¹ Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Silves_%28Portugal%29, consulta efectuada em 28/01/2015 às 11:20h

A frente norte manteve-se até hoje alinhada pelas muralhas de defesa do período medieval, de onde se destacam as célebres torres albarrãs na muralha da Medina, a qual ligada ao castelo localizado no topo da colina, acompanhando a geomorfologia da paisagem natural.

Figura 18 - Vista aérea da cidade de Silves, norte. Séc. XXI



O Mercado Municipal de Silves e o Largo António Enes localizam-se na parte sul da cidade, sita zona ribeirinha, junto ao caís fluvial. O Edifício tem frente para o rio Arade e está implantado no Largo António Enes, com plataforma reduzida e fragmentada pelas viárias.

Figura 19 - Vista aérea da cidade de Silves, assinalado polígono da zona de Intervenção.



2.1.1. Enquadramento histórico e evolução urbana

2.1.1.1. Cronologia

Neste ponto refere-se as principais datas e respectivos acontecimentos históricos, que marcam a origem e a evolução da cidade de Silves com o intuito de conhecer e perceber a história da cidade e do “Lugar”.

Referenciam-se os seguintes acontecimentos²²:

²² DGEMN – Monumentos 23. p. 133 – 137.

- Séc. VIII a.C., construção da fortificação no Cerro da Rocha Branca, aproximadamente a 1km a poente da actual Silves, feitoria fenício-púnica. Primeiro assentamento urbano e importante local de comércio;
- Séc. V e IV a.C., a região é ocupada por povos Celtas, são estabelecidos novos assentamentos com alterações políticas, culturais e sociais e económicas;
- Séc. I a.C., a fortificação de Cilpes, actual Silves é ocupada por exércitos romanos, sendo introduzidas significativas mudanças políticas, culturais e socioeconómicas. No local desenvolve-se como um pólo comercial;
- Séc. II, existência da Civitas romana com influência na estrutura viária da cidade, que dispunha de importante templo no topo;
- Séc. VI e VII, período da construção da primeira linha de muralhas, a partir das construções do período tardo-romano e bizantino-visigótico;
- Em 713, Silves é conquistada pelos árabes do exército de Abd al-Aziz, passando a fazer parte do Emirado Omíada de Córdoba. É construída a alcáçova;
- Em 844, Primeira invasão normanda na região;
- Em 859, Segunda invasão normanda ao Emirado;
- Em 891, é construída a muralha da medina;
- Em 900, Silves começa a desenvolver-se rapidamente, e a sua importância geoestratégica dá-lhe o estatuto de capital do Al-Garb (Algarve);
- Em 929, durante o reinado Abd-al-Rahman III, foram demolidas as muralhas da medina deixando somente as muralhas da alcáçova. Silves é novamente incluída no Califado Omíada de Córdoba;
- Em 966, é a armada normanda é destruída pelos muçulmanos, em batalha naval no rio Arade;
- Em 1028, foi fundado o principado autónomo de Xelb (Silves), governado pelos Banû Muzayn, originando grande desenvolvimento da cidade que incluía um estaleiro naval;

- Em 1031, o Califado de Córdoba desintegra-se e inicia-se o período dos pequenos reinos autónomos das Taifas;
- Em 1048, de todas as cidades independentes do reino, Xelb (Silves) foi escolhida por Ibn Mosain para ser governada pelo seu filho o príncipe al-Mu`tamid ibn `Abbâd, distinto poeta do al-Andaluz que deixou um importante espólio ao nível da escrita, essencialmente na poesia;
- Em 1052, al-Mu`tamid ibn `Abbâd sobe ao trono de Sevilha. Nesse ano nasce em Silves o filósofo e poeta Ibn al-Sîd;
- Em 1054, os Abádidas conquistam Silves;
- Em 1082, nasce em Silves o poeta Ibn al-Tallâ;
- Em 1091, Silves é conquistada pelos Almorávidas, que desenvolvem as suas infra-estruturas urbanas, salientando-se os banhos públicos e o poço-cisterna. Foi reforçada a estrutura defensiva, composta pelas muralhas da alcáçova, medina e da cerca;
- Em 1142, o místico, poeta e emir, Ibn Qasî de Silves encabeça a revolta contra o poder almorávida no al-Ândalus;
- Em 1144, houve a desagregação do poder almorávida. Inicia-se o segundo período da Taifa;
- Em 1151, Ibn Qasî, aliado de D. Afonso Henriques, é assassinado no seu próprio palácio (castelo de Silves) provavelmente a mando dos Almôadas, pois recusou prestar vassalagem ao califa almóada;
- Em 1156, é conquistada pela tribo Almóada, inimigos do poder almorávida;
- Em 1173, inicia-se a construção da primeira fase da muralha da medina no período Almóada;

Figura 20 - Imagem do Levantamento e reconstituição – a “Xelb” (Silves) islâmica, séc. XII – XIII, alçado sul, por Victor Borges 1995-2001.

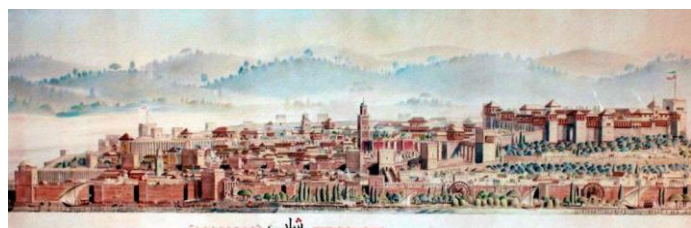


Figura 21 - Imagem do Levantamento e reconstituição – a “Xelb” (Silves) islâmica, séc. XII – XIII, alçado norte, por Vítor Borges 1995-2001.



- Em 1189, Silves é conquistada por D. Sancho I, filho de D. Afonso Henriques, denominado O Povoador que elege Silves como capital do Algarve;
- Em 1191, Silves é reconquistada pelo exército Almóada de Yaqûb alMansûr, e, nessa altura dá-se a segunda fase de construção das muralhas da medina;
- Em 1197, a cidade volta a ser conquistada pelo exército cristão constituído por portugueses e alemães;
- Em 1212, dá-se a reconquista moura e é constituída a terceira Taifa de Silves;
- Em 1241-1242, Silves, Paderne e Alvor são conquistadas aos muçulmanos pela Ordem de Santiago comandados por Paio Peres Correia;
- Em 1249, o rei D. Afonso III conquista as cidades, ainda sob domínio muçulmano, de Faro e Loulé, com a ajuda dos Espatários. Conquista também as fortalezas de Albufeira e Porches;
- Em 1266, o foral concebido pelo rei D. Afonso III permitindo que grande parte da população muçulmana de Silves possa permanecer intramuros e manter os seus bens, passando a habitar o bairro da Mouraria, incluído na cerca do arrabalde;
- Em 1268, inicia-se a construção da Sé Catedral no local onde existia a mesquita;
- Em 1270, no dia 5 de Abril, o rei D. Afonso III foi proclamado legítimo Senhor do Algarve pelo bispo de Silves D. Frei Bartolomeu;
- Em 1352-1353, houve a notícia de um grande terramoto que arruinou grande parte da cidade;
- Em 1361, houve outro grande terramoto, que levou a população a abandonar a cidade de Silves;

- Em 1372, a população de Silves pede ao rei D. Fernando I privilégios reais, para evitar o despovoamento da cidade;
- No início do séc. XV, começaram os problemas de assoreamento do rio Arade, com consequências económicas e sociais, calamitosas;
- Em 1491, o rei D. João II concedeu uma licença isentando de impostos a todos os produtos comercializados em Silves na feira de quarenta e nove dias. A cidade começa a dar novos sinais de desenvolvimento. O rei morreu em 1499 em Alvor e foi sepultado na Sé de Silves, mais tarde o seu corpo foi trasladado para o Mosteiro da Batalha;
- Em 1521, a emigração da população para as ilhas dos Açores e da Madeira e as ordenações Manuelinas puseram termo à existência legal da minoria mourisca, com consequente demolição dos edifícios públicos e de referência cultural das mourarias;
- Em 1527, Silves sofre um grande decréscimo da população, havendo relatos de ter chegado aos 271 habitantes, a sua economia decresceu consideravelmente;
- Em 1577, dá-se a transferência da sede episcopal de Silves para Faro por ordem de D. Sebastião;
- No séc. XVII, a cidade continua com problemas de crescimento demográfico, nesta altura apresenta aproximadamente 40 fogos intramuros;
- Em 1755, o terramoto destrói quase toda a cidade. Segundo relatos ficaram somente 10 habitações;
- Em 1820, a cidade começa a desenvolver-se com o comércio da cortiça;
- Em 1835, as muralhas são reparadas pela população, depois das lutas liberais;
- Entre 1842 e 1844, demolido um troço de 40m da muralha da medina e uma torre albarrã, junto da Porta da Vila / Porta de Loulé, para a construção do edifício da Câmara Municipal;
- Em 1850, Silves está em franca expansão com o comércio da cortiça e a população em crescimento;

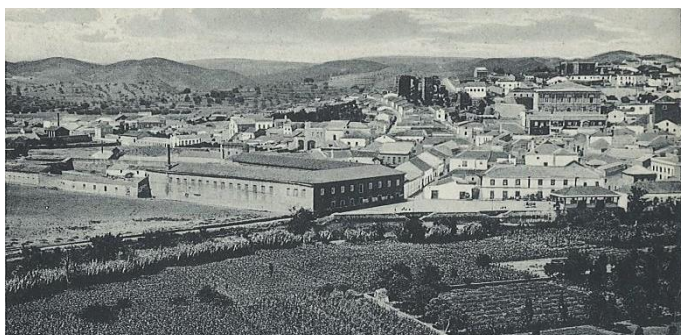
- Em 1874, a R. do Castelo é alargada e destruída a Porta do Sol (entrada nascente da medina);



Figura 22 - Vista panorâmica da cidade de Silves, à esquerda os antigos; Largo do Caís e o edifício do Mercado; à direita a destruição das muralhas para novos arruamentos, ano 1883.

- Em 1889, construção do edifício da Câmara Municipal;

- Em 1890, é mencionada a existência de onze estabelecimentos industriais de transformação da cortiça, contendo várias centenas de trabalhadores. Destacando-se as fábricas: Vilarinho e Sobrinho



- Real Vilarinho e Sobrinho e Avern Sons & Barris - Fábrica do Inglês;

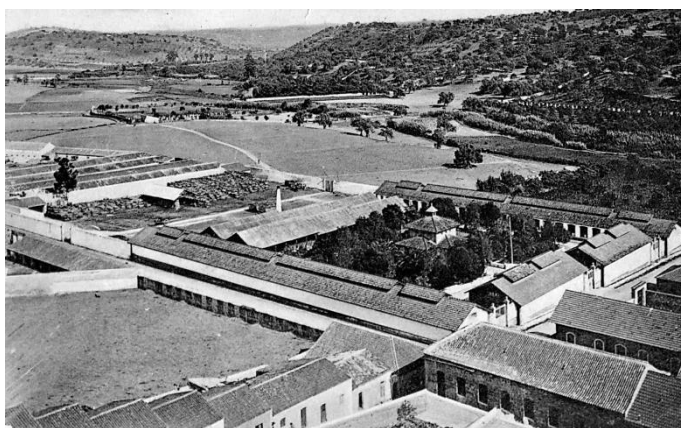


Figura 23 - Vista parcial da cidade de Silves – parte ocidental, fábrica Real Vilarinho e Sobrinho junto ao Largo António Enes, ainda com o edifício do Mercado Antigo, a montante, já construído o edifício da Câmara Municipal, início do séc. XX.

Figura 24 - Vista parcial da cidade de Silves – parte oriental, fábrica Avern Sons & Barris – fábrica do Inglês, início do séc. XX.

- Em 1922, é inaugurada em Portimão a ponte ferroviária sobre o Rio Arade, impedindo a passagem de embarcações com mastros.

- Em 1940, durante a comemoração dos Centenários da Fundação e da Restauração da Independência, são efectuadas as obras de reconstrução do Castelo, coordenadas pelo Ministério das Obras Públicas, através da Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais. As obras, fundamentais para a consolidação do monumento, foram efectuadas durante o regime do Estado Novo, procedendo-se nessa ocasião à reconstrução das muralhas e torres, tal como ainda existem hoje.

- Em 1950, a cidade tem uma população aproximada de 37.500 habitantes;

- Em 1958, é construída a Barragem do Arade para apoio à agricultura de regadio e um ano antes é concluída a primeira parte do edifício do Mercado Municipal de Silves;



- Em 1962, é inaugurada a Ponte Nova sobre o rio Arade, desmantelada a travessia de madeira e mudado todo o tráfego rodoviário para a nova ponte. É a principal entrada sul na cidade, com vias de ligação directa a Algoz, Alcantarilha e Lagoa;

Figura 25 - Vista do novo acesso rodoviário (entrada principal) na cidade de Silves - zona sul, ponte nova e frente fluvial (local do futuro traçado da EN 124), década de 60 do séc. XX.

- Na década de 1970, é construída a Estrada Nacional nº 124, Alcoutim–Portimão, importante via do interior



Algarvio, passa na frente fluvial da cidade de Silves sobre a antiga Avenida Marginal da cidade, construída em 1968. A E.N. 124 impõe-se como uma linha de fronteira entre a cidade e o Rio Arade. Desta altura em diante esta via passa a configurar como a “Avenida Marginal” de Silves;

Figura 26 - Vista da cidade de Silves – Mercado Municipal, E.N. 124, caís, rio Arade e ponte velha, década de 70 do séc. XX.

- Séc. XXI, A cidade de Silves apresenta inalterada a imagem do local da intervenção desde a década de 70 do século passado, o edifício do Mercado Municipal de Silves, o Largo António Enes e o Caís são as evidências materiais. Desde a sua concepção e utilização não se conhecem quaisquer operações urbanas estruturantes e significativas, salvo na estrutura edificatória da envolvente.

2.1.1.1.1. Pontos de Mercado

Os “pontos de mercado” são os espaços na cidade onde se realizaram e realizam os mercados^{23 24}, caracterizados por: espaço público em recinto ao ar livre; espaço público com edifício e recinto ao ar livre; espaço público em edifício totalmente coberto. Na cidade de Silves indicam-se os seguintes locais:

- “Zuq”- zona comercial do séc. IX, localizada no interior de Medina, no cimo do Largo José Correia Lobo e a intersecção com a Rua do Saco, que prolonga a R. da Porta da Azóia;
- “Rua da Feira” - actual Rua Samora Barros, conhecido como o primeiro mercado de frutas e legumes;

²³ Revistas monumentos 23. Setembro 2005. p. 15

²⁴ CMSCV / B/A/001, Atas da Câmara Municipal de Silves

- “Mercado dos Legumes”, na actual Praça do Município, mercado de frutas e verduras até início do séc. XX, e de 1920 até á abertura do actual Mercado Municipal;



Figura 27 - Praça do Município - Silves, primeira metade do séc. XX.

- “Praça”, actual edifício da G.N.R., mercado de produtos hortofrutícolas, aberto em 1912 e fechado em 1920 para aquartelar a G.N.R.;
- “Praça do Peixe” edifício do mercado do peixe, construído em meados do séc. XIX no antigo Largo do Cais, demolido na segunda metade de séc. XX.



Figura 28 – Rio Arade, Caís e Praça do Peixe - Silves, primeira metade do séc. XX.

Figura 29 – Planta localização – Silves, “Pontos de Mercado”.

Legenda:

1 - Zuq; 2 – Rua da Feira; 3 - Mercado dos Legumes; 4 – Praça; 5 – Praça do Peixe; 6 – Mercado Municipal.

— Linha dos Mercados de hortofrutícolas



2.1.1.2. O Legado

A herança histórica da cidade de Silves é imensa, ainda hoje visível nos inúmeros monumentos, na estrutura construtiva e no tecido urbano, que portadores de características únicas e identitárias marcam os valores dos diferentes períodos do passado. Para além do património material foram-nos deixados valores imateriais, um rico e vasto conhecimento das culturas árabe, moçárabe e cristã. Como se pode verificar a história da cidade de Silves teve dois períodos, no desenvolvimento urbano, particularmente característicos: a cidade Medieval e a Cidade Industrial.

2.1.1.2.1. A Cidade Medieval e a Cidade Industrial

O período medieval ficou registado pelo legado da cultura islâmica, a qual deixou raízes profundas na cidade e em toda a região Algarvia em diversos domínios, tais como: - Construção (alvenarias); - Comércio; - Ciências dos pesos e das medidas; - Náutica; - Direitos da terra e das gentes; - Botânica; - Medicina; - Agricultura e Sistemas Hidráulicos.

É durante a ocupação islâmica que Silves (Xelb, Xilb ou al-Shilb) conhece o seu apogeu e se revela como cidade, particularmente no período entre os séculos XII e XIII, com a expansão urbana bem expressiva, crescimentos extramuros com consequentes construções de diversas linhas defensivas (muralhas). A Estrutura defensiva da cidade era então constituída por três linhas de muralhas, algumas ainda hoje bem visíveis, definindo quatro importantes espaços²⁵:

- A Alcáçova
- A Medina
- Os Arrabaldes
- Porto com estaleiros

A Alcáçova, actual Castelo de Silves localiza-se no topo da colina da cidade. Constituída por uma muralha ameada, acompanhada por adarve no cimo e em quase todo o seu perímetro não está cercada totalmente pela medina por razões de segurança, permitindo a comunicação directa com o exterior.

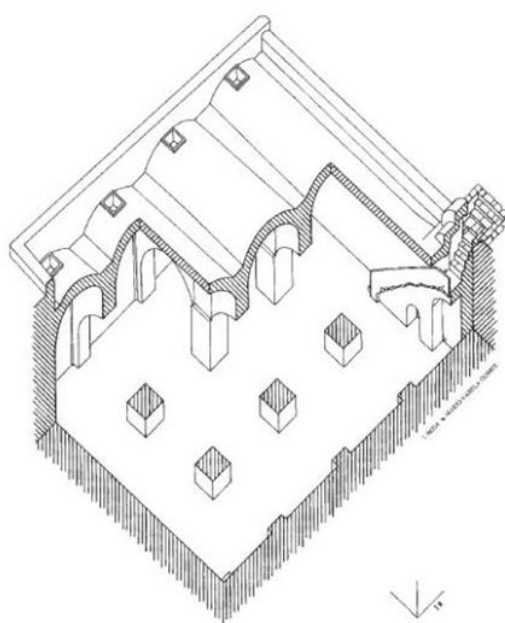
A planta tem a forma poligonal irregular que segue o relevo, onze torres de planta quadrangular com concepção diferente, quatro das quais são torreões que tiveram funções importantes pelo espaço interior, e duas são albarrãs, isto é, destacam-se do pano de muralha através de um passadiço.

A torre de menagem também designada por torre de Aben Afan é a mais expressiva, e palco de actos cerimoniais e ultimo abrigo. O Castelo ocupa uma área de aproximadamente de 12.000 m², com as duas entradas em arco de volta perfeita. A entrada principal está localizada a sul, comunica directamente para a Medina e está protegida por duas torres e uma porta secundária, dificultando a entrada aos inimigos que passavam na primeira. As supracitadas torres estão ligadas por uma abóboda de berço. A outra porta, designada de porta da traição situa-se a norte e faz ligação directa para o exterior. A fortificação foi construída inicialmente em taipa, e mais tarde revestida com pedras de arenito vermelho (grés de Silves – material típico da região com tom avermelhado), juntas de argamassa de cal, areia e argila. No interior da alcáçova existem várias construções dessa época, desta salientam-se, os silos subterrâneos, as casas muçulmanas e a Cisterna da Moura (Aljibe). Esta ultima é um enorme reservatório

²⁵ Revistas monumentos 23 Setembro 2005 p. 12 – 17.

de água enterrado com dez metros de profundidade e uma área de 820m², datado do séc. XI, com cobertura abóbada constituída por quatro naves apoiadas nas paredes perimetrais e em três linhas de arcadas centrais com três arcos de volta perfeita e dois pilares centrais em cada alinhamento. Este exemplar demonstra a erudição geométrica nas formas arquitectónicas no período islâmico. Está ligado a uma das várias lendas de Silves, do rei-poeta Almutâmide.

Figura 30 – Desenho em perspectiva do grande “algibe” (cisterna), Castelo de Silves.



A Medina ocupa a encosta sul e oeste da colina, local dos bairros residenciais dos povos árabes, berberes e população autóctone. Apresenta um rico património arquitectónico e monumental caracterizado essencialmente pela morfotipologia urbana de herança islâmica ainda hoje patente na malha urbana irregular e orgânica definida por ruas e travessas em cotovelo com socalcos e escadinhas ajustadas ao relevo do terreno, onde predominam as habitações térreas com telhados de duas águas em telha.

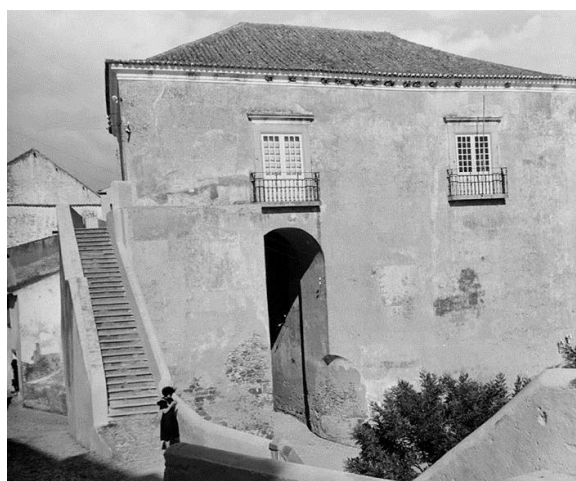
As construções e elementos arquitectónicos mais notórios desse período são a muralha e torrões em taipa, as torres albarrãs, a porta da Vila e o poço cisterna. O poço cisterna é um reservatório de água, construído em grés de Silves nos séculos XII-XIII pelos Almóadas em que o acesso à água era efectuado por uma escadaria abobada e em espiral em torno do poço, ligando a três janelas

com alturas diferentes no percurso. Este monumento encontra-se no interior do edifício do Museu de Arqueologia de Silves.

A Medina era delimitada por uma importante estrutura militar defensiva amuralhada, continha três portas de acesso, cada uma defendida por torres. A Porta do Sol a nascente, a Porta da Azoia a poente com acesso aos campos agrícolas e florestais e a Porta da medina (Porta da Vila ou Porta de Loulé) com ligação pela rua Direita até à Alcáçova e à antiga zona comercial (Zuq), localizado cimo da rua Direita. Esta última foi a principal porta de acesso aos arrabaldes, do porto fluvial com estaleiros, e à ponte.

Actualmente só existe a Porta da Medina que teve algumas alterações durante a ocupação cristã. Trata-se de uma estrutura maciça e sofisticada, torreão em forma de uma torre albarrã com entrada em cotovelo, acesso com duplo passadiço fechado por arco de volta perfeita e ainda protegida por duas torres albarrãs. No topo da torre existem duas salas e anexos, que constituíram o primeiro espaço destinado, respectivamente, a Casa de Câmara, Camara Municipal e a Biblioteca Municipal. Considerado por alguns historiadores como local onde existiu o emblemático Palácio das Varandas, antes da descoberta das casas muçulmanas no interior da Alcáçova.

Figura 31 - Vista poente da porta da Vila “Torreão”, Silves, em finais do séc. XIX.



A partir da reconquista cristã a rua Direita no interior da medina, actual rua da Sé, passa a possuir as habitações com maior importância, térreas e de dois pisos com as coberturas de telha com duas ou mais águas. O edificado lateral do arruamento congregava

espaços reservados ao poder real, nobreza, clero, serviços administrativos e ao comércio dos judeus.

Nos séculos XV e XVI dá-se um investimento nas obras públicas ao nível da reestruturação urbana e alargamento da rede viária e são construídos edifícios públicos que testemunharam à época a riqueza da cidade. A Igreja da Misericórdia, edifício do século XVI, é um exemplo, evidenciando a sua origem manuelina no pórtico da portada lateral e outro são as obras de reconstrução da Sé. A Sé é o mais emblemático monumento do período cristão inserido no espaço da medina, situada a jusante da entrada principal do Castelo. A sua origem está referenciada em 1189, data da primeira conquista cristã. Relatos referem que a catedral foi fundada sobre o principal centro de culto islâmico, a antiga Mesquita Maior, situação que se terá repetido na reconquista definitiva na segunda metade do Séc. XIII, quando é referida a construção de Sé, a partir de meados do séc. XV e concluída no séc. XVIII. É caracterizada por planta de cruz latina constituída por três naves, um transepto e cabeceira tripartida, predominância da arquitectura de estilo gótico, visível no portal de arco ogival na entrada da fachada principal, nos arcos quebrados no interior, nas abóbodas de pedra do cruzeiro e nas capelas da cabeceira em cruzaria de ogivas e o arco triunfal que separa a capela-mor do transepto com intradorso rendilhado e os janelões com vitrais na cabeceira e nos topos do transepto. Como demonstra a figura seguinte.



Figura 32 – Vista aérea da Sé de Silves, séc. XXI

Nos arrabaldes o que resta desse período são essencialmente os registos arqueológicos e a estrutura fundiária, que ainda hoje se revela em zonas de estruturação mais antiga, com tecido urbano de carácter espontâneo e traçado irregular, o qual seria defendido por uma muralha designada por Cerca. É referido a importância desta zona no desenvolvimento da cidade, demonstrado pela localização estratégica das portas da medina, testemunhos históricos confirmados pelos achados arqueológicos.

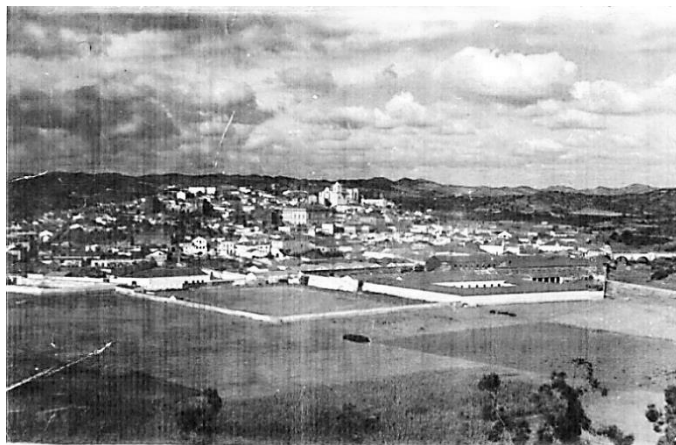
No período islâmico refere-se ainda a existência do porto com estaleiros navais, importantes infra-estruturas para manutenção do comércio com o exterior, local das trocas comerciais, entreposto de exportação de madeira para o resto do mundo islâmico e porta de entrada e saída na cidade. A cidade islâmica apresentava uma extensão semelhante ao que existe actualmente. Ainda hoje é possível vislumbrar na imagem da cidade os traços característicos daquele período e a sua comensurabilidade. É a partir das zonas dos antigos arrabaldes e portuária que a cidade vai conhecer um segundo período de grande transformação e desenvolvimento, designado por Cidade Industrial.

A Silves Industrial²⁶ teve o seu apogeu, entre a segunda metade do século XIX e a primeira metade do século XX, com a indústria de transformação da cortiça, e que tornou Silves no principal pólo da indústria corticeira do país, exportando essencialmente cortiça em bruto e semitransformada, chegou a ter mais de três dezenas de fábricas de transformação de cortiça na cidade. A fábrica Vilarinho e Sobrinho foi a maior fábrica de cortiça do país em 1890, promovida em 1897 pelo Rei D. Carlos, passando-se a designar “Real Vilarinho e Sobrinho”.

Localizada a oeste do actual mercado municipal nos finais do séc. XIX, chegou a ser uma das mais importantes do país, empregando mais de 500 trabalhadores e fixando os operários em bairro residencial com infra-estruturas de apoio, que incluíam campo de futebol para actividades desportivas, como se pode observar na primeira foto [fig. 33] da página seguinte.

²⁶ Revistas monumentos 23 Setembro 2005 p. 31 - 37

Figura 33 - Vista da Fábrica “Real Vilarinho e Sobrinho”, Silves, bairro dos operários e campo de futebol, início do séc. XX.



A fábrica Avern Sons & Barris, actualmente designada por fábrica do Inglês, foi na altura outro, dos maiores complexos industriais da cidade, no sector de transformação da cortiça.

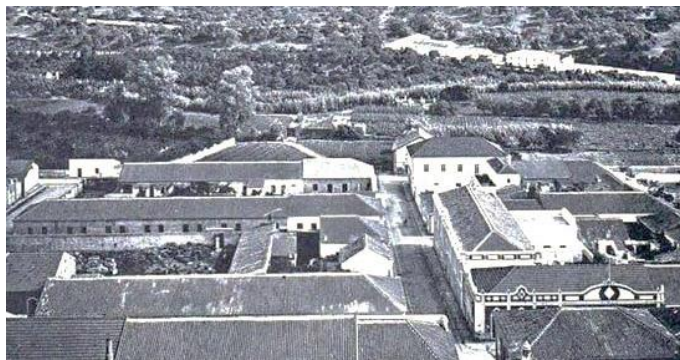
Figura 34 - Imagem dos Trabalhadores na fábrica Avern Sons & Barris ou fábrica do Inglês – Silves, fabricação de rolhas de cortiça, início do séc. XX.



O pico da Cidade Industrial foi no ano de 1890, empolgada pela indústria da transformação da cortiça. Nesta data constroem-se grandes quarteirões ocupados por fábricas de grande área descoberta e coberta com fachadas cegas interrompidas pelos portões de entrada, normalmente com uma cêrcea de dois pisos, são construções em alvenaria de tijolo e/ou pedra rebocada e reforçadas com estrutura metálica, a cobertura é em telha de duas águas assente em asnas de madeira ou estrutura metálica. Junto às naves industriais emergem as habitações de alguns trabalhadores e proprietários. As primeiras habitações dos proprietários tem uma tipologia edificatória constituída essencialmente por dois pisos em que o piso térreo era destinado ao comércio e o superior à habitação, predominando as varandas com guardas em ferro forjado trabalhado e nas fachadas os pormenores arquitectónicos são evidenciados com revestimentos em azulejos, cantarias nos vão e platibandas ornamentadas e pintadas com cores

vivas. Estas casas surgem em duas zonas da cidade, com uma nova malha urbana de traçado regular e linear e uma tipologia edificatória adequada à função pretendida, tipificada na arquitectura industrial, resultando uma nova paisagem urbana, na morfologia da cidade e na arquitectura.

Figura 35 - Vista da cidade de Silves, zona este, tecido urbano da zona industrial, edifícios fabris e bairro operário, primeira metade do séc. XX.



Paralelamente ao desenvolvimento da cidade surge o crescimento demográfico, nasce e fixa-se uma nova classe endinheirada ligada ao comércio e à indústria, começam a adquirir o edificado existente na zona mais antiga da cidade, alterando-o e ampliando-o, modificando a volumetria e estética, com grande impacto no tecido social da cidade. Os edifícios passam a ter uma tipologia onde predominam os dois pisos, com fachadas mais nobres. A cidade mostra a sua riqueza e poder económico, segregando as classes operárias para os bairros periféricos junto às zonas fabris.

A cidade medieval e a cidade industrial são dois períodos da história da cidade de Silves, que deixaram marcas visíveis na urbe, um vasto património que ainda hoje caracteriza o Lugar.

2.1.1.2.1.1. Análise morfológica

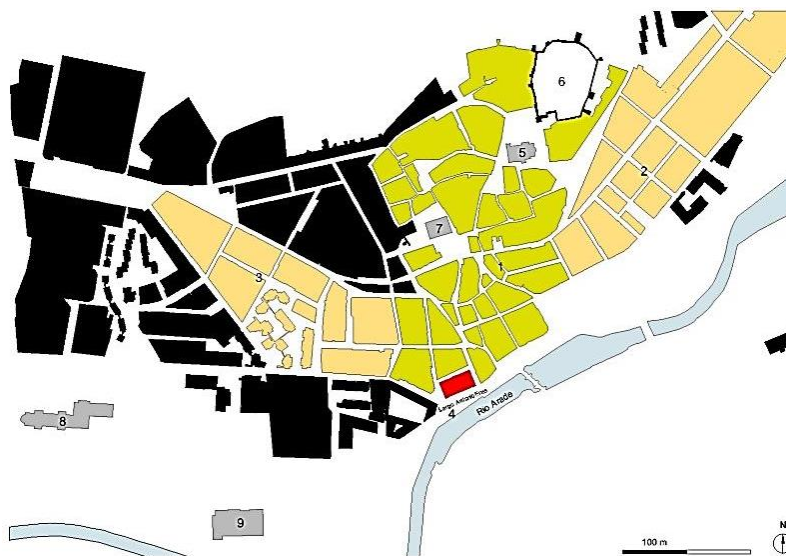
A análise morfológica do local passa pela leitura do território e interpretação urbana da cidade, estudo realizado com o apoio da cartografia disponibilizada²⁷. Durante o estudo foram detectadas as diferentes malhas urbanas, resultantes dos períodos de desenvolvimento e de inércia da urbe, os quais deram origem a diferentes áreas de expansão, provocando diversas tipologias morfológicas.

²⁷ Planta cadastral e levantamento topográfico da cidade de Silves. Fonte: Câmara Municipal de Silves – DPTIG/SRIG, elemento fornecido em 23/11/2014.

O tecido urbano de Silves é conhecido por duas morfologias: irregular e regular, as quais reportam os dois grandes períodos de expansão da cidade, referidos anteriormente. O objecto de estudo insere-se na malha irregular [fig. 36].

Figura 36 – Planta da morfologia urbana, Silves.

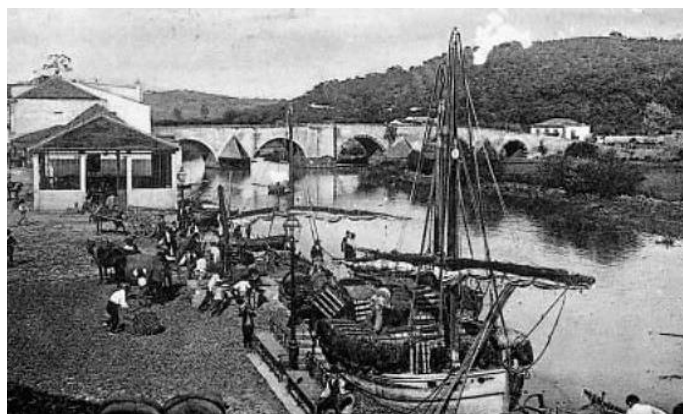
Legenda: 1 - Malha irregular; 2 - Malha regular; 3 - Malha regular com quarteirão fragmentado; 4 - Caís; 5 - Sé; 6 - Castelo; 7 - Câmara Municipal; 8 - FISSUL; 9 - Piscinas municipais.



2.2. A cidade e o rio

O rio Arade foi desde de sempre a principal via de comunicação da cidade, responsável pelo desenvolvimento económico, social e cultural da urbe, bastante evidente durante os períodos da Cidade Medieval e Cidade Industrial. Ligação estrita entre o rio e a cidade, sendo o porto fluvial o elo forte da relação, e a principal passagem para a cidade, “porta da urbe”. Foi o porto da saída das exportações, constituído por um largo com cais, área outrora designada por Largo do Cais, actual Largo António Enes. Na figura seguinte é possível observar as dinâmicas da actividade económica no local.

Figura 37 - Vista do Rio Arade e Caís, Silves, carregamento de cortiça em embarcações com mastro, início do séc. XX.



Como se pode reparar, o Largo do Cais foi importante espaço público, usufruindo de importante infra-estrutura fluvial, cais, utilizado como principal porta para a via de comunicação fluvial com o exterior, local de desembarque e embarque de pessoas e bens, de e para a cidade [fig. 38].

Figura 38 – Vista do Largo do Cais, edifício do antigo mercado do peixe e ponte Velha, Silves, transporte de pessoas e mercadorias, início do séc. XX.



Para além da forte actividade económico-social existente no Rio Arade e do Largo do Cais, o património imaterial do lugar foi sempre incomensurável, ressalta-se as inúmeras valências do local, nomeadamente actividades de lazer e recreio aí realizadas [fig. 28]. Silves no início do séc. XX, passou a usufruir de mais um importante espaço de âmbito cultural, o Teatro Gregório Mascarenhas inaugurando em 1909, que congregava grande parte da vida cultural da cidade, através do teatro, da música e do cinema, serviu de instalações à Sociedade Filarmónica Silvense a partir de 1937. Classificado como edifício de interesse público e propriedade da Autarquia foi recentemente reabilitado. Também na segunda metade do século séc. XX foi construído o edifício do cinema, actualmente em estado devoluto. Podemos salientar o paradigma da cidade Industrial como razão da última grande expansão urbana e desenvolvimento da cidade de Silves. Ainda hoje o largo António Enes, antigo largo do cais, é a zona mais movimentada da cidade. Ponto de encontro, local de comércio, lazer e início dos roteiros turísticos programados à zona histórica da cidade.

2.2.1. A remanescência do Largo do Cais

Foi em 1972 que a zona do porto, “pulmão” do desenvolvimento da cidade, começou a perder a sua importância, por causa dos primeiros sinais de inavegabilidade no rio Arade, já evidenciados na dificuldade de acesso às embarcações da “carreira da flandres”, por causa do seu maior calado.

Os problemas iniciais de assoreamento do rio Arade devem-se exclusivamente a causas naturais, associados aos sucessivos terramotos que a cidade conheceu até ao grande terramoto do ano de 1755. Também o comércio mercantil passou para os portos marítimos de Vila Nova de Portimão, Sagres e Lagos. Este facto originou a deslocalização dos estaleiros de construção naval para Portimão e ao consequente encerramento da Casa da Alfândega de Silves. Estes fenómenos provocaram a emigração da população da cidade para as povoações costeiras, as quais estavam em franco desenvolvimento devido às actividades ligadas ao mar, particularmente com o início dos descobrimentos no início do século XV.

A partir de 1820 o porto comercial volta a ter uma importância crucial, com surgimento da cidade industrial, nasce o Largo do Caís e o rio volta a ser a via de comunicação aproveitando as marés cheias para a navegabilidade.

Figura 39 - Vista do rio Arade e caís, assoreamento do rio, início do séc. XX.



A partir de 1922 agravam-se os problemas de navegabilidade no rio Arade causados pela intervenção humana. As embarcações do Rio que faziam a ligação da cidade de Silves com o exterior deixaram de usar mastro, é notória a inexistência de embarcações com vela devido à conclusão (inauguração) da ponte ferroviária sobre o rio, localizada na zona da foz, em Portimão. Ao contrário da ponte rodoviária mais antiga, a ponte ferroviária actual não possui passagem para embarcações com mastros. A foto seguinte [fig. 40], é demonstrativa da inexistência de mastro nas embarcações que faziam o transporte de pessoas e bens de e para a cidade.

Figura 40 - Vista do Rio Arade e Largo do Caís - Silves, embarcações sem mastros, transporte de pessoas e mercadorias, primeira metade do séc. XX.



A construção da barragem do Arade em 1958, localizada a montante da cidade, na zona serrana, foi a última e fatal condicionante para a navegabilidade do rio Arade até Silves, tendo ficado estrangulada a constância do caudal, impedindo-se assim a entrada de embarcações de médio e pequeno calado, provocando ainda mais o processo do assoreamento do rio.

O Rio Arade foi relegado da sua função talassocrática, passando a ter mais notoriedade como elemento natural da paisagem urbano, essa perda como principal via de comunicação implicou a despromoção do largo do Cais. No seu lugar surge o actual Largo António Enes, o qual acabou por ser também afectado, fragmentação da sua plataforma pedonal, causada pelos arruamentos perimetrais e pela E.N. 124 de Alcoutim – Portimão, que se interligam, comunicando à nova ponte de acesso às vias de ligação para sul. O traçado da E.N.124 no perímetro territorial sul da cidade, marginando o rio em toda a frente fluvial, fixou-se como uma via “separadora” da cidade com o rio, a partir da década de 70 do século passado.

Actualmente a navegabilidade do Rio Arade até à cidade de Silves só é possível com embarcações de pequeno calado e durante o período da maré alta.

O turismo fluvial [fig. 41]: passeios de barco de Portimão e Ferragudo até Silves e retorno, assim como os desportos náuticos: subida do rio Arade, são a grande oportunidade de desenvolvimento da zona ribeirinha de Silves e, a afirmação da identidade e simbolismo do antigo Largo do Caís.

Figura 41 - Vista do Rio Arade e Largo António Enes, Silves, embarcações de turismo. Séc. XXI.



O presente trabalho de regeneração do Largo inclui a reabilitação do cais, e da frente fluvial, intervenção essencial para a melhoria do valor patrimonial do local.

“ A história vai ser simples quando for entendida; o homem vai ser humilde quando entender a História; quando ela, para ser entendida, se tiver feito geometria.”²⁸

Agostinho da Silva

²⁸ Fonte: <http://kdfrases.com/frases/geometria>, consultado em 22/07/2015 às 21:32h.

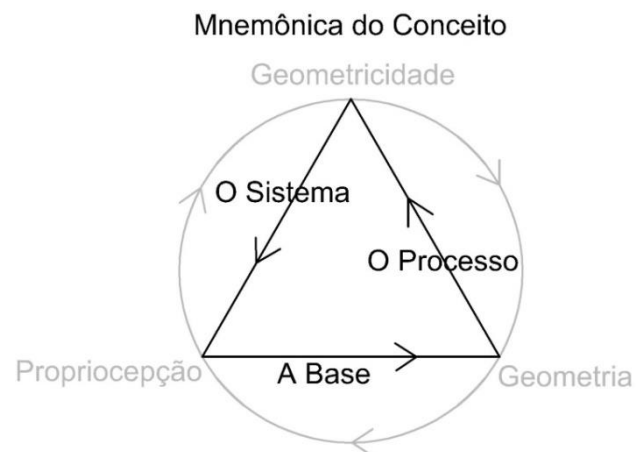
CAPITULO 3 | BASES DA CONCEPTUALIZAÇÃO E FORMALIZAÇÃO DA PROPOSTA

3. Bases da conceptualização e formalização da Proposta

3.1. Mnemónica do conceito

O conceito da conceptualização e formalização da proposta é a “composição geométrica”, que dá a forma à arquitectura. Os seus instrumentos no presente estudo, são definidos e representados através de um esquema mnemónico, baseados no manifesto da geometria. A Geometria emerge como a disciplina elementar do estudo, a Base científica que se funde à arte e à filosofia gerando o Processo. O Processo é a Geometricidade, método operativo / qualitativo e multidisciplinar realizado durante a conceptualização da proposta. O equilíbrio do Processo é conseguido pelo Sistema proprioceptivo, Propriocepção, ligações lineares das projecções, dos e entre os pontos (centros) da proposta: centro do torreão, centro do mercado, centro da praça e centro do palco. A Base, o Processo e o Sistema contêm os cânones que transforma o objecto e materializam a ideia.

Figura 42 - Diagrama da mnemónica do conceito.



O conjunto impõe-se como o principal procedimento intuitivo e perceptivo sob o comando da arquitectura.

“A geometria é uma ciência sobre as propriedades do espaço de forma sintética e ainda determinado á priori.”²⁹

Immanuel Kant

²⁹ Fonte: <http://kdfrases.com/frases/geometria>, consultado em 22/07/2015 às 22:10h.

3.2. A origem do pensamento geométrico

A origem da geometria³⁰ pode ser traçada às civilizações de Harappa (3300 – 1300 a.C.) e da Babilónia, com os registos mais antigos, referentes a triângulos obtusos, datados de cerca de 3000 a.C.. Os egípcios já na antiguidade eram exímios geómetras, utilizaram processos geométricos simples como a marcação das parcelas das terras regadas pelo rio Nilo, até aos mais complexos traçados para a construção dos exuberantes templos e pirâmides, assim como criaram o sistema de escrita denominado hieróglifos tendo sido encontrado um papiro datado do ano 1650 a.C. que veio dar um maior conhecimento sobre a resolução dos problemas geométricos, utilizavam com frequência a fracção $\frac{2}{3}$, a qual era representada através de um símbolo hierático.

Figura 43 – Papiro de Rhind, antigo Egipto.
Ano 1650 a.C..



É evidente que a geometria mais antiga era considerada uma prática contemplativa, em que esta funciona como uma actividade intuitiva, sintetizadora e criativa da mente, sem por isso deixar de ser uma ciência exacta, transformada em geometria prática no momento da aplicação de leis geométricas no quotidiano³¹.

A antiga geometria³² consistia numa série de princípios empíricos sobre relações entre lados, ângulos, áreas e volumes, desenvolvida de modo a satisfazer necessidades do acto de construir. Ao contrário da geometria euclidiana e da geometria mais recente, o antigo pensamento geométrico engloba também uma vertente filosófica e metafísica, tentando visualizar através de símbolos a ordem pura e formal do plano divino.

³⁰ Fonte: https://books.google.pt/books?id=weoiwsZt0_8C&lpg=PP1&dq=Nigel%20Pennick&hl=pt-PT&pg=PA4#v=onepage&q=Nigel%20Pennick&f=false – Nigel Pennick, consultado em 23/07/2015 às 09:10h.

³¹ Idem.

³² Fonte: <https://www.google.com/url?q=https%3A%2F%2Fpt.scribd.com%2Fdoc%2F186108647%2F11%2FBibliografia&sa=D&sntz=1&usq=AFQjCNHIWMx0vc86KLSosA04b52Du3BwYA> – Robert Lawlor, consultado em 23/07/2015 às 12:15.

Platão, na sua “teoria das formas” ³³, declara que todos os objectos mundanos têm propriedades que, consideradas isoladamente, são transcendentais e puras, existentes fora do tempo e do espaço. Estas propriedades denominam-se Formas, e são arquétipos dos objectos terrenos pois modelam perfeitamente as propriedades que estes instanciam. A percepção humana permite apenas conceber imagens ou experiências de objectos materiais, pelo que Platão postulou que o único nível em que objectos realmente existem é o das Formas: os conceitos de Formas são mais objectivos que as percepções de objectos mundanos, as Formas explicam a natureza e definem um objecto, e são imutáveis. Para Platão, a geometria era o único modelo claro e suficiente para expressar as Formas, dado que o conhecimento matemático não era passível de ser obtido pelos sentidos que constituem a percepção e portanto os objectos relacionados ao pensamento matemático teriam de ser reais num plano que não o terrestre, nomeadamente, no plano das Formas.

Platão escreveu um diálogo, *Timeu*³⁴ ou *Timaeus* em latim, em que descreve a sua teoria sobre a natureza do mundo físico e os seres humanos, baseando-se nos cinco sólidos platónicos: sólidos constituídos por faces poligonais regulares congruentes, em que cada vértice pertence ao mesmo número de faces. Platão acreditava que todos os corpos na natureza resultariam da mistura de quatro elementos: fogo, terra, água, e ar, que por sua vez correspondiam a quatro dos cinco sólidos platónicos: tetraedro, cubo, icosaedro e octaedro, respectivamente. O quinto sólido, o dodecaedro, seria um quinto elemento, a quintessência, presente em todo o universo. Conforme demonstra a figura seguinte.

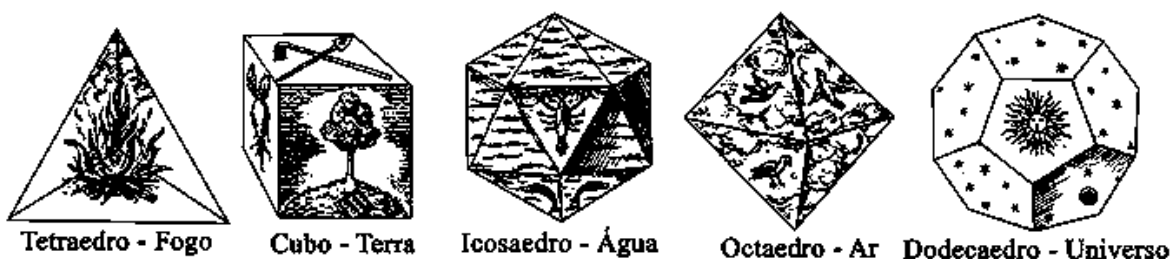


Figura 44 – Os Cinco Sólidos de Platão.

³³ Fonte: <http://www.anselm.edu/homepage/dbanach/platform.htm> (Plato, Theory of Forms analysis), consultado em 23/07/2015 às 14:45h.

³⁴ Idem.

No entanto, ao contrário de um anterior filósofo grego que considerava os principais quatro elementos como invioláveis, Platão³⁵ afirmava que qualquer superfície seria constituída por triângulos. Chegando a um nível de maior minúcia, em Timeu é descrito que cada face destes sólidos é constituída por várias combinações de dois tipos de triângulos: um escaleno, construído a partir da divisão de um triângulo equilátero em dois, e um isósceles, construído a partir da divisão de um quadrado em dois. Combinando estes dois tipos de triângulos de várias maneiras, constroem-se as figuras que são as faces dos primeiros quatro sólidos platónicos: hexaedro, icosaedro, octaedro e tetraedro.

A arquitectura relacionou-se desde sempre com a prática e o estudo da geometria sagrada³⁶. Uma parte importante desta relação foi impulsionada pelo desenvolvimento das várias religiões, e a necessidade que surgiu de edificar espaços que funcionassem como símbolos externos, representantes da fé, e que permitissem a prática de actos de sacerdócio. Para além da religião, a geometria foi também associada às áreas da Arte e da Música, tornando-se aparente tanto às populações arcaicas, como a estudantes contemporâneos, que a geometria revela harmonia e proporção intrínsecas à própria Natureza, tanto no sentido biológico como cósmico, sendo reconhecida por alguns como expressão dum plano divino subjacente à realidade terrena, que determina um padrão visível no mundo físico. A geometria sagrada engloba não só as proporções de figuras geométricas, mas também relações harmónicas presentes no corpo humano, na estrutura de plantas e animais, e na composição de cristais e outros corpos, e objectos que se encontram na natureza e no universo, implicando que o microcosmo (a ordem dos átomos e da constituição da matéria) reflecte o macrocosmo (constituição do universo).

3.3. A Geometricidade e os Geómetras

3.3.1. A Geometricidade e os seus Instrumentos

O Homem observou desde o início a natureza e tudo o que o rodeava, quis

³⁵ Fonte: <http://www.theosophytrust.org/745-triangle>, consultado em 23/07/2015 às 21:15h.

³⁶ Fonte: <http://sacredgeometryinternational.com/the-meaning-of-sacred-geometry>, consultado em 23/07/2015 às 23:25h.

criar desenhos, usando o método da experimentação reproduzindo as estruturas da natureza, e à medida que se foi abstraindo realizou desenhos geométricos através da redução dos elementos da natureza na sua forma mais singela, permitindo desta forma a replicação de processos, que por sua vez originou novas formas, e durante séculos estes conhecimentos foram sendo transmitidos, e que actualmente os conhecemos como Geometria.

As réguas³⁷ foram alguns dos instrumentos ou aparelhos criados no antigo Egipto, em que os egípcios usavam partes do corpo como unidades de medida. As réguas eram construídas em pedra ou madeira, e nelas gravavam-se as medidas. Um dos instrumentos para medir terrenos era uma corda utilizada pelos topógrafos egípcios.

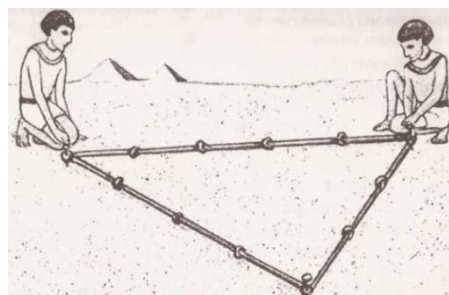


Figura 45 – Medição das terras, antigo Egipto, ano 2500 a.C..

O desenho geométrico é um processo cuja construção é efectuada com **régua** e **compasso**, e baseia-se nos três primeiros postulados dos Elementos de Euclides³⁸.

O **esquadro** é outro importante instrumento do desenho geométrico, existem duas formas de representação em função dos ângulos internos: esquadro com dois ângulos de 45° e esquadro com um ângulo de 30° e outro ângulo de 60°.

3.3.2. Os Geómetras

Neste ponto serão referidos os primeiros “mestres” da geometria, abordados no presente trabalho. Documentos sobre as antigas civilizações, egípcia e babilónica, comprovam bons conhecimentos do assunto, geralmente ligados à astrologia. Na Grécia Antiga³⁹, Euclides dá vida à geometria. Anterior a Euclides, e dos gregos Arquimedes e Apolônio, consta apenas o fragmento de um trabalho de Hipócrates. Proclo resume os Elementos de Euclides, obra que data

³⁷ Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Desenho_geom%C3%A9trico, consultado em 24/07/2015 às 23:50h.

³⁸ Idem

³⁹ Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Matem%C3%A1tica_da_Gr%C3%A9cia_Antiga, consultado em 25/07/2015 às 00:15h.

do século V a.C., e nesse resumo referencia Tales de Mileto como o apresentador da Geometria na Grécia, tendo-se baseado em conhecimentos oriundos do Egito.

▼ Tales de Mileto (624 a.C. - 558 a.C.)

Tales de Mileto⁴⁰ foi um filósofo, matemático e astrónomo grego, considerado um dos mais importantes representantes da primeira fase da filosofia grega, chamada de Pré-Socrática ou Cosmológica. Não existem registos sobre a origem de Tales, supõe-se que tenha nascido em Mileto, na Ásia Menor. Foi o fundador da Escola de Mileto e defendia acerrimamente a existência de um "princípio único", afirmando que a água era a origem de toda a existência, embora outros filósofos não concordassem. É atribuída a Tales de Mileto as descobertas da igualdade dos ângulos da base do triângulo isósceles e a demonstração do teorema, no qual, se dois triângulos têm dois ângulos e um lado respectivamente iguais, então são iguais. Tales de Mileto faleceu em Mileto, no ano de 558 a.C.. Entre outros teoremas, demonstrou que "um ângulo inscrito numa semicircunferência é recto", "uma circunferência é bissectada pelo seu diâmetro" e o já famoso Teoremas de Thales, "Se dois triângulos são tais que dois ângulos e o lado por eles compreendido de um deles são congruentes respectivamente com dois ângulos; e ao lado por eles compreendido no outro, então os triângulos são congruentes" ⁴¹.

▼ Pitágoras (570 a.C. – 496 a.C.)

Pitágoras⁴² presume-se que nasceu em Samos, fundou uma escola denominada pitagórica. Para Pitágoras "tudo é número", isto é todos os elementos do universo, são traduzidos na base da matemática. Verificou a relação da música com a aritmética, entre o tom e o comprimento de uma corda. Esta afinidade podia ser apresentada na geometria. Pitágoras demonstrou o teorema "em todo o triângulo rectângulo, o quadrado construído sobre a hipotenusa é equivalente à reunião dos quadrados construídos sobre os catetos", teorema que os egípcios e

⁴⁰ Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Tales_de_Mileto, consultado em 25/07/2015 às 08:13h.

⁴¹ Fonte: https://books.google.com.br/books?id=_HZNr_mGFzQC&pg=PA81&hl=pt-PT, consultado em 25/07/2015 às 10:00h.

⁴² Fonte: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Pit%C3%A1goras>, consultado em 25/07/2015 às 11:26h.

hindus já usavam. Segundo Pitágoras “antes de fazer alguma coisa, pense, quando achar que já pode fazê-la, pense novamente”⁴³.

▼ Euclides de Alexandria (325 a.C. – 265 a.C.).

Euclides⁴⁴ é o “pai” da Geometria. Escreveu um dos mais influentes livros de matemática baseados em Platão e na herança de Pitágoras, tendo escrito treze livros: Os Elementos. Conseguiu transmitir os conhecimentos dos antigos através das suas demonstrações. Ao contrário de Pitágoras e dos seus alunos, que utilizavam os números para as demonstrações matemáticas, Euclides não se cingiu exclusivamente a este método, e desenvolveu também as demonstrações geométricas. Os Elementos de Euclides referenciam um método consistente que ajuda há mais de vinte séculos para o avanço das ciências. Aborda o sistema axiomático, que começa com os conceitos e proposições admitidos sem demonstração (postulados / axiomas) para construir de maneira lógica tudo o mais. Assim, três conceitos fundamentais - o ponto, a recta e o círculo - e cinco postulados a eles referentes, servem de base para toda Geometria chamada euclidiana, útil até à actualidade, apesar da presença de geometrias não-euclidianas apoiadas em axiomas distintos (e opostos) dos de Euclides.

3.4. O Elemento Fundador e o Ponto Gerador

O torreão do edifício do Mercado Municipal de Silves é o **Elemento Fundador**, designação atribuída por ser o elemento arquitectónico que impõe a sua presença no espaço urbano: ocupa uma posição central no Local, dissemina a geometria topológica⁴⁵, marca a simetria do edifício e exalta a arquitectura neo-regionalista do Estado Novo, evidenciada na pureza harmoniosa das formas geométricas do estilo “português suave”. É patente a lógica das formas dos elementos arquitectónicos; a altura da face do torreão até ao vértice do coruchéu é definida por um duplo quadrado, o rebatimento da sua altura coincide com o centro do edifício do mercado.

⁴³ Fonte: <https://books.google.pt/books?id=JVhTtVA2zr8C&pg=PA36&hl=pt-PT>, consultado em 26/07/2015 às 12:14h.

⁴⁴ Fonte: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Euclides>, consultado em 27/08/2015 às 17:10h

⁴⁵ Consiglieri, Victor – As significações da arquitectura. p. 292 – 293.

O interior do quadrado (cubo) superior do torreão inscreve a forma triangular do coruchéu, uma “pirâmide regular quadrangular”, cujo apótema coincide com o eixo vertical central do “cubo”, o seu centro do é o **Ponto Gerador**, ponto a partir do qual se inicia o Processo – Geometricidade, para a Praça e ligação com o Processo do piso superior do interior do Mercado. A simbólica do Ponto Gerador atribui-lhe ao mesmo tempo o estatuto de centro da “semente da vida”, ainda que com conotação à geometria sagrada. Ponto de partida para a conceptualização geométrica, decisivo no processo operativo e perceptivo inerente ao conceito da Composição Geométrica. Este processo baseia-se em três figuras geométricas bases, retiradas das formas dos elementos arquitectónicos do edifício do Mercado, são: o quadrado; o triângulo equilátero; e o círculo.

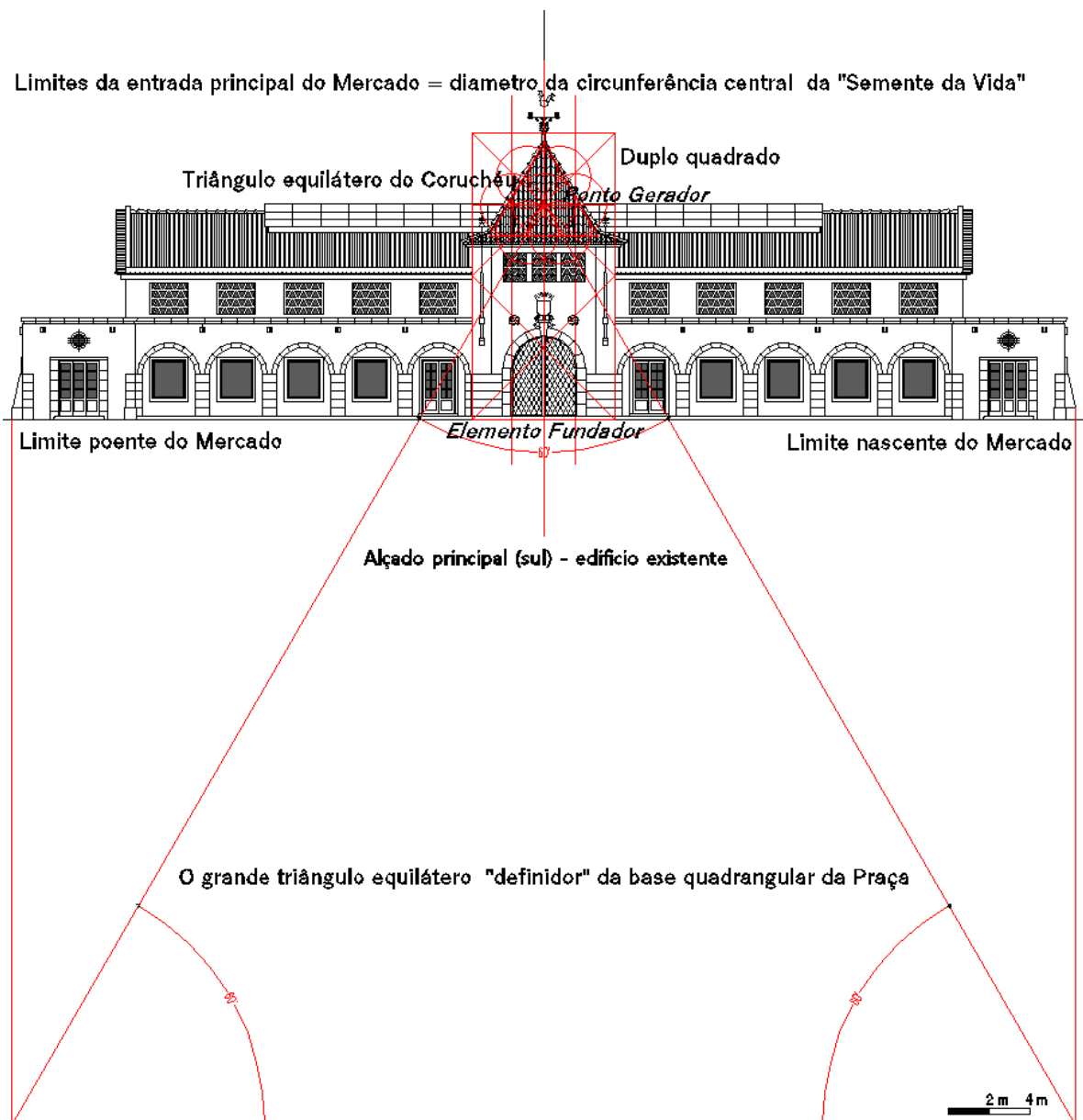


Figura 46 – Definição do Elemento Fundador e traçado do Ponto Gerador.

O triângulo equilátero, para além de ser um dos elementos fundamentais da geometria platónica, destaca-se por estar presente ao longo de toda a história do ser humano. Seria a base para a construção de habitações no assentamento pré-histórico de Lepenski Vir, na Sérvia⁴⁶. A Grande Pirâmide de Khufu, em Giza, no Egipto, possui como superfícies laterais triângulos quase equiláteros, com ângulos na base de 58° e um ângulo no vértice da pirâmide de 62° ⁴⁷ ⁴⁸. Dada a sua importância histórica, o triângulo equilátero foi usado várias vezes ao longo do processo operativo de conceptualização do projecto, constituindo o ponto de partida deste processo: o coruchéu define um triângulo equilátero e a sua forma apresenta-se como uma pirâmide. Perpendicular ao plano vertical de simetria do corpo do edifício define-se um duplo quadrado, que delimita a altura e a largura do torreão. O baricentro do triângulo equilátero coincide com o centro do quadrado superior do duplo quadrado, e ainda com o centro da “pirâmide” no eixo axial, que passa pelo vértice da cobertura do coruchéu. Assim está descrito e definido o Ponto Gerador no torreão do edifício do mercado, que se torna o ponto regulador e gerador, a sua importância e localização invisível, permite designa-lo de “pérola oculta” do conceito.

3.4.1. A Regra

Fazendo uso da figura geométrica denominada “semente da vida”, toma-se o seu centro – como Ponto Gerador, representando a origem de toda a “criação” do sistema conceptual. A “semente da vida”⁴⁹ é constituída por sete círculos sobrepostos em seis eixos de simetria, sendo que o centro de cada círculo é um ponto da circunferência dos seis outros círculos. A sobreposição das duas figuras: o triângulo equilátero delimitado pelo coruchéu e a “semente da vida” com centro no ponto gerador, permite a origem de um terceiro traçado geométrico denominado por Regra, composto por medidas matemáticas, que surge da conjugação de vários traçados, conforme representado seguidamente.

⁴⁶ Fonte: Parthenon: S. Colman, Harmonic Proportion and Form in Nature, Art and Architecture, Dover, Mineola, NY, 2003, consultado em 29/07/2015 às 14:08h.

⁴⁷ Fonte: Pyramid cross section: D. Furlong, *The Keys to the Temple*, Piatkus, London, 1997, consultado em 29/07/2015 às 16:13h.

⁴⁸ Fonte: Great Pyramid numbers: <http://www.cheops-pyramide.ch/khufu-pyramid/khufu-numbers.html>, consultado em 30/07/2015 às 20:30h.

⁴⁹ Fonte: <http://www.tokenrock.com/explain-flower-of-life-46.html>, consultado em 30/07/2015 às 22:18h.

Coruchéu - Triângulo Equilátero

Semente da Vida - Circunferência

A Regra

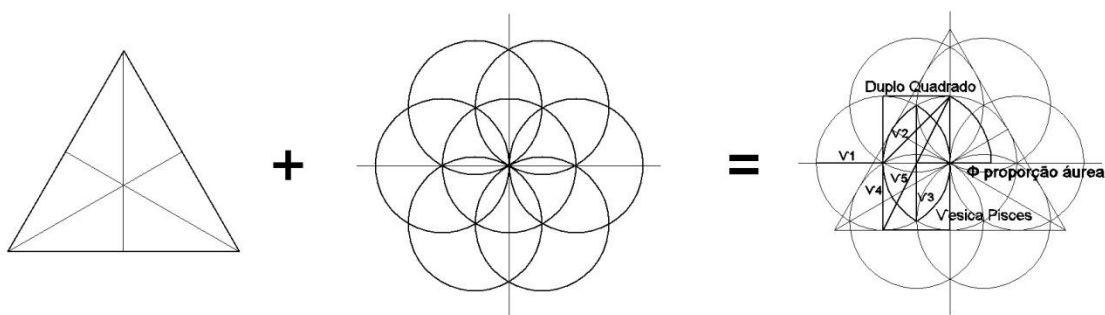


Figura 47 – Diagrama de determinação da Regra.

Na Regra considerou-se a intersecção de apenas duas circunferências da “semente da vida” e, constrói-se a “vesica pisces”^{50 51}, figura geométrica resultante da intersecção de dois círculos com o mesmo raio, em que cada circunferência passa pelo centro da outra. É uma figura geométrica de grande simbolismo: as duas circunferências representam uma dualidade, e a sua intersecção o equilíbrio perfeito entre duas unidades. A Vesica tem dois eixos, o menor que define a largura igual ao raio dos círculos – unidade, e o maior de comprimento igual à raiz quadrada de três ($\sqrt{3}$).

A partir da “vesica pisces” constrói-se um duplo quadrado: a aresta partilhada por eles corresponde à diagonal de largura, o que significa que cada um dos quadrados tem uma diagonal com raiz quadrada de dois ($\sqrt{2}$) de comprimento, como se verifica pelo teorema de Pitágoras. Para além disso, a diagonal do rectângulo assim construído é a raiz quadrada de cinco ($\sqrt{5}$) de comprimento, o que também se verifica pelo teorema de Pitágoras.

Assim, estão descritos os axiomas da Regra, a principal matriz a utilizar durante todo o processo da Geometricidade e sistema da Propriocepção.

A fonte inspiradora para a Geometricidade foi a “operatividade” de Almada Negreiros, patente na sua obra plástica COMEÇAR.

⁵⁰ Fonte: <http://www.halexandria.org/dward097.htm>, consultado em 2/08/2015 às 09:15h.

⁵¹ Fonte: <http://www.natures-word.com/sacred-geometry/the-square-root-of-three/the-square-root-of-three-in-geometry>, consultado a 5/8/2015 às 08:03h.

Almada Negreiros⁵² numa entrevista ao Diário de Notícias em 1960, declarou:

“Nós não pretendemos senão encontrar o cânone e não supusemos nunca que determinada época fosse a exclusiva. E assim é que, hoje, uma vez terminado o trabalho, uma vez chegado ao resultado, assim acontece. O cânone não está exclusivamente nos exemplos da Idade Média, não está só nos exemplos da Suméria, não está só nos de Creta, Gregos, Bizantinos, Árabes, Hebraicos, Romanos ou Góticos. Ele está sempre e é por isso mesmo que ele é cânone. E cada época tira do cânone as suas regras”.



Figura 48 – Imagens da filmagem ao painel “Começar” de Almada Negreiros, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa.

O paradigma da Geometria necessita de bases dinâmicas, ancoradas em sinergias que assentem na redução e na expansão do processo. Foram escolhidas duas figuras como transmissoras, o triângulo de Sierpinski (fractais) para a redução, e a “flor da vida” para a expansão.

3.4.2. A Redução e a Expansão

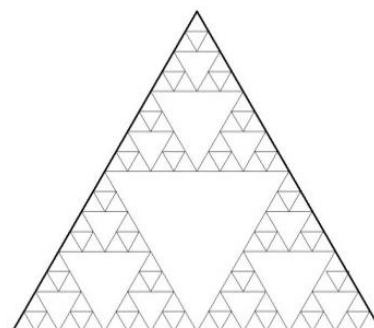
O acto do desenho geométrico com Objecto despoletou uma atitude metafísica de insaciável complexidade, de mecanismos mentais e emocionais, onde o experimentalismo subjectivo mais se evidenciou. A Geometricidade juntou dois procedimentos formais: o condicionado aos elementos físicos do objecto; e o da concepção do novo espaço a partir do objecto. Este processo obrigou ao “eclectismo” das figuras geométricas base, baseado no princípio da redução e expansão.

⁵² Fonte: <http://www.apm.pt/matearte/revista/CPANOG-LR-EM-MarAbr-p32-35.pdf>, consultado a 6/8/2015 às 10:50h.

▼ A Redução – fractais

Os fractais⁵³ são figuras que verificam duas propriedades importantes: autossimilaridade e a dimensão não inteira, que separa os fractais da geometria euclidiana. A primeira refere-se ao facto de um fractal⁵⁴ ser constituído por secções exactamente iguais a toda a figura, independentemente do tamanho da secção escolhida, o que leva a uma invariância de escala, isto é, um estado em que, qualquer que seja a escala escolhida, a forma mantém-se igual. No caso escolhido do triângulo de Sierpinski, isto significa que qualquer um dos triângulos interiores é uma cópia exacta do conjunto do fractal, em tamanho reduzido. Isto explica-se facilmente pela natureza do processo de construção, que se verifica através de um sistema de funções iterativas. Considere-se um triângulo equilátero A0 de lado com comprimento 1. Unindo os pontos médios de cada lado com segmentos de recta, divide-se A0 em quatro triângulos equiláteros, cada um de lados com comprimento $\frac{1}{2}$. Eliminando o triângulo central, obtém-se o conjunto correspondente a A1. Aplicando este processo sucessivamente, obtém-se um conjunto AY que terá 3^Y triângulos, cada um com lados de comprimento $1/2^Y$.

Figura 49 – Diagrama da Redução, triângulo de Sierpinski.



▼ A Expansão - flor da vida

A flor da vida é uma expansão da “semente da vida”, mencionada anteriormente, sendo constituída por vários círculos, do mesmo tamanho e espaçados regularmente, que se sobrepõem num padrão semelhante a uma flor com seis eixos de simetria como um hexágono.

⁵³ Fonte: https://books.google.pt/books?id=PbrlYO83Oq8C&pg=PA41&redir_esc=y#v=onepage&q&f=false, consultado em 7/8/2015 às 10:30h.

⁵⁴ Fonte: <http://www.fractal.org/Bewustzijns-Besturings-Model/Fractals-Useful-Beauty.htm>, consultado em 7/8/2015 às 14:30h.

A forma mais comum da flor da vida⁵⁵ é um padrão hexagonal com 19 círculos completos e 36 arcos parciais, inscritos num círculo maior.

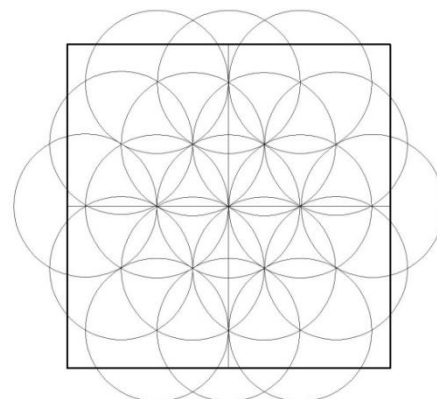


Figura 50 – Diagrama a Expansão, flor da vida.

“Geometria é a medição da natureza com o entendimento humano. E o entendimento não é mais do que a união do conhecimento com o sentimento humano”.⁵⁶

Almada Negreiros

⁵⁵ Fonte: <http://www.tokenrock.com/explain-flower-of-life-46.html>, consultado em 4/07/2015 às 01:02h.

⁵⁶ Fonte: http://www.publicacoesmaitreya.pt/produto_imprimir.php?pr=410, consultado em 6/08/2015 às 10:42h

A large, thin, black L-shaped line graphic that starts near the top right of the page and extends downwards and then horizontally to the left, framing the chapter title.

CAPÍTULO 4 | **PROJECTO**

4. Projecto

4.1. Programa

O programa para a requalificação do edifício do Mercado Municipal de Silves, e a regeneração do Largo António Enes, permite a valorização de um dos mais importantes epicentros de desenvolvimento da urbe, localizado na zona sul da cidade, entre a ponte velha situada a nascente, e o parque ribeirinho (principal intervenção do programa Polis) localizado a poente. A fachada do Mercado e o Largo requerem um tratamento que se permitam afirmar na frente ribeirinha.

O local é o principal ponto de encontro e de passagem, da população Silvense, e também daqueles que visitam diariamente a cidade.

Para além da população, o turismo irá usufruir de um novo espaço com novas infra-estruturas, numa das principais entradas dos roteiros turísticos da cidade. O programa proposto define três áreas fundamentais de intervenção, entrosadas entre si, e que constituem a intervenção urbana e arquitectónica, são elas:

- “Intensão” para a reabilitação do edifício devoluto localizado na travessa a norte do edifício do Mercado Municipal, destinado em parte ou total, para estacionamento dos concessionários e utentes do mercado;
- Requalificação do edifício do Mercado, incluindo a criação de um piso superior;
- Regeneração do Largo, incluindo a construção de uma praça em frente ao edifício do Mercado com um passadiço e comunicação vertical (torre) no cais, a reabilitação do passeio ribeirinho incluindo a ponte Velha, reestruturação das plataformas viárias limítrofes, a construção de um ancoradouro nas escadas poente do cais e a dragagem do Rio no local.

4.1.1. Programa Funcional

O Programa funcional pretende reorganizar o Mercado, adaptando-o a espaço multifuncional: Mercado de comércio tradicional coberto e ao ar livre, com dois pisos e adaptado para eventos; incluindo café-concerto, espaços de restauração e bebidas, Praça, zonas de lazer, passeio ribeirinho até à ponte velha

com faixa de desporto e caís com ancoradouro, para promoção do turismo fluvial e dos desportos náuticos.

▼ Espaços exteriores:

- As arcadas do edifício e o terraço serão utilizadas como zonas das esplanadas da restauração;
- Reestruturação da plataforma viária no Largo António Enes – criação de uma Praça na frente do Mercado e alteração da sinalização horizontal e vertical;
- Praça com consola sobre o rio e torre (comunicação vertical) com passadiço elevado de comunicação ao terraço, piso superior do edifício do Mercado;
- Plataforma para continuidade do passeio ribeirinho do parque ribeirinho, zona de lazer com arborização, passando pela praça até à ponte velha, contendo a faixa para desportos;
- Cais com ancoradouro de marés nas escadas a poente;
- Reabilitação do edifício devoluto localizado a norte, destinado a parque auto, para concessionário e utentes do Mercado.
- Dragagem do rio na zona da intervenção à cota – 1.00 m de profundidade, permitindo a manutenção de espelho de água e de embarcações no cais durante a maré baixa.

▼ Espaços interiores:

Piso superior:

- Piso superior constituído por “café-concerto”: bar, palco e zona dos utentes, apoiado por duas instalações sanitárias;

Piso térreo:

- Entrada sul (principal), torreão com dois elevadores de acesso ao primeiro piso;
- Entradas este e oeste, com escadas de acesso ao piso superior;

- Entrada norte, com acesso às Instalações sanitárias do pessoal e para pessoas com mobilidade condicionada;
- Corpo sul do Mercado: restaurantes, bares, snack-bar, pastelaria e gelataria;
- Nave, bancas de produtos hortofrutícolas e mesas da restauração gourmet;
- Corpo norte, peixarias, talhos, papelaria e tabacaria, padaria e doçaria regional, arrecadações e arrumos, administração e a Instalações sanitária;

4.1.2. Programa conceptual

O processo de conceptualização baseou-se em princípios e conceitos fundamentais da geometria, a Base, induzidos pelo estilo arquitectónico do edifício, e a sua relação com o espaço urbano. A proposta é o resultado de todo um amplo trabalho, intuitivo e perceptivo, baseado nos postulados dos Mestres da geometria, da arquitectura, da filosofia e da matemática, e em conhecimentos adquiridos no seu decurso, onde se exalta a Geometricidade, resultado da convergência de vectores epistemológicos que se fundem, afirmando os valores patrimoniais e simbólicos do espaço projectado. A conceptualização da Praça e do Café-concerto, das palas do terraço e das bancas da zona da nave, são a notoriedade do Processo da Geometricidade. O Sistema de Propriocepção demonstra a coerência entre as partes do corpo do edifício do Mercado, através do equilíbrio dos centros e a sua localização na cidade. A Propriocepção do Mercado com a Praça e a orientação na cidade é a plenitude do Sistema. A Composição Geométrica parte da Base e aglutina o Processo e o Sistema, e o seu resultado final é a estrutura base (esqueleto) para a formalização dos elementos arquitectónicos justificado na cidade. Quer o Processo, quer o Sistema, foram executados tendo como referência o Ponto Gerador, inscrito no coruchéu do Elemento Fundador - torreão.

Figura 51 – Torreão do Mercado Municipal de Silves, fachada sul. Definido no presente trabalho como o Elemento Fundador.



4.1.2.1. Geometricidade no Largo António Enes: Praça

Os principais momentos da Geometricidade da Praça são descritos e representados seguidamente, e em cada fase do processo conceptual está associado uma nomenclatura simbólica e abstracta:

▼ Primeiro Acto – Nacionalista: marcação dos centros das figuras geométricas quadrangulares do edifício; corpo do mercado e torreão (Elemento Fundador) com o Ponto Gerador.

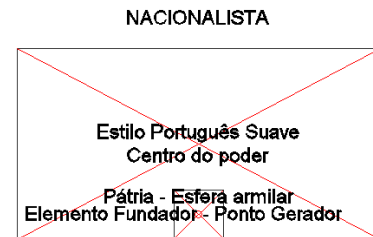
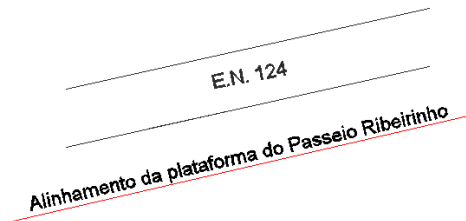


Figura 52 – Primeiro Acto do processo da Geometricidade da Praça.



▼ Segundo Acto – Pitagórico-Euclidiano: traçado de duas rectas diagonais com abertura angular de 60° (lados do triângulo equilátero) a partir do Ponto Gerador, e que se encontram com outras duas (prolongamentos dos lados do edifício), formando um triângulo equilátero com o traçado da linha base. Cada vértice corresponde a um dos três princípios capitais da mnemónica do projecto. O traçado do eixo de simetria do espaço forma mais dois triângulos rectângulos. A recta transversal a sul, paralela à E.N. 124 é o novo alinhamento do passeio ribeirinho.

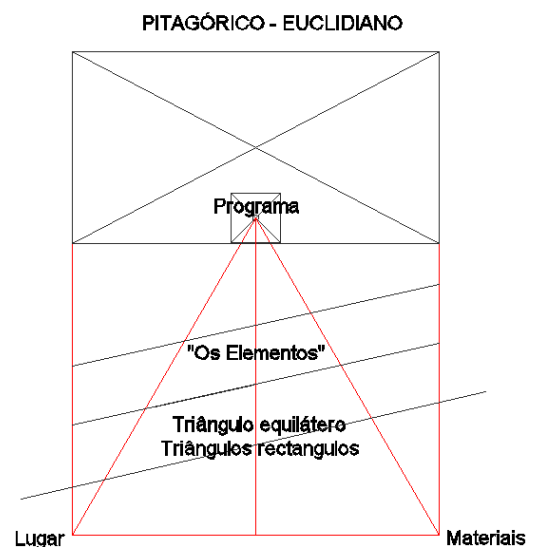
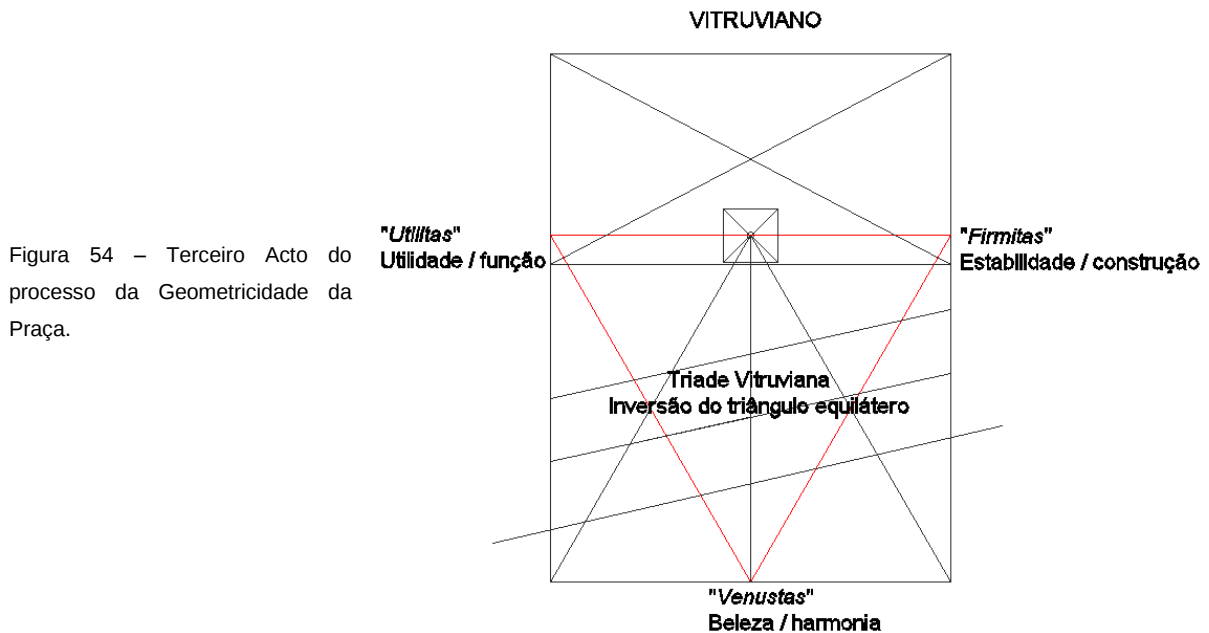
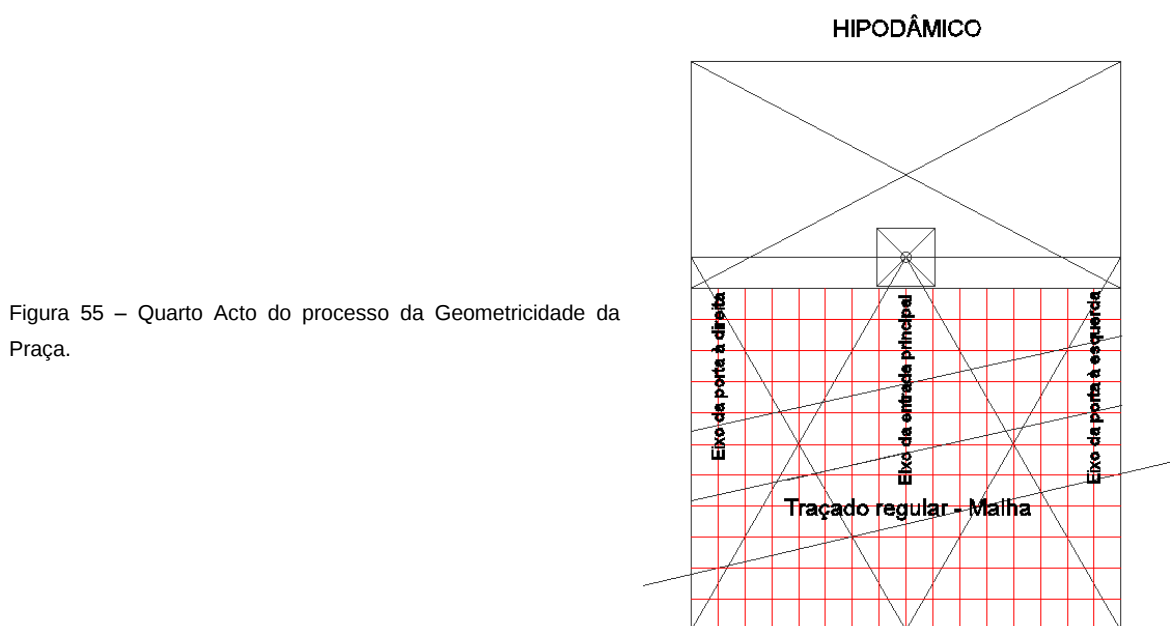


Figura 53 – Segundo Acto do processo da Geometricidade da Praça.

▼ Terceiro Acto – Vitruviano: traçado de um triângulo equilátero invertido, em relação ao eixo de simetria e oposto ao primeiro, cada vértice refere as bases da arquitectura clássica, “tríade vitruviana”: *Utilitas* – utilidade e função; *Firmitas* – estabilidade da construção; *Venustas* – beleza e harmonia das formas.

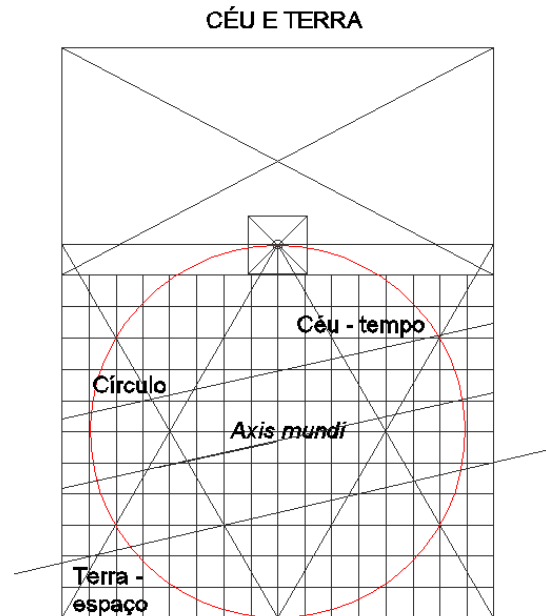


▼ Quarto Acto – Hipodâmico: traçado da malha da praça, definida por três eixos principais: eixo central da porta principal; dois laterais ao centro de cada uma das duas portas das alas da fachada principal do edifício.



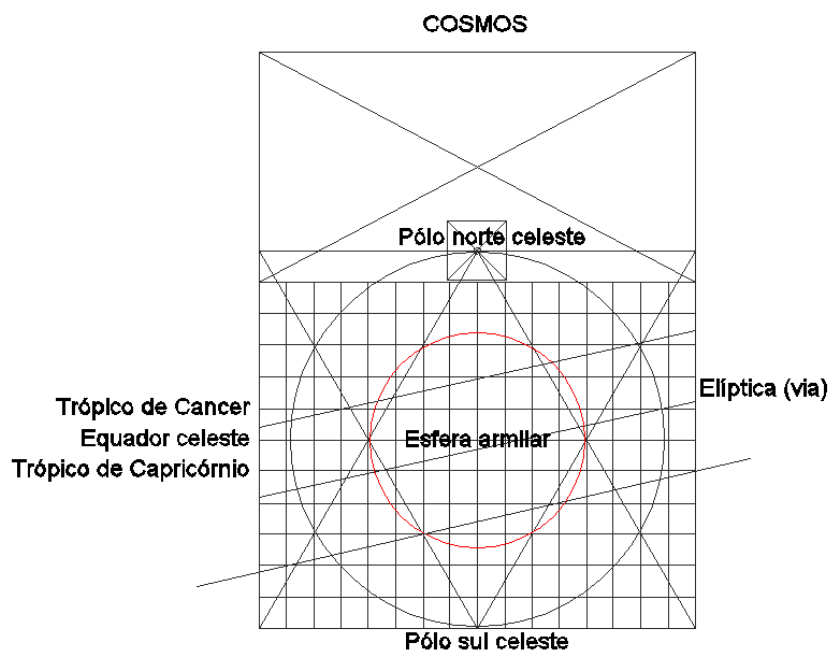
▼ Quinto Acto – Céu e Terra: traçado de um círculo (céu - tempo) central inscrito na figura quadrangular (terra - espaço), passando pelo Ponto Gerador, cujo diâmetro é a altura dos triângulos, define a dimensão da Praça para sul. O Centro da circunferência define o ponto central da Praça, o *Axis Mundi*.

Figura 56 – Quinto Acto do processo da Geometricidade da Praça.



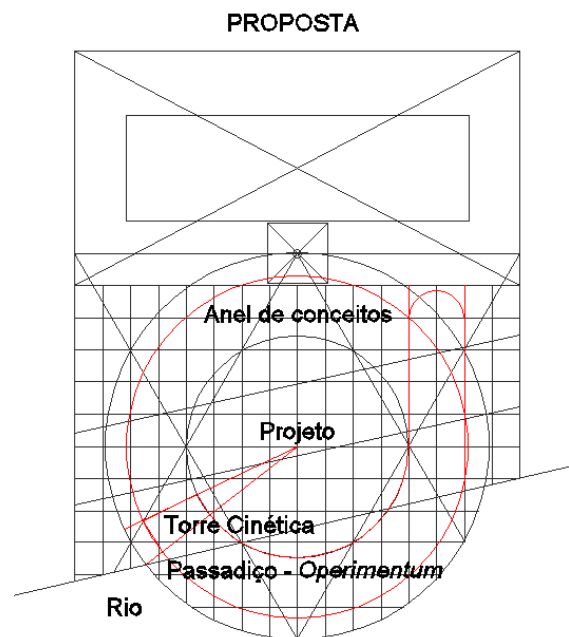
▼ Sexto Acto – Cosmos: traçado de uma circunferência com diâmetro igual à união dos pontos de intersecção dos dois triângulos equiláteros. Significa o desenho da esfera armilar na Praça, composta pelos dois pólos celestes, equador celeste, duas rectas paralelas: uma a norte e outra a sul, constituindo os trópicos, e a elíptica é representada pela faixa diagonal da E.N.124.

Figura 57 – Sexto Acto do processo da Geometricidade da Praça.



▼ Sétimo Acto – Proposta: traçado de uma terceira circunferência com o mesmo centro das anteriores, com raio maior da circunferência menor, cujo acréscimo é igual ao lado do quadrado do torreão, forma um anel. No Processo conceptual o anel representa a faixa dos conceitos da proposta, o passadiço ou “toldo” da Praça que ligará ao edifício do mercado, e termina a torre cinética aí inserida. Foi através da abertura no anel de conceitos que se gerou a ligação, se formou o cordão umbilical entre o edifício mãe (Mercado Municipal) e o novo espaço público (Praça). O canal de comunicação (passadiço) completa a conexão através da comunicação vertical (torre cinética).

Figura 58 – Sétimo Acto do processo da Geometricidade da Praça



O processo da Geometricidade da Praça é base metrológica para a materialização da proposta no espaço urbana.

4.1.2.2. Geometricidade do piso superior do edifício do Mercado Municipal: café-concerto e palas

Os principais momentos da Geometricidade do piso superior (mezanino) no interior do edifício: café-concerto, são descritos e representados seguidamente, e em cada fase do processo conceptual está associado uma nomenclatura simbólica e abstracta:

▼Primeiro Acto – Nacionalista: marcação dos centros das figuras geométricas quadrangulares do edifício; corpo superior do mercado e torreão (Elemento Fundador) com o Ponto Gerador.

Figura 59 – Primeiro Acto do processo da Geometricidade do Café-concerto: mezanino



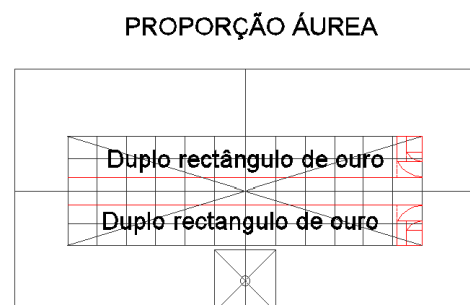
▼Segundo Acto – Plano Cartesiano: marcação dos eixos ortogonais do edifício, nos quais se representa a métrica estrutural da cobertura, em que se destacam o alinhamento das escoras, a fileira, e as asnas. Estrutura que também suporta a mezanino, com características estética e funcionais, definidora do espaço interior.

Figura 60 – Segundo Acto do processo da Geometricidade do Café-concerto: mezanino



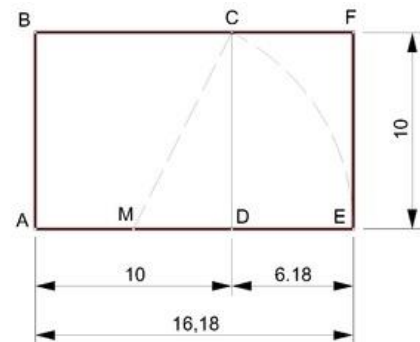
▼Terceiro Acto – Proporção Áurea: desenho de dois “duplos rectângulos de ouro”, a partir de cada lado maior do rectângulo do corpo superior do edifício, em que os seus limites definem a largura longitudinal da mezanino.

Figura 61 – Terceiro Acto do processo da Geometricidade do Café-concerto: mezanino



O rectângulo áureo⁵⁷ define-se como sendo um rectângulo com lados cuja proporção corresponde à regra áurea, ou seja: $[1:\varphi \text{ (phi)}]$, em que $\varphi = 1 + \sqrt{5}/2$, aproximadamente 1,618]. Este rectângulo é construído conforme a figura seguinte, com régua, esquadro e compasso.

Figura 62 – Desenho cotado da construção do rectângulo de ouro.



Descrição da construção:

- Desenhar um quadrado ABCD;
- Com o compasso a meio do segmento AD e abertura MC trace um arco de circunferência;
- A intersecção do arco com o prolongamento de AD, determina o ponto E;
- A intersecção do prolongamento de BC com a perpendicular a E, determina F;

O rectângulo com os vértices ABFE é o rectângulo de ouro. Também o rectângulo CDFE é um rectângulo de ouro, este processo pode continuar para menos ou para mais.

A regra áurea⁵⁸ é uma proporção estudada matematicamente, ainda mais interessante e especial pelo facto de ser encontrada nas proporções de vários animais, plantas e até no sistema solar, para além de estar presente extensivamente no corpo humano. Não é portanto estranho que seja recorrente também em obras de arte e escultura e obras arquitectónicas. Esta proporção tem o nome de phi em honra de Phidias, um escultor grego que viveu no séc. V a.C., cujas maiores obras são o “Athenas Parthenos” em Atenas e “Zeus” no templo de Olímpia.

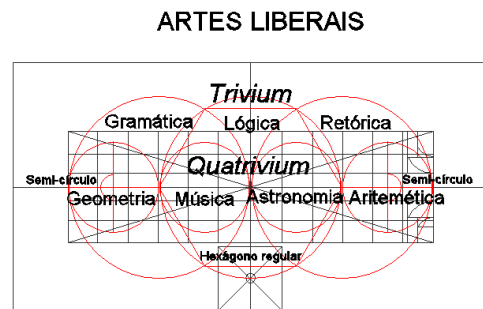
▼Quarto Acto – Artes Liberais: desenho de três circunferências iguais que abrangem o comprimento do rectângulo do corpo superior do edifício, e cuja intersecção entre si, tem o mesmo raio (formam duas Vesicas). O raio é igual à distância do centro do mercado ao centro do torreão (Ponto Gerador), ponto de ligação ao Processo anterior. Este traçado é designado por *Trivium*.

⁵⁷ Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Ret%C3%A2ngulo_de_ouro, consultado em 11/08/2015 às 11:15h.

⁵⁸ Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Propor%C3%A7%C3%A3o_%C3%A1urea, consultado em 11/08/2015 às 14:50h.

Seguidamente, na mesma disposição foram inscritas quatro circunferências, cujo diâmetro é igual ao eixo menor das Vesica Pisces, no interior das circunferências tangentes aos lados menores do corpo do edifício, formam marcados os seus centros e desenhados semi-círculos desses lados, definindo os topos da mezanino. Este traçado é designado por *Quadrivium*.

Figura 63 – Quarto Acto do processo da Geometricidade do Café-concerto: mezanino



O desenho do *Trivium* origina duas Vesicas, uma das figuras geométricas referidas na Regra, a união dos seus pontos resulta um hexágono regular inscrito na circunferência central, é mais uma das emblemáticas figuras geométricas resultantes desta construção; nele se podem construir seis triângulos equiláteros, principal figura geométrica do conceito.

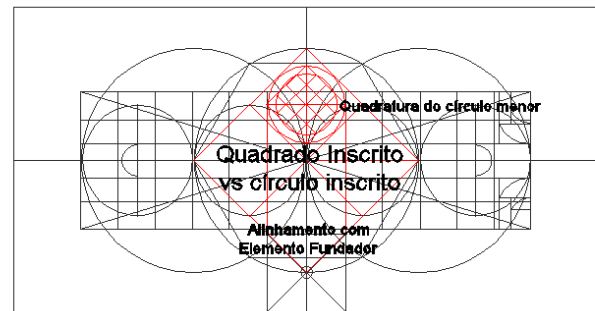
O *Trivium* e o *Quadrivium*⁵⁹ referem dois grupos de disciplinas que congregam os sete ofícios (Artes) aplicados na idade média e trazidas da antiguidade clássica. O primeiro refere as três disciplinas do estudo da linguagem, o segundo refere o grupo de disciplinas relativo ao estudo da matéria. A matéria englobava a inércia, a massa, a extensão, a impenetrabilidade, a divisibilidade, a expansibilidade e a descontinuidade.

▼ Quinto Acto – Quadratura do Círculo: desenho de quadrado quadripartido (dividido em quatro quadrados) inscrito na circunferência central, com vértice no Ponto Gerador, dois vértices sobre o eixo de simetria do edifício. Traçar circunferência inscrita no pequeno quadrado oposto ao do Ponto Gerador, do seu diâmetro saem duas rectas paralelas, definindo o passadiço central da mezanino para o Torreão.

⁵⁹ Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Artes_liberais, consultado em 9/07/2015 às 14:03h.

Nessa circunferência inscreve-se novamente um outro quadrado na mesma posição do anterior, e nova circunferência que representa a área aproximada desse quadrado menor, correspondente à quadratura do círculo menor (palco) aí inscrito, o seu centro é o centro do palco do café-concerto.

Figura 64 – Quinto Acto do processo da geometricidade do Café-concerto: mezanino

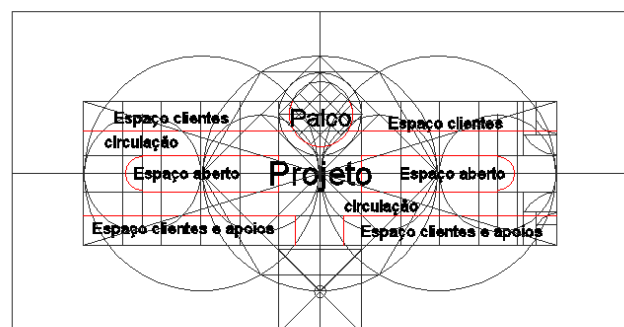


Importa referir que a quadratura do círculo⁶⁰ era considerada, pelos gregos, como muito difícil, mas não impossível. No Papiro Rhind é dada uma solução plana para se construir um quadrado de área próxima à de um círculo. Para isso o lado do quadrado deveria ser $\frac{8}{9}$ do diâmetro do círculo. Embora esta não seja uma construção geométrica precisa é uma boa aproximação, pois corresponde a tomar 3,1605 como valor para π (pi) ao invés de 3,14159. Aristóteles afirma que a origem deste problema foi a procura da média geométrica, mas que isso foi esquecido e que só foi preservado o problema.

▼ Sexto Acto – Proposta: Definição da curvatura circular saliente do Palco, cujos “arranques” definem a abertura da entrada de acesso ao torreão.

PROPOSTA

Figura 65 – Sexto Acto do processo da Geometricidade do Café-concerto: mezanino



⁶⁰ Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Quadratura_do_c%C3%ADrculo, consultado em 10/07/2015 às 15:00h.

▼ Geometricidade no piso superior do edifício do Mercado Municipal: palas

Este ponto refere os principais passos do processo da Geometricidade das palas dos terraços, sul e norte do Mercado. Pretende-se que estes elementos leves exerçam a sua função de cobertura sem obstruir a imagem do edifício, principalmente a sul. Conforme demonstrado na figura seguinte.

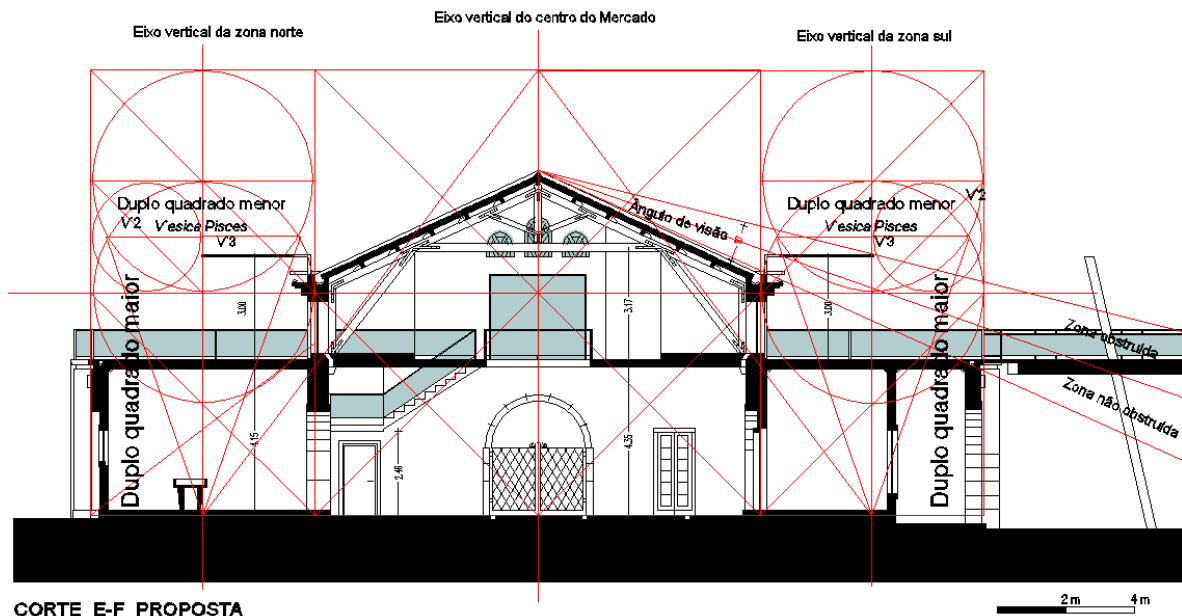


Figura 66 – Processo de Geometricidade das palas.

Os principais momentos do Processo são:

- Divisão métrica do corpo do Mercado em quatro duplos quadrados (duplos quadrados maiores) iguais, dispostos na vertical;
- Definição de três figuras geométricas através do traçado dos seus centros e respectivos eixos de simetria em relação a cada parte do edifício: corpo central “nave” e corpos laterais, correspondendo respectivamente a um quadrado central e dois duplos quadrados maiores, em cada lado;
- Traçado de diagonais de interligação e duas circunferências que se interceptam formando a Vesica no quadrado superior do duplo quadrado maior. A partir do eixo maior de Vesica (raiz quadrada de três), saem duas linhas diagonais em direcção ao centro da base do duplo quadrado maior, sendo a da esquerda que vai definir o limite mais próximo das palas em relação ao edifício;

- No duplo quadrado menor posicionado na horizontal, onde se inscreve a Vesica, é traçado no quadrado a sul uma diagonal (raiz quadrada de dois), e a sua intersecção com o eixo maior da Vesica é o centro do quadrado a partir do qual se desenha a circunferência inscrita, definindo a largura das palas;
- O ângulo de visão é definido a partir da cumeeira da cobertura do Mercado, com abertura entre os topos da cimalha e o limite mais distante da pala;

Este Processo demonstra que a forma e a posição das palas é a óptima. Estão destacadas do conjunto original e o ângulo de visão obstruída em relação ao edifício é aproximadamente igual ao não obstruído. As palas dos topos do edifício têm a mesma dimensão, são destacadas e colocadas ao nível das vergas das novas entradas (portas), por forma a permitir a expressão das empenas.

4.1.2.3. Geometricidade no piso térreo do edifício do Mercado Municipal: disposição das bancas e mesas amovíveis na Nave

Este ponto trata o processo de Geometricidade referente à definição das bancas, mesas e respectivos separadores em sistema de harmónio e amovíveis, permitindo a polivalência do espaço. Pretende-se os locais de venda todos ocupados, com maior área por unidade e melhores condições de privacidade e higiene. A disposição dos grupos de bancas é idêntica ao existente, permitindo corredores mais largos e com a mesma organização espacial, de modo a manter o princípio tipológico do Mercado.

O Processo seguiu um estudo metrológico baseado em dois corredores ortogonais, com larguras iguais às luzes dos quatro arcos de volta perfeita das portas do Mercado, formando interiormente quatro zonas simétricas e opostas entre si. Na métrica foi implementado o “princípio do triângulo equilátero” existente na grelhagem dos vãos do edifício, cujo dimensionamento permitiu estabelecer os corredores laterais e o desenho do referido mobiliário. As mesas da restauração gourmet são o mesmo triângulo equilátero sem recorte e estão afectas ao corredor lateral sul, zona da restauração e bebidas.

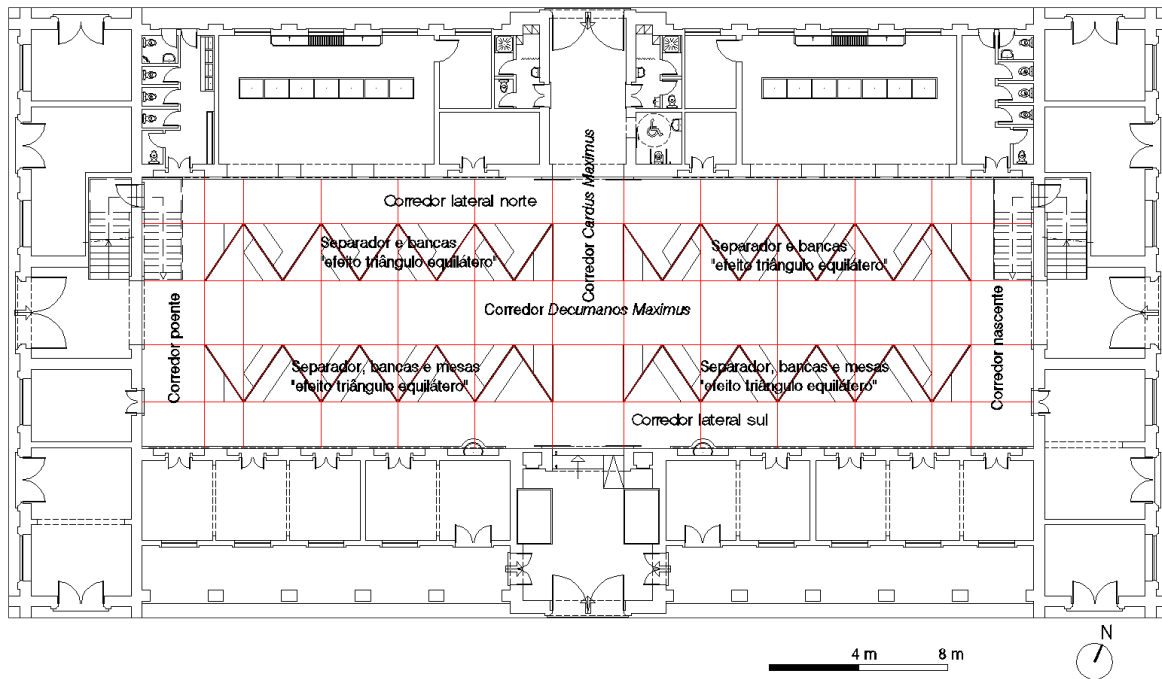


Figura 67 – Processo de Geometricidade dos separadores, bancas e mesas da Nave, interior do piso térreo do Mercado Municipal de Silves, Proposta.

4.1.2.4. Propriocepção: equilíbrio dos centros

Este ponto menciona o sistema proprioceptivo, isto é, a estrutura orgânica do corpo do projecto, em perfeito equilíbrio, em que as partes (membros) ligados ao torreão (tronco) comunicam com o coruchéu (cabeça), local do Ponto Gerador (cérebro), ponto sensível e ordenador dos estímulos aos centros das partes da proposta. Os estímulos são efectuados pelos seus vasos comunicantes (linhas projectantes), de forma directa ou indirecta. A relação define o equilíbrio do conjunto, e do corpo com a envolvente. O Sistema de Propriocepção assume a luz, através da Tangente Solar, e liga-se transversalmente à cidade pela Linha Oculta da Urbe.

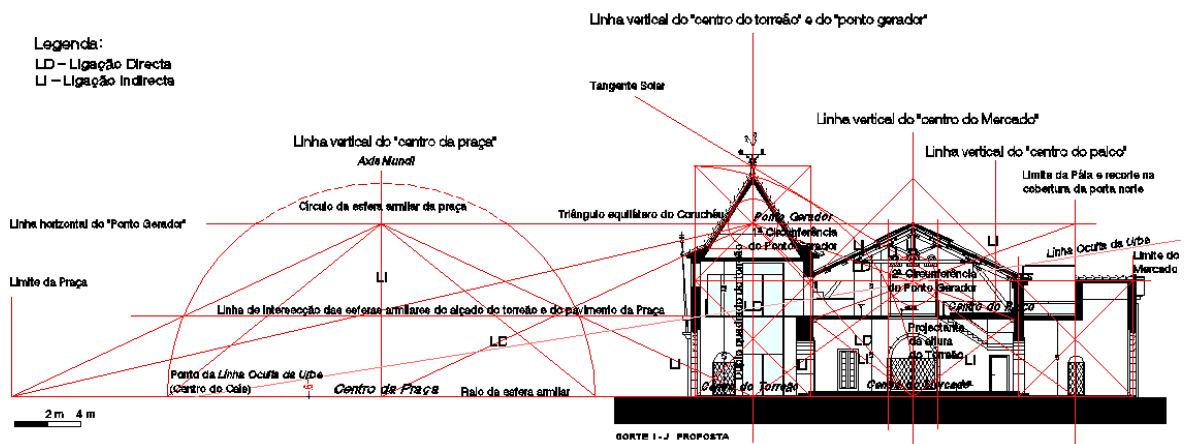


Figura 68 – Sistema de Propriocepção: equilíbrio dos centros

O Sistema permite perceber onde estão os pontos principais e respectivas partes da composição geométrica e a sua posição na proposta e no local. Ordena a peça elementar e invisível (esqueleto), que constitui a composição geométrica para a materialização do projecto.

4.1.2.4.1. A Linha Oculta da Urbe

A afirmação do projecto com o lugar e a cidade é conseguida pela ligação à Linha Oculta da Urbe. É uma linha utópica da cidade de Silves, o seu traçado esotérico une dois pontos centrais de espaços emblemáticos da cidade (centro do Caís e centro do cruzeiro de Sé), intercepta a linha vertical do centro do torreão do Mercado Municipal: eixo vertical do Ponto Gerador (semente do projecto). A força da Linha Oculta da Urbe é caracterizada pelo seu simbolismo e paralelismo com outros eixos da estrutura urbana da cidade, nomeadamente, com o eixo da Rua da Sé (antiga Rua Direita), ou possível *Cardus*, representado na figura abaixo.

Figura 69 – Traçado do possível *Cardus Maximus* e *Decumanus* de Silves.



O traçado da antiga Rua Direita ligava a entra principal do castelo à ponte Velha, passando pela porta da Vila (porta da Medina) e pela actual Rua da Sé.

▼ Narrativa do traçado da Linha Oculta da Urbe:

- Centro do caís;

Figura 70 – Traçado do Centro do Cais de Silves.

Legenda:

X Centro do Caís



- Centro do torreão do Mercado Municipal;

Figura 71 – Traçado do centro do torreão, tecto do torreão do Mercado Municipal de Silves.

Legenda:

X Centro do torreão e do Ponto Gerador



- Traçado da Linha Oculta da Urbe;

Localizada na zona central da urbe, pode ser legitimada como a “mediana” da cidade.

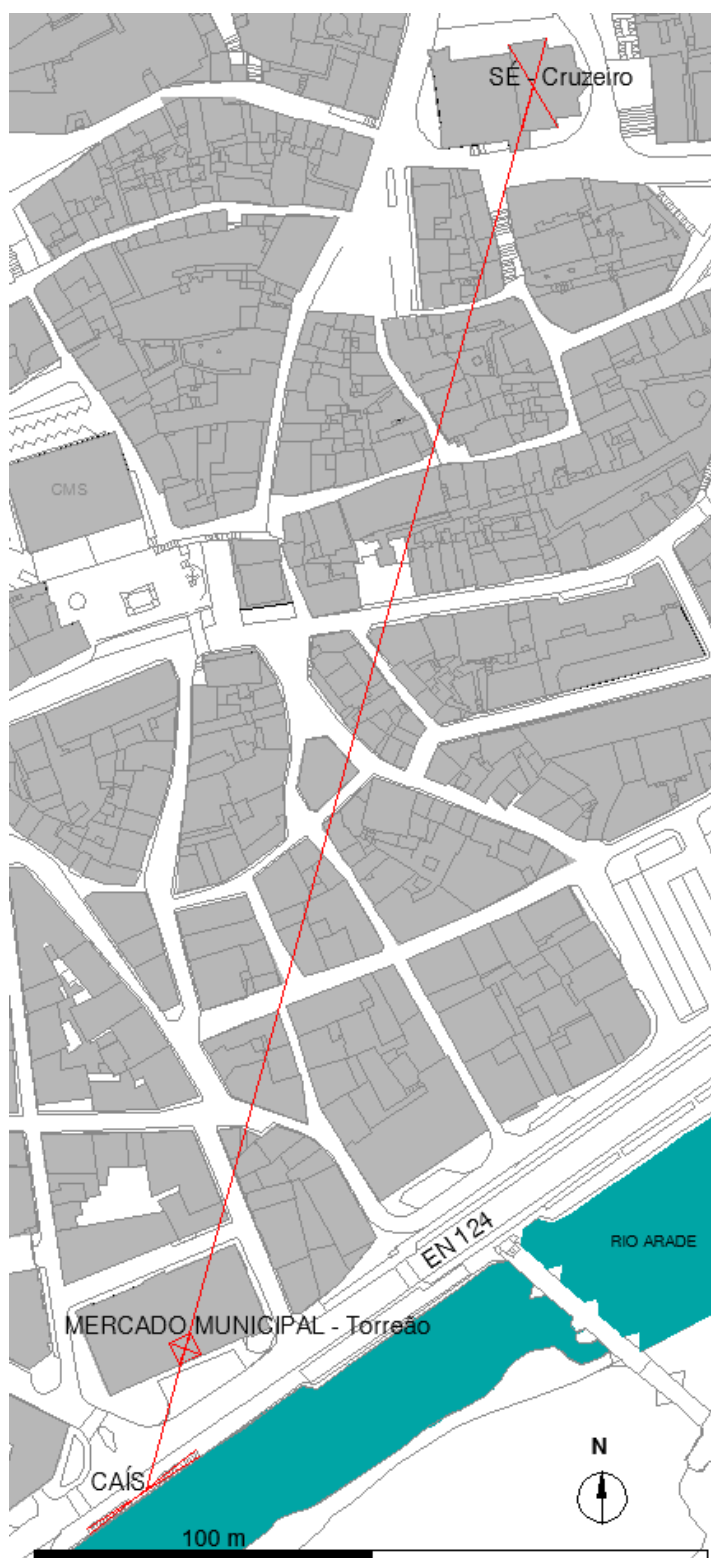
No decorrer deste mecanismo mental interpretativo e emocional, devo referir: «Quando comecei o traçado da inteligível linha da cidade de Silves, partindo do centro do Cais, interceptando a linha vertical do centro do torreão em direcção ao cruzeiro da Sé, foi com o propósito de ligar a composição geométrica

do projecto à cidade, afirmando a proposta, logo, percebi que no traço debaixo da minha mão fruía a significação da Linha da Rosa»⁶¹.

Figura 72 – Traçado da Linha Oculta da Urbe, planta da cidade de Silves.

Legenda:

 Linha Oculta da Urbe



⁶¹ BROWN, Dan – O Código Da Vinci. p. 533

- Centro do cruzeiro e cabeceira da Sé;

Figura 73 – Traçado da Linha do Cruzeiro e da Linha Real, tecto da Sé de Silves, cruzeiro e capela-mor.

Legenda:

| Linha do Cruzeiro – linha vertical no centro do cruzeiro – intersecção da nave central como transepto, passa no centro (chave) da abóboda de cruzaria, paralela à Linha Real.

| Linha Real – linha vertical no centro do “tramo real” da abóboda da cabeceira – capela -mor: une o centro (chave) do cruzamento dos arcos ogivais, toro ornado com as armas reais (Escudo de Portugal) ao centro do túmulo de D. João II.

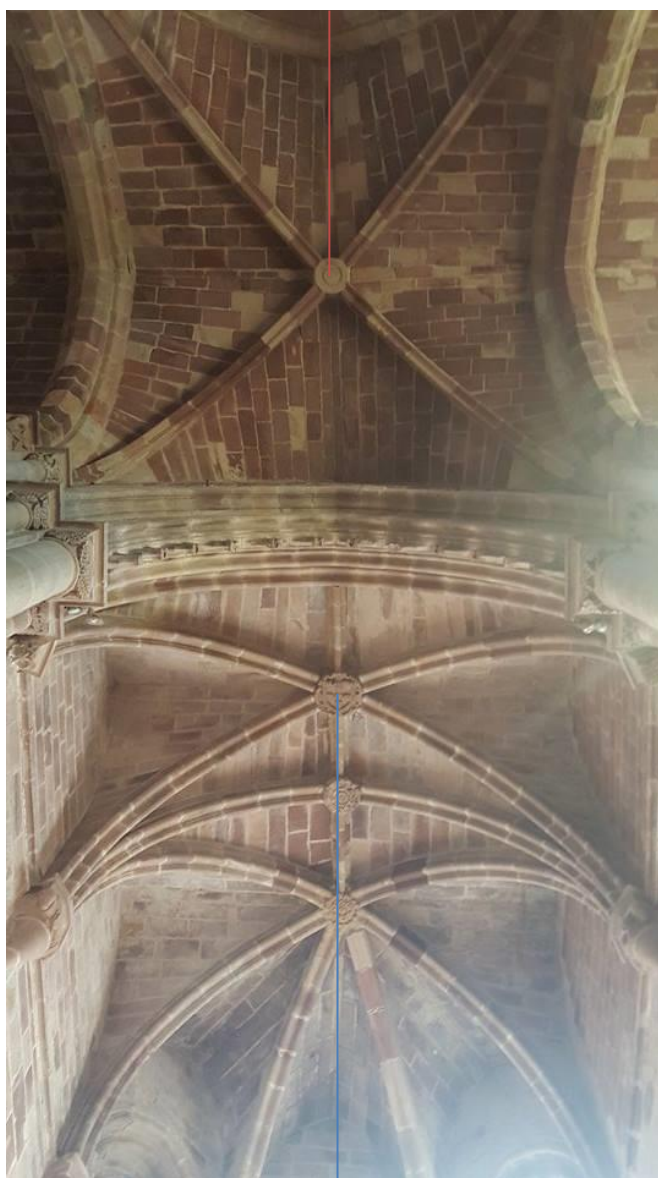


Figura 74 – Traçado da Linha Real, pedra tumular de D. João II, capela-mor, Sé de Silves.



O interior de Sé de Silves⁶² aloja diversos túmulos da Nobreza e do Clero, aí sepultados no período áureo da cidade e da Sé, séculos XV e XVI. D. João II foi aqui sepultado no ano de 1495 e posteriormente trasladado para o Mosteiro da Batalha. A pedra tumular em letra gótica diz (em grafia modernizada): "*Aqui foi sepultado o corpo do muito alto E muito excelente príncipe E muito poderoso El rei dom João o segundo Rei de Portugal E dos algarves D'aquém E d'além mar em África senhor de Guiné o qual se finou em alvor aos xxb dias d'outubro de M iiic IRb E foram Daqui trasladados os seus ossos Para o mosteiro Da batalha No Ano de Mil Quatrocentos E Noventa E Nove Anos*".

A Propriocepção entre as duas linhas verticais é demonstrada através dos elementos geométricos descodificadores da Razão:

- A altura da capela-mor é o dobro da largura do cruzeiro, raiz cinco do duplo quadrado do cruzeiro;
- A altura do cruzeiro é a raiz quadrada dois do centro do duplo quadrado;
- Os arranques (topo dos capiteis) do arco e nervuras da abóboda da capela-mor coincidem com os centros dos quadrados do duplo quadrado;
- A raiz três do centro do duplo quadrado é a principal ligação: a âncora da “linha do cruzeiro” à “linha real” intersecta esta ultima nos seus dois pontos fulcrais; toro decorado com as armas reais e pedra tumular de D. João II.

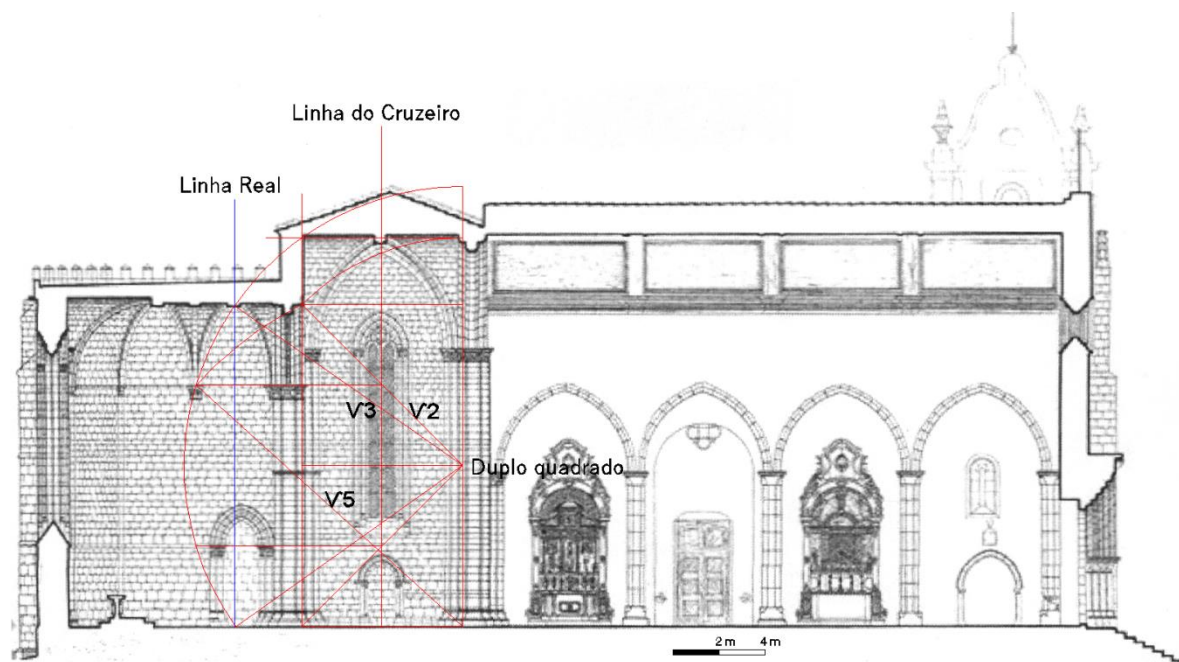


Figura 75 – Traçado da Propriocepção entre a Linha do Cruzeiro e a linha Real, corte longitudinal da Sé de Silves.

⁶² DGEMN – Monumentos 23. p.72 – 87.

4.2. Memória descritiva

▼ Descrição do Local / Estado actual

Local com forte identidade no desenvolvimento da cidade, desde a sua origem até à primeira metade do século XX, outrora importante “porta de entrada” na urbe, pólo comercial, ponto de convergência da actividade económica, social e cultural, epicentro do desenvolvimento urbano. As premissas da abordagem ao local contemplam, a leitura e interpretação da estrutura formal existente e as metamorfoses do crescimento urbano, com o intuito de compreender todos os elementos integrantes da paisagem urbana, identificando, a morfo-tipologia, a volumetria e os usos do edificado e do tecido urbano integrante. Assim como, identificar as memórias do Lugar, reportando ao momento actual, através do tipo de sinergias e vínculos estabelecidos entre os actores do espaço, na procura da identidade e de uma definição actual. O Largo António Enes insere-se numa zona nobre da cidade, com o tecido urbano irregular denotando uma convergem das principais vias de comunicação e acessos, tendo como elemento focal o edifício do Mercado, o qual está rodeado de edifícios com diferentes volumetrias, onde predomina o comércio nos pisos térreos e a habitação nos superiores. O Mercado possui a força da localização, zona central e de convergência de fluxos humanos, vindos do interior da cidade e dos três estacionamento públicos, localizados na periferia (Parque Ribeirinho, Rua C. Figueiredo e acesso sul da ponte Velha).

As astenias mais evidentes são as acessibilidades em torno do Mercado, os edifícios devolutos que mancham a imagem do Largo e negam a fruição nos arruamentos circundantes, as passeadeiras em falta e subdimensionadas, passeios ocupados por equipamentos e estacionamento de cargas e descargas obstruindo a frente da entrada principal do Mercado. Salienta-se ainda que durante o diagnóstico urbano foram detectados aspectos negativos como a “desertificação” na área afecta ao passeio ribeirinho, durante o fim-de-semana e nos dias em que o mercado se desenvolve fora do edifício. O mercado exterior realiza-se em torno do edifício do Mercado Municipal, com principal incidência ao longo da Rua José Estevão, por falta de plataforma uniforme do Largo, destina-se aos pequenos produtores (agricultores) locais, que vêm vender os seus produtos na cidade.

Figura 76 – Mercado exterior ao fim-de-semana, Rua José Estevão, Silves. Toldos das bancas (base do conceito do Passadiço).



É notória a falta de um espaço público similar a uma praça, a fim de evitar a obstrução dos acessos aos edifícios comerciais e habitacionais nos arruamentos envolvente ao Mercado. Foi então, considerada a frente sul do edifício do Mercado Municipal. Na intervenção será reposta a plataforma do antigo Largo do Cais, valorizando o lugar, servindo as necessidades dos comerciantes e da população em geral.

Figura 77 – Largo António Enes, antigo Largo do Cais, Silves, Início do Séc. XX.



O Largo António Enes (antigo largo do caís) perdeu há muito a sua função essencial: primeiro a construção da ponte ferroviária em Portimão a jusante, impediu a entrada de embarcações com mastro; depois a construção da barragem do Arade a montante veio anular a constância do caudal do rio, impedindo a navegabilidade das embarcações de maior calado e agravando o processo de assoreamento do rio; finalmente a construção da nova ponte rodoviária em Silves e das novas vias de comunicação, como a E.N. 124 de Alcoutim – Portimão, fragmentaram a plataforma do Largo e acabaram por retirar ao Rio Arade a sua função de via de comunicação. Deste modo se justifica a intervenção de regeneração no Largo António Enes.

O turismo é actualmente um dos principais motores do desenvolvimento da cidade, o local é o início e o fim do principal roteiro turístico da Cidade. Principalmente para quem parqueia as viaturas no Parque Ribeirinho, mas também para os visitantes que o fazem por via fluvial, via Rio Arade, Portimão / Ferragudo – Silves e retorno, aproveitando a subida das marés.

Figura 78 – Caís e passeio ribeirinho, Largo António Enes, Silves.



O Largo é actualmente constituído por línguas de passeios e faixas de rodagem, que quebram a fruição no espaço. Contudo, usufrui de uma pequena intervenção de reabilitação a nascente, inserida na plataforma da R. José Estevão (antiga Rua do Rio), executada aquando da intervenção do programa “polís”, no início deste século. Conforme demonstra a figura seguinte.

Figura 79 – Rua José Estevão, plataforma ao nível dos passeios delimitados por pinos, Mercado Municipal de Silves.



O passeio ribeirinho na zona do Largo sofre de um estrangulamento desde a sua concepção, redução da plataforma, a qual é ainda mais restringida na zona do caís, pelos dois vazios das escadas. O caís mantém as suas escadarias com função efémera, depende da subida das marés para receber embarcações.

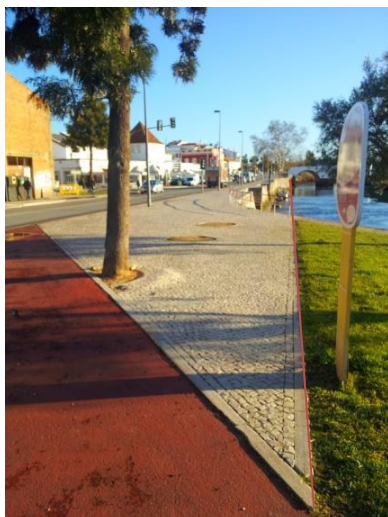


Figura 80 (esquerda) - Passeio ribeirinho, Largo António Enes, Silves, registo fotográfico efectuado do lado poente (limite do parque ribeirinho), assinalado alinhamento proposto.

Figura 81 (direita) – Passeio ribeirinho, Largo António Enes, Silves, registo fotográfico efectuado do lado nascente (ponte velha), assinalado alinhamento proposto.

O Edifício do mercado mantém a sua volumetria original, composta por um piso térreo e um “falso” primeiro piso recuado, zona do duplo pé-direito (Nave).



Figura 82 – Interior do Mercado Municipal de Silves, zona da “nave”, duplo pé-direito.

No seu corpo existem espaços fechados, bancas vazias nos corredores laterais da “nave” e a cobertura têm a clarabóia opaca, não permitindo aproveitar a luz natural. A fachada principal do edifício encontra-se obstruída pelo estacionamento de cargas e descargas, esplanadas e elementos dissonantes que descaracterizam a sua imagem. O edifício necessita de uma reorganização funcional, revitalização e beneficiação dos espaços comerciais, ou seja de uma intervenção integral de requalificação.

A forma do edifício do mercado, com corpo superior recuado, terraço inacessível periférico, provocou e permitiu a proposta para a implementação de um primeiro piso com possível conexão ao Largo.

Figura 83 – Vista aérea do Mercado Municipal de Silves e envolvente.



A envolvente edificada contigua à zona da intervenção tem sido alvo de diversas intervenções arquitectónicas ao longo dos tempos, com aumentos volumétricos consideráveis. Hoje, é caracterizada por uma tipologia dominante de edifícios de habitação e comércio: a parte comercial situa-se no piso térreo, sendo os pisos superiores destinados a habitação permanente, com cêrceas que variam entre o 1º andar e 3º andar. No perímetro da envolvente ao Largo existem dois edifícios devolutos, um a nascente e outro a norte; sendo que na presente proposta será “indicada” a reabilitação do edifício localizado a norte, por razões logísticas e de localização, seria utilizado em parte ou totalmente, para estacionamento auto de apoio ao Mercado e zona de cargas e descargas, dado a sua proximidade da entrada norte do mercado, função de porta de serviço.

▼ Proposta de intervenção:

Durante a proposta teve-se sempre presente a exaltar da identidade do local, focalizando o Largo como memorial do desenvolvimento da cidade, aproveitando a sua localização estratégica e a força simbólica que o Lugar aufere.

A intervenção no Largo e no Mercado procuram aproximar o rio e a cidade, restabelecer a fusão entre a paisagem natural e a paisagem urbana e reencontrar o valor da actividade comercial no espaço ribeirinho, criando um espaço que vá ao encontro das necessidades dos seus utilizadores, respeite a linguagem arquitectónica existente e integre uma relação harmoniosa com a envolvente. Para a execução da proposta foram implantadas três plataformas ancorais: a

Praça, o passadiço e a mezanino, importantes elementos arquitectónicos do programa conceptual.

A Praça é a plataforma urbana de ligação entre o Largo e o Mercado, destina-se essencialmente à realização do mercado ao ar livre e eventos, para além de valorizar toda a frente ribeirinha do Mercado Municipal de Silves, obrigando à reestruturação do passeio ribeirinho e do cais, estende-se sobre o Rio Arade com a laje de pavimento que excede a consola do passeio ribeirinho. A extensão da praça sobre o rio vincula a relação “rio-cidade” e está subjacente ao conceito da saída das embarcações carregadas de cortiça, memorial à Cidade Industrial e aos homens que saíram de Silves para os “descobrimentos marítimos”, caso de Diogo de Silves, piloto da frota do Infante D. Henrique que descobriu o arquipélago dos Açores.

Figura 84 – Modelo tridimensional da Praça, Passeio Ribeirinho, Torre cinética e Caís, Largo António Enes e Mercado Municipal de Silves.

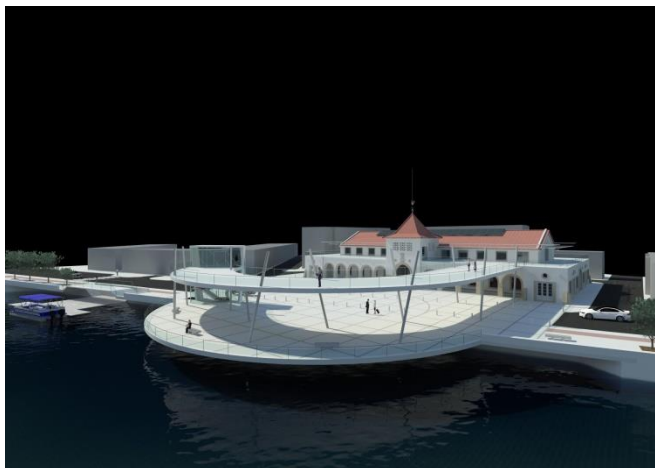


Figura 85 – Modelo tridimensional da Praça, Passeio Ribeirinho, Torre cinética e Caís, Largo António Enes e Mercado Municipal de Silves.



O passadiço é a plataforma superior da Praça que faz a conexão com o terraço do edifício do Mercado, foi materializada segundo a teoria do simbolismo abstracto de Kisho Kurokawa, representada na sua função de acesso ao cais, mas também na forma de abrigo da Praça, emerge de duas circunferências resultantes dos sexto e sétimo actos do processo de Geometricidade (anel de conceitos) da Praça, suportado por pilotis inclinados que perfurando a laje até uma altura de três metros acima deste, e pela comunicação vertical (torre cinética).

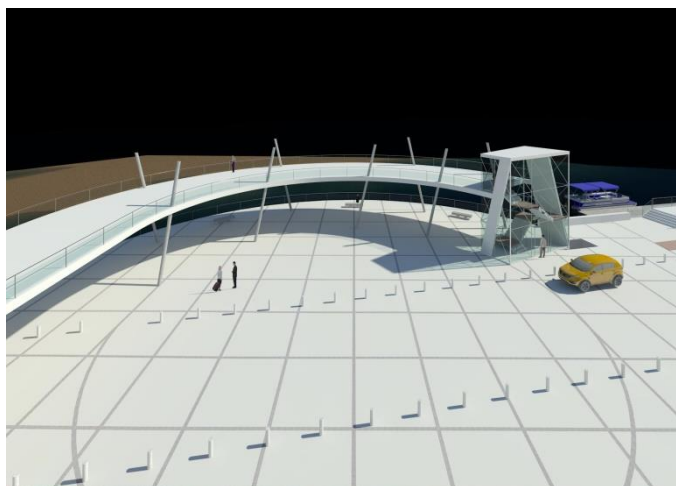
O passadiço é designado por “toldo” ou *Operimentum*, a partir da ideia inspiradora dos toldos, abrigos das bancas dos vendedores do mercado ao ar livre, realizado aos fins-de-semana [fig. 75]. Este é outro simbolismo no elemento arquitectónico e ao mesmo tempo uma segunda função, cobertura, para quem frui e utiliza a Praça.

Figura 86 – Modelo tridimensional da Praça e passadiço, Largo António Enes e Mercado Municipal de Silves.



Os pilotis estão agrupados com inclinações opostos em cada lado do passadiço, numa demonstração dinâmica de vaivém, tal como as marés que diariamente visitam o local. Esta passagem superior tem a mesma largura do terraço inacessível do edifício do mercado, percurso que simboliza o rasto da migração do fragmento, a pele, do lado nascente do torreão, pelo lado mais próximo do rio, circunscrevendo o círculo em torno da esfera armilar desenhada no centro da praça, e que por processos de metamorfose origina o elemento arquitectónico, comunicações vertical - torre cinética, assente na estrutura fundiária das escadas nascentes do cais, na zona do passeio ribeirinho da Praça.

Figura 87 – Modelo tridimensional do desenho da esfera armilar na Praça e Torre Cinética, Largo António Enes, Silves.



A torre foi materializada a partir do sétimo acto da Geometricidade da Praça, a cobertura é constituída por um plano horizontal igual à área da base, assenta nas paredes inclinadas, seguindo a inclinação dos pilotis de cada lado, formando um pórtico torcido, seguindo a dinâmica do conjunto, daí a designação de torre cinética. As restantes paredes da torre são em vidro com perfis de alumínio, de modo a manter a fruição e integração com o espaço envolvente, minimizando o efeito de obstáculo na plataforma do passeio ribeirinho e permitindo a visão contínua. O interior contém as escadas e um ascensor hidráulico de acesso ao passadiço.

Figura 88 – Modelo tridimensional do passeio ribeirinho e torre cinética, Largo António Enes e Mercado Municipal de Silves.



Ligados à Praça estão também o passeio ribeirinho e o caís. O passeio ribeirinho recebe uma nova plataforma de continuidade e ligação ao Parque Ribeirinho a poente, alinhamento imperativo, com o vértice do estrangulamento existente a nascente [fig. 80 e fig. 81]. O aumento da largura do passeio ribeirinho interceptou a plataforma da praça, permitindo o prosseguimento das faixas do passeio ribeirinho do Parque, nomeadamente a faixa desportiva, continuando pelo passeio ribeirinho com uma largura de 1,5m, passando pela ponte velha,

dinamizando a função deste monumento, que serve de passagem pedonal à margem sul do rio e a uma via com estacionamento. A intervenção incluirá também a recuperação do pavimento degradado do tabuleiro da ponte velha. Este percurso é apagado no pavimento da Praça, evitando a sobreposição da marcação e sinalização horizontal, sendo esta a principal passadeira sobre a E.N. 124.

No cais será colocado um ancoradouro de marés, melhorando a atracagem das embarcações e entrada e saída de pessoas e bens, centralizado segundo o eixo do patamar mais baixo e com uma plataforma flutuante fixada em calhas. A largura do ancoradouro é superior aos encontros dos patamares intermédios das escadas, possibilitando assim, o acesso em função da subida e descida das marés.

Como actualmente a subida do Rio Arade até Silves só é possível com as marés altas, a plataforma do passeio ribeirinho nesta zona foi elevada para permitir a passagem das pessoas por baixo. A altura da passagem sobre o ancoradouro foi definida à mesma cota do patamar das escadas de acesso à ponte velha.

Figura 89 – Passeio ribeirinho e patamar das escadas de acesso à ponte velha, Silves.



Na zona da intervenção, definida pelo polígono da intervenção, o rio será dragado, conforme assinalado nas peças desenhadas, para a permanência do espelho de água e evitando que as embarcações fiquem em seco nas marés baixas. Nesta área, mais junto da ponte velha, está contemplado o alargamento do leito do rio para sul, procurando o seu curso original e a desobstrução dos arcos na zona sul do tabuleiro da ponte.

A mezanino é a plataforma superior no edifício do Mercado que define o café-concerto, concebida no perímetro da zona do duplo pé-direito, com cota ao nível do terraço, comunicando com este directamente por duas novas portas a executar nos topos nascente e poente do edifício. Estende-se com uma passagem pelo interior do torreão até duas novas portas voltas para cada lado do terraço, nascente e poente. Os acessos ao piso térreo são executados por ascensores no interior do torreão e por escadas nos topos da mezanino que ligam às antecâmaras das portas nascente e poente do mercado.

A intervenção no edifício do Mercado seguiu a teoria de Camilo Boito, na medida em que a proposta da intervenção contempla o indispensável reforço estrutural da cobertura, as novas partes são constituídas por materiais distintos da construção original, permitindo a sua identificação, e transmitem a sua contemporaneidade sem colidir com o estilo arquitectónico existente do edifício. Formalização aplicada na conexão do passadiço com a fachada do edifício, a não ligação directa da estrutura do passadiço à fachada e utilização de uma peça metálica mais fina para esse efeito.

Figura 90 – Modelo tridimensional da ligação do passadiço ao edifício do Mercado, Largo António Enes, Silves.

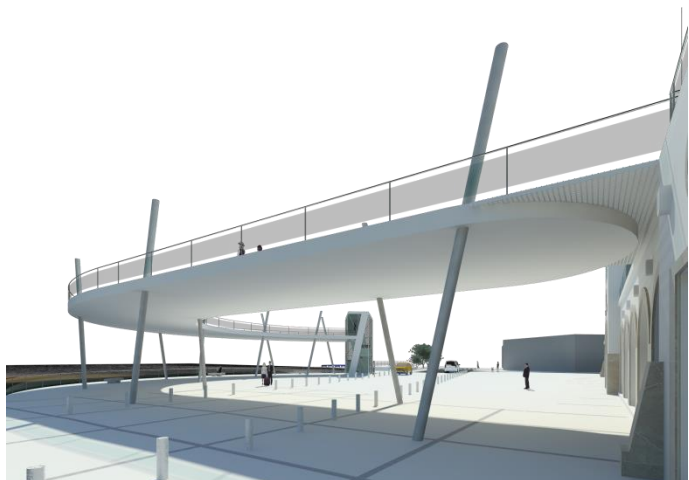


Figura 91 – Modelo tridimensional da mezanino, Café-concerto, piso superior, interior do Mercado Municipal de Silves.



Na parte sul da plataforma da mezanino, junto à passagem para o torreão encontra-se o bar e nas extremidades as instalações sanitárias de apoio ao primeiro piso. No lado oposto, centrado com o eixo de simetria do edifício encontra-se o palco do Café-concerto. A zona de clientes é definida por uma sobrelevação da plataforma, ao mesmo nível do palco, permitindo aproveitar o chanfro existente nos peitoris das janelas para entradas de luz natural ao piso térreo e ao mesmo tempo recortar a laje na face inferior, para manter visíveis os cachorros em pedra, suportes das escoras das asnas, estrutura base da cobertura. As mesas do café-concerto são mobiliário integrado na estrutura, encastradas nas escoras e apoiadas nos tirantes de suporte da mezanino às asnas. Esta materialização do espaço tem também, aspectos de comodidade e segurança na futura utilização do espaço. A zona de circulação da mezanino (café-concerto) tem a mesma cota do terraço.

Figura 92 – Modelo tridimensional da Mezanino, piso térreo, interior do Mercado Municipal de Silves.



O piso térreo do mercado foi alvo de uma reorganização dos espaços, por forma a definir zonas sectoriais de grupos de espaços com actividades semelhantes. As bancadas existentes na “nave” do Mercado serão substituídas por novas, constituídas por painéis amovíveis e separadas por biombos (sistema retráctil), permitindo melhora a circulação, a privacidade entre bancas e a polivalência do espaço, na altura de eventos.

O conceito subjacente dos novos usos aproximou-se de outras intervenções, tais como, o Mercado da Ribeira em Lisboa, com o conceito “time out”. Pretende-se a dinamização do Mercado Municipal de Silves, através da reorganização dos espaços, definindo a ala sul para estabelecimentos de restauração e bebidas, onde foram criados novos restaurantes *gourmet* apoiados pelo corredor sul da “nave”. Conforme representado nos desenhos técnicos.

Durante o trabalho manteve-se uma perspicuidade na autonomia do Mercado enquanto espaço de equipamento da urbe, preservando os seus valores patrimoniais, características formais e construtivas evidenciadas na sua significação física e arquitectónica.

Figura 93 – Modelo tridimensional, vista aérea da intervenção, Mercado Municipal de Silves, Largo António Enes e Envolvente.



A intervenção procurou a interacção dos diferentes sistemas da paisagem urbana, e a sua relação entre si e o equilíbrio com o todo, no intuito de uma solução que tenha viabilidade económica, e que seja sustentável em termos de gestão territorial e exequível em termos de projecto.



Figura 94 – Vista panorâmica da cidade de Silves, zona da intervenção com modelo tridimensional da Proposta, Largo António Enes e Mercado Municipal de Silves.

▼ Dados da Proposta

Nº Pisos = 2 (acima da cota de soleira)

Cérceas do Mercado: Edifício = 10,45 m; Torreão = 6,87 m

Área bruta do Mercado: Piso 0 = 1.413,96m²; Piso 1 = 1.413,96m²

Área útil do Mercado: Piso 0 = 1.062,10 m²; Piso 1 = 447,20 m²

Área bruta do Passadiço: Piso 1 = 421,96 m²

Área bruta da Torre Cinética = 22,51 m²

Cércea da torre cinética = 7,95 m

Área aproximada do Largo = 4.560,00 m²

Área bruta da Praça = 2.297,95 m²

Comprimento aproximado da intervenção no Passeio Ribeirinho = 200,00 m.l.

Área bruta de implantação do edifício proposto para o estacionamento dos concessionários do Mercado, com zona de cargas e descargas = 653,87 m².

▼ Síntese Técnica

Materiais de construção e aspectos construtivos:

- O telhado da cobertura do Mercado será substituído por sistema do tipo “erfi”; telha e sub-telha. Telha cerâmica colocada sobre telha de “painel sandwich”, com isolamento incorporado;
- A Clarabóia será em painéis de vidro duplo laminado com corte térmico e película de sombreamento, conferindo o controlo na luz zenital do mercado. A sobrelevação será mentida, garantindo a ventilação do espaço;
- As palas de sombreamento no exterior do terraço do edifício serão constituídas por grelhas de alumínio, incorporando superiormente placas de acrílico;
- As asnas de madeira da cobertura serão reforçadas estruturalmente com elementos metálicos iguais aos existentes. Serão substituídas as que não conferirem a resistência para a nova função (suporte da mezanino);
- A laje da mezanino será constituída por estrutura metálica leve, tipo “Light steel framing”, apoiada nas paredes autoportantes do edifício e em tirantes metálicos fixados nos nós das asnas. A laje será revestida com placas tipo “OSB” com acabamento em pintura de cor. Nas zonas do chanfro dos peitoris da janelas, a laje terá aberturas que permitem a entrada da luz natural para o piso inferior;
- O passadiço central da mezanino, o passadiço do piso superior do torreão, os tectos dos patamares das escadas e o elemento de ligação do terraço com o passadiço da Praça, serão em grelhas metálicas com painéis de vidro fosco e antiderrapante na face superior;
- O torreão terá dois elevadores hidráulicos no seu interior, ligação entre pisos;
- As duas escadas interiores do edifício serão executadas em ferro devidamente tratado e pintado;
- As guardas e corrimãos dos terraços, zonas de circulação e escadas, serão todas com estrutura em inox e placas de vidro laminado;

- O pavimento do piso térreo da "nave" do Mercado será em calçada polida, com novos pontos de drenagem (a definir no respectivo projecto das especialidades) embutidos em caixas técnicas para o efeito. As drenagens existentes serão tapadas, servirão para a passagem das novas redes de águas e esgotos que servem as novas bancas;
- As lajes do terraço serão reforçadas superiormente com lâminas de compressão, constituídas por betão armado leve de alta resistência;
- Os elementos estruturais da Praça serão em betão armado à vista: passadiço, torre cinética, lajes consolas da Praça e do passeio ribeirinho sobre o rio e ponte sobre o cais. As superfícies em betão à vista serão revestidas com pintura de cor à base de resina epóxi;
- A torre cinética é constituída por um pórtico em betão armado e as restantes paredes em vidro com caixilharia de metal. Alberga no seu interior: escadas em betão e um ascensor hidráulico. O revestimento dos degraus das escadas será em pedras de sienito à cor natural, a sua cobertura plana será devidamente isolada;
- O pavimento da Praça será em betão poroso, de cor clara, a trama e o círculo da esfera armilar são os desenhos no pavimento, constituídos por cubos de calçada grada em pedra (sienito de Monchique), conforme o existente na faixa de rodagem da R. José Estevão. A Praça será elevada 0,10 m relativamente à cota da faixa de rodagem da E.N.124, permitindo a passagem moderada das viaturas. Os pinos de sinalização vertical na zona da Praça serão idênticos aos existentes na Rua José Estevão, incluindo iluminação autónoma;
- A reestruturação viária será completamente definida em projecto da respectiva especialidade (projecto da rede viária). No presente estudo foram definidas as seguintes alterações em projecto: a principal "passadeira" para o Mercado é a Praça, a circulação rodoviária será alterada, o trânsito poderá contorna do edifício do Mercado, permite o acesso fácil ao novo estacionamento proposto, bem como interromper e/ou condicionar o trânsito automóvel na zona da praça, aquando dos mercados exteriores e eventos na Praça;

- O estudo “indica” um estacionamento para cargas e descargas na Travessa Norte, junto ao edifício proposto para estacionamento, que contemplará a respectiva sinalização vertical e horizontal (projecto da rede viária);
- O perfil transversal da Travessa a Norte do edifício do Mercado e o troço da Rua Francisco Pablos, inserido no Largo, serão alterados para o existente na Rua José Estevão. Os lancis e a calçada à portuguesa existente nos passeios mantêm-se em pedra calcária de cor clara e ao mesmo nível das faixas de rodagem em cubo de sienito, com pendentes para o centro, eixo da via, onde se situam os drenos. As passadeiras pedonais serão em calçada grada de cor, conforme [fig. 79];
- O Passeio Ribeirinho terá a faixa pedonal com 1,50m de largura, assinalada no pavimento com a mesma cor e no seguimento do existente no Parque Ribeirinho, a qual pode ser utilizada como ciclovia;
- O pavimento da ponte velha será reparado e incluirá ao centro a faixa pedonal.
- O Mobiliário urbano será constituído por bancos e candeeiros públicos semelhantes aos existentes no Parque Ribeirinho da cidade;
- A mancha verde é composta por um alinhamento de árvores no passeio ribeirinho, de acordo com o existente;
- A iluminação artificial da Praça será efectuada com pontos de luz e cabos de sistema de LEDs, nos pilotis e passadiço.

A disposição e características do mobiliário urbano e equipamentos dos estabelecimentos comerciais, referidos no presente estudo são meramente indicativos. Pelo que, serão definidos noutra estudo que contemple projecto de detalhe.

Conclusão

A cidade é um espaço de funções autênticas, afectas aos seus cidadãos, e o Mercado tem uma função importante nessas práticas e na estrutura da Urbe, principalmente, ao nível social, económico e cultural. Pois desde a antiguidade que as tipologias dos mercados: Ágora, Fórum, Feira e Praça, desempenham uma importância crucial no desenho urbano. Durante o presente estudo verificou-se que os mercados situavam-se num lugar privilegiado da cidade, elemento constituinte do centro de comércio, local de trocas por excelência. Só promovendo estes espaços e dando-lhes melhores infra-estruturas, evitamos os fluxos para as grandes superfícies comerciais, geralmente localizadas fora do centro da cidade.

O Estudo fenomenológico deve ser o mais abrangente possível, mas sempre direccionado para o local, objectivando a harmonia da intervenção urbana e arquitectónica o mais coerente com o lugar. A reflexão epistemológica direccionou-se para a dialéctica inequívoca dos dois espaços (Mercado e Largo) no “todo”, quer em termos físicos, sociais e económicos.

O Turismo foi visto como uma oportunidade de promover a dinamização do espaço, e não como um factor integrante na intervenção.

A intervenção demonstra que devemos ter uma atitude ténue para com as pré-existências, pois, trata-se de regenerar e requalificar espaços públicos numa zona nobre da cidade, de cariz histórico, um lugar de encontro e com uma identidade bem vincada, que exige uma intervenção concertada, garante de revitalização do património local e da cidade, subjacente aos desígnios do “*Genius Loci*”. Identificar a identidade estética e compositiva do espaço, induziu a um estudo pré-interpretativo de descodificação da geometria, das formas arquitectónicas, por forma a moldar e definir os cânones para o Processo da Geometricidade. O seu equilíbrio foi conseguido pelo Sistema da Propriocepção. O processo de conceptualização é o resultado do diagnóstico da observação das formas geométricas “puras” existentes nos elementos arquitectónicos do edifício do Mercado Municipal de Silves, elementos impulsionadores e reguladores de todo o processo conceptual, formalizado pela Composição Geométrica.

A importância do Processo, elemento subjectivo segundo o desígnio sistemático do conceito: **Composição Geométrica em que a forma procura a função e a regra explica a forma**, conseguindo o seu resultado na “petrificação” das formas dos elementos arquitectónicas.

O trabalho demonstra a relevância do uso da geometria na resolução dos problemas urbanos e arquitectónicos dos espaços públicos existentes, através da demonstração do património geométrico invisível inerente à Composição Geométrica, e dos seus instrumentos de carácter, intuitivo, perceptivo e criativo, que culminam na composição das formas arquitectónicas.

Desde a antiguidade que o homem utiliza a geometria como regra formal, para chegar às mais complexas e eruditas formas geométricas ao serviço da arquitectura, na procura da perfeita harmonia com o espaço. Ainda hoje a geometria tem a resposta para os anseios do arquitecto, basta aceitar o paradoxo do desenho sem a geometria.

O projecto é a conclusão, o produto do trabalho subjacente à ideia da importância de manter os espaços, as valências da riqueza identitária da cidade, fundamento relevante da intervenção contemporânea na valorização e promoção do património local, como pré-estabelecido na análise e diagnóstico [fig. 7].

O projecto devolve à cidade a magnificência do local, através da renovação da paisagem arquitectónica, urbana, e ambiental.

“A geometria é a pedra basilar da arquitectura e do desenho urbano na generalidade: a geometria não é tudo, mas pode conter tudo”.

Do Autor

Bibliografia

Actas / Projectos / Revistas

CMSCV / B/A/001, Actas da Câmara Municipal de Silves.

Câmara Municipal de Silves – Arquivo Histórico: Projectos do Mercado Municipal de Silves.

Direção Geral Dos Edifícios e Monumentos Nacionais – Monumentos 23. Dossiê-Centro Histórico de Silves. Revista semestral de edificios e monumentos. Nº 23 (2005), p. 6 – 139.

Arquitectura e Urbanismo – aU. Edifícios - Simbolismo e simbiose. Revista. Edição 95 (2001), p. 54.

Fundação Calouste Gulbenkian - Colóquio Artes. Revista. Nº. 54 (1982), p. 5 - 15

Livros

BATISTA, Patrícia Santos - Mercados Públicos - Motores de Desenvolvimento Local: O Mercado Municipal de Loulé 1908-2008. Loulé: Câmara Municipal, 2008.

BENEVOLO, Leonardo - História da Cidade. 3ª edição. São Paulo: Editora Perspectiva S.A., 2001.

BENEVOLO, Leonardo – A cidade na História da Europa. Lisboa: Editorial Presença, 1995.

BOITO, Camillo - Os Restauradores. São Paulo: Ateliê Editorial, 1883.

BROWN, Dan – O Código Da Vinci. 30ª. Edição. Lisboa: Bertrand Editora, 2005. ISBN 972-25-1352-4

CALATRAVA, Santiago - Conversa com Estudantes. Barcelona: Gustavo Gili, 2002.

CALVETE, Carlos; JOLE, Marcel Van – Colóquio Artes: Geometria Sagrada. 2ª série. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. 1982.

CASTELLS, Manuel – O Poder da Identidade. A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003, 2 Volume.

CHOAY, Françoise - A regra e o modelo sobre a teoria da Arquitectura e do Urbanismo. São Paulo: Editora Perspectiva, 1985.

CHOAY, Françoise - A Alegoria do Património. Lisboa: Edições 70, 2007.

CONSIGLIERI, Victor – As significações da arquitectura: 1920 – 1990. 1.ª edição. Lisboa: Editorial Estampa, 2000. ISBN 972-33-1592-0.

CÓIAS, Vítor – Reabilitação Estrutural de Edifícios Antigo: Alvenaria / Madeira: Técnicas pouco Intrusivas. Lisboa: Argumentum, 2007.

COUTINHO, Valdemar - Centros históricos de influência islâmica: Tavira, Faro, Loulé, Silves, Portimão. Lisboa. Instituto de Cultura Ibérico – Atlântica. 2001.

CULLEN, Gordon - Paisagem Urbana: Arquitectura e Urbanismo. Edição em Português. Lisboa: Edições 70, 2006.

DOMINGUES, José D. Garcia – Silves: Guia turístico da cidade e do concelho. 2ª edição. Silves: Câmara Municipal de Silves, 2002.

DURAND, Jean-Nicolas-Louis e LEGRAND, Jacques Guillaume - Recueil et parallèle des édifices de tout genre anciens et modernes. Paris: Vincent Freal & Cie Editeurs, 1801.

FERNANDES, José Manuel – Português Suave: Arquitecturas do Estado Novo. Lisboa: Departamento de estudos - IPPAR, 2003.

FERNANDES, José Manuel - Silves na Transição dos séculos XIX- XX. Aspectos urbano-arquitectónicos: Lisboa: Revista Monumentos, nº 23, 2005. p. 38 – 45.

FERNANDES, José Manuel – Algarve: Arquitectura e espaços recuperados. Faro: CCDR Algarve, 2011.

GOMES, Rosa Varela - Da Silves islâmica à Silves da expansão: A evidência arqueológica. Lisboa: Revista Monumentos, nº23, 2005. pp.22-29.

GOMES, Rosa Varela - Silves (Xelb), uma cidade do Gharb Al-Andalus: território e cultura. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia, 2002.

GOMES, Rosa Varela - TRABALHOS DE ARQUEOLOGIA 35. Silves (Xelb), uma cidade do Gharb Al-Andalus: a Alcáçova. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia, 2003. ISBN 972-8662-18-1. p.29

HAROUEL, Jean-Louis - História do Urbanismo, 4º Edição. São Paulo: Papirus, 2004.

KEVIN, Lynch - A Imagem da Cidade. Lisboa: Edições 70, 1988.

FREITAS, Lima – Almada e o número. 1ª edição. Lisboa: Editorial Arcádia. 1977.

GOITIA, Fernando Chueca – Breve História do Urbanismo. 8ª Edição. Lisboa: Editorial Presença, 2010.

LOPES, Manuel de; João B. da Silva e MATOS - A Cidade de Silves num Itinerário Naval do Séc.XII por um Cruzado Anónimo, s. l., 1999.

MACIEL, M. Justino – Vitruvius: tratado de arquitectura. 1ª e 2ª ed.. Lisboa: IST Press, 2007. ISBN 972-8469-43-8.

PESSOA, Fernando - Silves e a sua paisagem. Lisboa: DGPC, Revista Monumentos, nº 23, 2005, pp.18-21.

PEVSNER, Nikolaus - A History of Building Types: The A. W. Mellon Lectures in the Fine Arts. Series XXXV. 19. New Jersey - U.S.A: Bollingen Foundation, 1979.

RODRIGUES, Ana Leonor M. Madeira – O Desenho: ordem do pensamento arquitectónico. 1ª edição. Lisboa: Editorial Estampa, 2000. ISBN 972-33-1608-0.

ROSSI, Aldo – A Arquitectura da Cidade. 2ª edição. Lisboa: Edições Cosmos, 2001.

TAVARES, Domingos – Guarino Guarini: geometrias arquitectónicas. 1ª edição. Porto: Dafne Editora, 2010. ISBN 978-989-8217-07-3.

TEIXEIRA, Manuel C. - Silves: cidade mediterrânica - cidade muçulmana. Lisboa: Revista Monumentos, nº 23, 2005, pp. 6 – 17.

Webgrafia

DURAND, J.N.L. - Recueil et Parallèle des édifices de tout genre [Em linha]: anciens et modernes. Paris: 1822. [Consultado a 9 de Março de 2015]. Disponível em <http://digi.ub.uni-heidelberg.de/diglit/durand1802/0002>.

LEONARDO, da Vinci – Trattato della Pittura [Em linha]: 1ª e 2ª ed. Carabba editore, 1947. [Consultado a 21 de Abril de 2015]. Disponível em <http://www.e-text.it/>.

CERQUEIRA, Hugo Philippe Herrenschmidt da Nazareth Fernandes de - António Varela - Arquitecto [Em linha]: O legado do Invisível. 1ª ed. Lisboa: Caleidoscópio, 2009. [Consultado a 3 de Julho de 2015]. Disponível em <http://canthecanlisboa.com/antonio-varela-arquitecto-o-legado-do-invisivel-de-hugo-nazareth-fernandes/>. ISBN 9789896582258.

Índice de Figuras**Pág.**

Figura da capa – vista parcial da cidade de Silves, local do estudo: Mercado Municipal, Largo António Enes, Passeio Ribeirinho, cais e rio Arade. Fonte: Do Autor.

Figura 1 – Vista parcial de Silves, parte ocidental, antigo Largo do Cais, início do séc. XX. Fonte: Câmara Municipal de Silves – Arquivo Municipal, consultado em 14/01/2015. ...4

Figura 2 – Vista de Silves, Largo António Enes e 1ª fase da construção do Mercado Municipal, meados do séc. XX. Fonte: Câmara Municipal de Silves – Arquivo Municipal, consultado em 14/01/2015. ...5

Figura 3 – Vista de Silves, Largo António Enes e 2ª fase de construção do Mercado Municipal – segunda metade do séc. XX. Fonte: Câmara Municipal de Silves – Arquivo Municipal, consultado em 14/01/2015. ...5

Figura 4 – Vista da cidade de Silves, Largo António Enes, Mercado Municipal, zona Ribeirinha e Ponte Velha, séc. XXI. Fonte: Do Autor. ...5

Figura 5 – Frente fluvial do Mercado Municipal de Silves e Ponte Velha, séc. XXI. Fonte: Do Autor. ...6

Figura 6 – Cais de Silves, embarcações de turismo. Fonte: Do Autor. ...7

Figura 7 – Diagrama de classificação do património do local. Fonte: Do Autor. ...9

Figura 8 – Planta do Centro Cívico de Mileto: 13 - Ágora setentrional; 24 - Ágora meridional. Séc. V a.C. Fonte: Benévolo, Leonardo – História da Cidade. P. 117. ...12

Figura 9 – Planta do Centro Cívico de Pompeia: A – Fórum. Séc. VIII - VI a.C.. Fonte: <http://www.highrise.axxio.net/public-domain/the-public-domain.htm>, consultado em 15/08/2015 às 15:28h. ...13

Figura 10 – Ilustração do Mercado da Porta de Ravenna em Bolonha, Itália, miniatura do séc. XV. Fonte: http://www.roberto-crosio.net/1medioevo/comune_attivita.htm, consultado em 15/08/2015 às 15:56h. ...14

Figura 11 – Vista do Mercado Ferreira Borges, Porto. Séc. XXI. Fonte: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:S%C3%A3o_Nicolau-Mercado_Ferreira_Borges.jpg, consultado em 15/08/2015 às 16:16h. ...15

Figura 12 – Tipologias construtivas dos mercados do séc. XIX. Fonte: DURAND, J.N.L. Recueil et Parallèle des édifices de tout genre, anciens et modernes, p.14. Disponível em <http://digi.ub.uniheidelberg.de/diglit/durand1802/0023>, consultado em 9/03/2015 às 14:00h. ...17

Figura 13 – Vista do Mercado Municipal da Covilhã. Década de 40 do séc. XX. Fonte: <http://www.cm-covilha.pt/simples/?f=4823>, consultado em 20/08/2015 às 16:29h. ...18

Figura 14 - Vista da Praça e Mercado Municipal de Faro. Séc. XXI. Fonte: <https://algarvepressnahora.wordpress.com>, consultado em 25/08/2015 às 17:30h. ...22

Figura 15 – Vista do interior do Mercado Municipal de Loulé. Séc. XXI. Fonte: <http://www.obrecol.pt/index.php?id=21&ido=3>, consultado em 25/08/2015 às 18:45h. ...23

Figura 16 – Vista do interior do Mercado da Ribeira em Lisboa, nova intervenção, Séc. XXI. Fonte: Do Autor. ...24

Figura 17 - Planta de localização – carta militar, cidade de Silves, assinalado o local da intervenção. Fonte: Câmara Municipal de Silves – DPTIG/SRIG, elemento fornecido em 23/11/2014. ...30

Figura 18 - Vista aérea da cidade de Silves, norte, séc. XXI. Fonte: <http://www.google.pt/imgres?imgurl=http://algarvefor.me/www/public/default/imgdb/Castelo-de-Silves> consultado em 11/02/2015 às 10h:25m. ...31

Figura 19 - Vista aérea da cidade de Silves – Polígono da zona de Intervenção.

Fonte: <https://www.google.pt/maps/@37.1864828,-8.4395074,454m>

/data=!3m1!1e3 – consultado em 12/02/2015 às 23:44h.

...31

Figura 20 - Imagem do Levantamento e reconstituição – a “Xelb” (Silves) islâmica, séc. XII–XIII, alçado sul, por Victor Borges 1995-2001. Fonte:

http://www.pt.wikipedia.org/wiki/Victor_Borges - consultado em 17/04/2015 às 1:34h.

...33

Figura 21 - Imagem do Levantamento e reconstituição – a “Xelb” (Silves) islâmica, séc. XII – XIII, alçado norte, por Victor Borges 1995-2001. Fonte:

http://www.pt.wikipedia.org/wiki/Victor_Borges, consultado em 17/04/2015 às 1:44.

...34

Figura 22 - Vista panorâmica da cidade de Silves, à esquerda os antigos; Largo do Caís e o edifício do Mercado; à direita a destruição das muralhas para novos arruamentos, ano 1883. Fonte: Câmara Municipal de Silves – Arquivo Municipal, consultado em 14/01/2015.

...36

Figura 23 - Vista parcial da cidade de Silves – parte ocidental, fábrica Real Vilarinho e Sobrinho junto ao Largo António Enes, ainda com o edifício do Mercado Antigo, a montante, já construído o edifício da Câmara Municipal, início do séc. XX. Fonte: Câmara Municipal de Silves – Arquivo Municipal, consultado em 14/01/2015.

...36

Figura 24 - Vista parcial da cidade de Silves – parte oriental, fábrica Avern Sons & Barris – fábrica do Inglês, início do séc. XX. Fonte: Arquivo Municipal de Silves – CMS, consultado em 14/01/2015.

...36

Figura 25 - Vista do novo acesso rodoviário (entrada principal) na cidade de Silves - zona sul, ponte nova e frente fluvial (local do futuro traçado da EN 124), década de 60 do séc. XX. Fonte: Arquivo Municipal de Silves – CMS, consultado em 14/01/2015.

...37

Figura 26 - Vista da cidade de Silves – Mercado Municipal, E.N. 124, caís, rio Arade e ponte velha, década de 70 do séc. XX. Fonte: http://retratosdeportugal.blogspot.pt/2010_12_01_archive.html, consultado em 15/11/2014 às 21:58h. ...37

Figura 27 - Praça do Município - Silves, primeira metade do séc. XX. Fonte: Arquivo Municipal de Silves – CMS, consultado em 14/01/2015. ...38

Figura 28 – Rio Arade, Caís e Praça do Peixe - Silves, primeira metade do séc. XX. Fonte: Arquivo Municipal de Silves – CMS, consultado em 14/01/2015. ...39

Figura 29 – Planta localização – Silves, “Pontos de Mercado”. Fonte: Do Autor. ...39

Figura 30 - Desenho em perspectiva do grande “algibe” (cisterna), Castelo de Silves. Fonte: Gomes, Rosa Varela - TRABALHOS DE ARQUEOLOGIA 35. Silves (Xelb), uma cidade do Gharb Al-Andalus. p.29. ...41

Figura 31 - Vista poente da porta da Vila “Torreão” – Silves, em finais do séc. XIX. Fonte: Arquivo Municipal de Silves, consultado em 14/01/2015. ...42

Figura 32 – Vista aérea da Sé de Silves, séc. XXI Fonte: <http://www.jfsilves.pt/Pages/Artigo.aspx?ID=61&MenuId=62>, consultado em 30/04/2015 às 23:58h. ...43

Figura 33 - Vista da Fábrica “Real Vilarinho e Sobrinho” – Silves, bairro dos operários e campo de futebol, início do séc. XX. Fonte: Arquivo Municipal de Silves – CMS, consultado em 14/01/2015. ...45

Figura 34 - Imagem dos Trabalhadores na fábrica Avern Sons & Barris ou fábrica do Inglês – Silves, fabricação de rolas de cortiça, início do séc. XX. Fonte: Arquivo Municipal de Silves – CMS, consultado em 14/01/2015. ...45

Figura 35 - Vista da cidade de Silves, zona este, tecido urbano da zona industrial, edifícios fabris e bairro operário, primeira metade do séc. XX. Fonte: Arquivo Municipal de Silves – CMS, consultado em 14/01/2015. ...46

Figura 36 – Planta da morfologia urbana - Silves. Fonte: Do Autor. ...47

Figura 37 - Vista do Rio Arade e Caís, Silves, carregamento de cortiça em embarcações com mastro, início do séc. XX. Fonte: Arquivo Municipal de Silves – CMS, consultado em 14/01/2015. ...47

Figura 38 – Vista do Largo do Cais, edifício do antigo mercado do peixe e ponte Velha, Silves, transporte de pessoas e mercadorias, início do séc. XX. Fonte: Arquivo Municipal de Silves – CMS, consultado em 14/01/2015. ...48

Figura 39 - Vista do rio Arade e caís, assoreamento do rio, início do séc. XX. Fonte: Arquivo Municipal de Silves – CMS, consultado em 14/01/2015. ...49

Figura 40 - Vista do Rio Arade e Largo do Caís - Silves, embarcações sem mastros, transporte de pessoas e mercadorias, primeira metade do séc. XX. Fonte: Arquivo Municipal de Silves – CMS, consultado em 14/01/2015. ...50

Figura 41 - Vista do Rio Arade e Largo António Enes, Silves, embarcações de turismo. Séc. XXI. Fonte: Do Autor, efectuada em 31/07/2015. ...51

Figura 42 - Diagrama da mnemónica do conceito. Fonte: Do Autor. ...53

Figura 43 – Papiro de Rhind, antigo Egipto. Ano 1650 a.C.. Fonte: <http://chrisrik.plazilla.com/page/4295139347/> egypte-en-papyrus, consultado em 23/07/2015 às 10:00h. ...54

Figura 44 – Os Cinco Sólidos de Platão. Fonte: <http://cmup.fc.up.pt/cmup/pick/Manhas/PoliedrosPlatao2.jpg>, consultado em 25/07/2015 às 22:32h. ...55

- Figura 45 – Medição das terras, antigo Egipto, ano 2500 a.C.. Fonte: <https://sites.google.com/site/fisiklain/home/1/matematica-egipcia>, consultado em 25/07/2015 às 22:50h. ...57
- Figura 46 – Definição do Elemento Fundador e traçado do Ponto Gerador. Fonte: Do Autor. ...60
- Figura 47 – Diagrama de determinação da Regra. Fonte: Do Autor. ...62
- Figura 48 – Imagens da filmagem ao painel “Começar” de Almeida Negreiros, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa. Fonte: Do Autor. ...63
- Figura 49 – Diagrama da Redução, triângulo de Sierpinski. Fonte: Do Autor. ...64
- Figura 50 – Diagrama da Expansão, flor da vida. Fonte: Do Autor. ...65
- Figura 51 – Torreão do mercado municipal de Silves, fachada sul. Definido no presente trabalho como o Elemento Fundador. Fonte: Do Autor. ...69
- Figura 52 – Primeiro Acto do processo de Geometricidade da Praça. Fonte: Do Autor. ...70
- Figura 53 – Segundo Acto do processo de Geometricidade da Praça. Fonte: Do Autor. ...70
- Figura 54 – Terceiro Acto do processo de Geometricidade da Praça. Fonte: Do Autor. ...71
- Figura 55 – Quarto Acto do processo de Geometricidade da Praça. Fonte: Do Autor. ...71
- Figura 56 – Quinto Acto do processo de Geometricidade da Praça. Fonte: Do Autor. ...72

Figura 57 – Sexto Acto do processo de Geometricidade da Praça. Fonte: Do Autor.	...72
Figura 58 – Sétimo Acto do processo de Geometricidade da Praça. Fonte: Do Autor.	...73
Figura 59 – Primeiro Acto do processo de Geometricidade do Café-concerto: mezanino. Fonte: Do Autor.	...74
Figura 60 – Segundo Acto do processo de Geometricidade do Café-concerto: mezanino. Fonte: Do Autor.	...74
Figura 61 – Terceiro Acto do processo de Geometricidade do Café-concerto: mezanino. Fonte: Do Autor.	...74
Figura 62 - Desenho cotado da construção do rectângulo de ouro. Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Ret%C3%A2ngulo_de_ouro , consultado em 11/08/2015 às 11:15h.	...76
Figura 63 – Quarto Acto do processo de Geometricidade do Café-concerto: mezanino. Fonte: Do Autor.	...76
Figura 64 – Quinto Acto do processo de Geometricidade do Café-concerto: mezanino. Fonte: Do Autor.	...77
Figura 65 – Sexto Acto do processo de Geometricidade do Café-concerto: mezanino. Fonte: Do Autor.	...77
Figura 66 – Processo de Geometricidade das palas. Fonte: Do Autor.	...78
Figura 67– Processo de Geometricidade dos separadores, bancas e mesas da Nave, interior do piso térreo do Mercado Municipal de Silves, Proposta. Fonte: Do Autor.	...80

- Figura 68 – Sistema de Propriocepção: equilíbrio dos centros. Fonte: Do Autor. ...80
- Figura 69 – Traçado do possível *Cardus Maximus* e *Decúmanus* de Silves.. Fonte: GOMES, Rosa Varela - Silves (Xelb), uma cidade do Gharb Al-Andalus: território e cultura. p. 92. ...81
- Figura 70 – Traçado do Centro do Cais de Silves. Fonte: Do Autor. ...82
- Figura 71 – Traçado do centro do torreão, tecto do torreão do Mercado Municipal de Silves. Fonte: Do Autor. ...82
- Figura 72 – Traçado da Linha Oculta da Urbe, planta da cidade de Silves. Fonte: Do Autor. ...83
- Figura 73 – Traçado da Linha do Cruzeiro e da Linha Real, tecto da Sé de Silves, cruzeiro e capela-mor. Fonte: Do Autor. ...84
- Figura 74 – Traçado da Linha Real, pedra tumular de D. João II, capela-mor, Sé de Silves. Fonte: Do Autor. ...84
- Figura 75 – Traçado da Propriocepção entre a Linha do Cruzeiro e a linha Real, corte longitudinal da Sé de Silves. Fonte: http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=17075, consultado em 12/12/2015 às 17:20h e traçado do Autor. ...85
- Figura 76 – Mercado exterior ao fim-de-semana, Rua José Estevão, Silves. Toldos das bancas (base do conceito do Passadiço). Fonte: do Autor. ...87
- Figura 77 – Largo António Enes, antigo Largo do Caís, Silves, Início do Séc. XX. Fonte: Câmara Municipal de Silves – Arquivo Municipal, consultado em 14/01/2015. ...87
- Figura 78 – Caís e passeio ribeirinho, Largo António Enes, Silves. Fonte: Do Autor. ...88

Figura 79 – Rua José Estevão, plataforma ao nível dos passeios delimitados por pinos, Mercado Municipal de Silves. Fonte: Do Autor. ...88

Figura 80 (esquerda) - Passeio ribeirinho, Largo António Enes, Silves, registo fotográfico efectuado do lado poente (limite do parque ribeirinho), assinalado alinhamento proposto. Fonte: Do Autor. ...89

Figura 81 (direita) – Passeio ribeirinho, Largo António Enes, Silves, registo fotográfico efectuado do lado nascente (ponte velha), assinalado alinhamento proposto. Fonte: Do Autor. ...89

Figura 82 – Interior do Mercado Municipal de Silves, zona da “nave”, duplo pé-direito. Fonte: Do Autor. ...89

Figura 83 – Vista aérea do Mercado Municipal de Silves e envolvente. Fonte: Clube Desportivo Cultural de Enxerim (www.gdcenxerim.pt/?page_id=3496), consultado em 26/11/2014 às 23:50h. ...90

Figura 84 – Modelo tridimensional da Praça, Passeio Ribeirinho, Torre cinética e Caís, Largo António Enes e Mercado Municipal de Silves. Fonte: Do Autor. ...91

Figura 85 – Modelo tridimensional da Praça, Passeio Ribeirinho, Torre cinética e Caís, Largo António Enes e Mercado Municipal de Silves. Fonte: Do Autor. ...91

Figura 86 – Modelo tridimensional da Praça e Passadiço, Largo António Enes e Mercado Municipal de Silves. Fonte: Do Autor. ...92

Figura 87 – Modelo tridimensional do desenho da esfera armilar na Praça e Torre Cinética, Largo António Enes, Silves. Fonte: Do Autor. ...93

Figura 88 – Modelo tridimensional passeio ribeirinho e Torre Cinética, Largo António Enes e Mercado Municipal de Silves. Fonte: Do Autor. ...93

Figura 89 – Passeio ribeirinho e patamar das escadas de acesso à ponte velha, Silves. Fonte: Do Autor. ...94

Figura 90 – Modelo tridimensional da ligação do passadiço ao edifício do Mercado, Largo António Enes e Mercado Municipal de Silves. Fonte: Do Autor.

...95

Figura 91 – Modelo tridimensional da mezanino, Café-concerto, piso superior, interior do Mercado Municipal de Silves. Fonte: Do Autor.

...96

Figura 92 – Modelo tridimensional da Mezanino, piso térreo, interior do Mercado Municipal de Silves. Fonte: Do Autor.

...96

Figura 93 – Modelo tridimensional, vista aérea da intervenção, Mercado Municipal de Silves, Largo António Enes e Envolvente. Fonte: Do Autor.

...97

Figura 94 – Vista panorâmica da cidade de Silves, zona da intervenção com modelo tridimensional da Proposta, Largo António Enes e Mercado Municipal de Silves. Fonte: Do Autor.

...98

▼ Desenhos Técnicos

Índice dos Desenhos Técnicos

Desenho nº 1 - Planta de localização, Esc.1/25000

Desenhos técnicos, estado actual:

Desenho nº 1.1 - Planta topográfica, Esc.1/2000

Desenho nº 1.2 - Planta de morfologia e cêrceas do local, Esc.1/2000

Desenho nº 1.3 - Planta de usos, Esc.1/1000

Desenho nº 1.4 - Planta de fluxos, Esc.1/1000

Desenho nº 1.5 - Estrutura viária e acessibilidades, Esc.1/1000

Desenho nº 1.6 - Planta de zonamento, Esc.1/1000

Desenho nº 1.7 - Planta piso 0 – existente, Esc.1/200

Desenho nº 1.7.1 - Planta ao nível do terraço – existente, Esc.1/200

Desenho nº 1.7.2 - Planta da cobertura – existente, Esc.1/200

Desenho nº 1.7.3 - Alçados sul e norte – existente, Esc.1/200

Desenho nº 1.7.4 - Alçados nascente e poente – existente, Esc.1/200

Desenho nº 1.7.5 - Cortes – existente, Esc.1/200

Composição geométrica:

Desenho nº 2.1 - Geometricidade do espaço – praça e piso superior do M.M.S.
Esc.1/500

Desenhos técnicos, vermelhos e amarelos:

Desenho nº 2.2 - Planta da intervenção urbana ao nível do piso 0 do M.M.S. –
alteração, Esc.1/500

Desenho nº 2.2.1 - Planta de intervenção urbana ao nível do piso 1 do M.M.S. – alteração, Esc.1/500

Desenho nº 2.2.2 - Planta da intervenção urbana ao nível da cobertura do M.M.S. – alteração, Esc.1/500

Desenho nº 2.3 - Planta piso 0 – alteração, Esc.1/200

Desenho nº 2.3.1 - Planta piso 1 – alteração, Esc.1/200

Desenho nº 2.3.2 - Planta da cobertura – alteração, Esc.1/200

Desenho nº 2.3.3 - Alçados sul e norte – alteração, Esc.1/200

Desenho nº 2.3.4 - Alçados nascente e poente – alteração, Esc.1/200

Desenho nº 2.3.5 - Corte C-D – alteração, Esc.1/100

Desenhos técnicos, projecto final

Desenho nº 3.1 - Planta de áreas do piso 0 – definitivo, Esc.1/200

Desenho nº 3.1.1 - Planta de áreas do piso 1 – definitivo, Esc.1/200

Desenho nº 3.1.2 - Planta da cobertura – definitivo, Esc.1/200

Desenho nº 3.1.3 - Alçados sul e norte – definitivo, Esc.1/200

Desenho nº 3.1.4 - Alçados nascente e poente – definitivo, Esc.1/200

Desenho nº 3.1.5 - Corte A-B – definitivo, Esc.1/200

Desenho nº 3.1.6 - Cortes C-D e E-F – definitivo, Esc.1/200

Desenho nº 3.1.7 - Cortes G-H e I-J – definitivo, Esc.1/200

Desenho nº 3.1.8 - Planta cotada do piso 0 – definitivo, Esc.1/200

Desenho nº 3.1.9 - Planta cotada do piso 1 – definitivo, Esc.1/200

Desenho nº 3.1.10 - Planta cotada da cobertura – definitivo, Esc.1/200

Desenho nº 3.2 - Planta da intervenção urbana ao nível do piso 0 do M.M.S. – definitivo, Esc.1/500

Desenho nº 3.2.1 - Planta de intervenção urbana ao nível do piso 1 do M.M.S. – definitivo, Esc.1/500

Desenho nº 3.2.2 - Planta de intervenção urbana ao nível da cobertura – definitivo, Esc.1/500

Desenho nº 3.2.3 - Alçado sul – intervenção urbana e M.M.S. – definitivo, Esc.1/200

Desenho nº 3.2.4 - Alçados poente e nascente – intervenção urbana e M.M.S. – definitivo, Esc.1/200

Desenho nº 3.2.5 - Cortes A-B e C-D – intervenção urbana e M.M.S. - definitivo, Esc.1/200

Desenho nº 3.3. - Plantas da torre cinética - definitivo, Esc.1/100

Desenho nº 3.3.1 - Alçados da torre cinética - definitivo, Esc.1/100

▼ Imagens Tridimensionais do Anteprojecto e Projecto

Anteprojecto:

Modelo tridimensional, Mercado Municipal de Silves e Largo António Enes



Modelo tridimensional, Mercado Municipal de Silves e Largo António Enes



Modelo tridimensional, Mercado Municipal de Silves e Largo António Enes



Projecto:

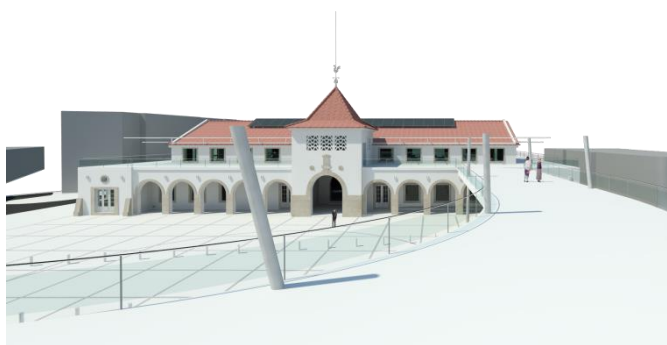
Modelo tridimensional, Mercado Municipal de Silves, Largo António Enes, vista aérea



Modelo tridimensional, Mercado Municipal de Silves, Largo António Enes, vista do cais



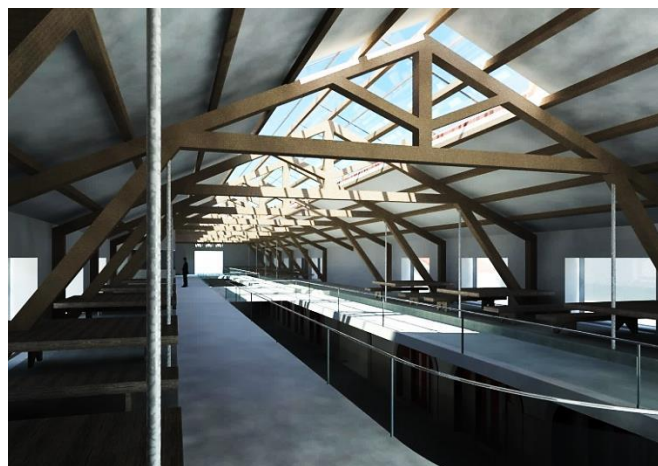
Modelo tridimensional, Mercado Municipal de Silves, Largo António Enes, vista do passadiço



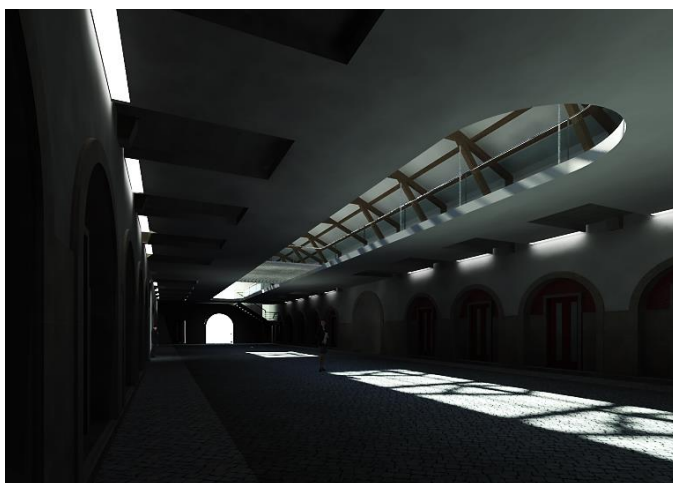
Modelo tridimensional, Mercado Municipal de Silves, piso 1



Modelo tridimensional, Mercado Municipal de Silves, piso 1

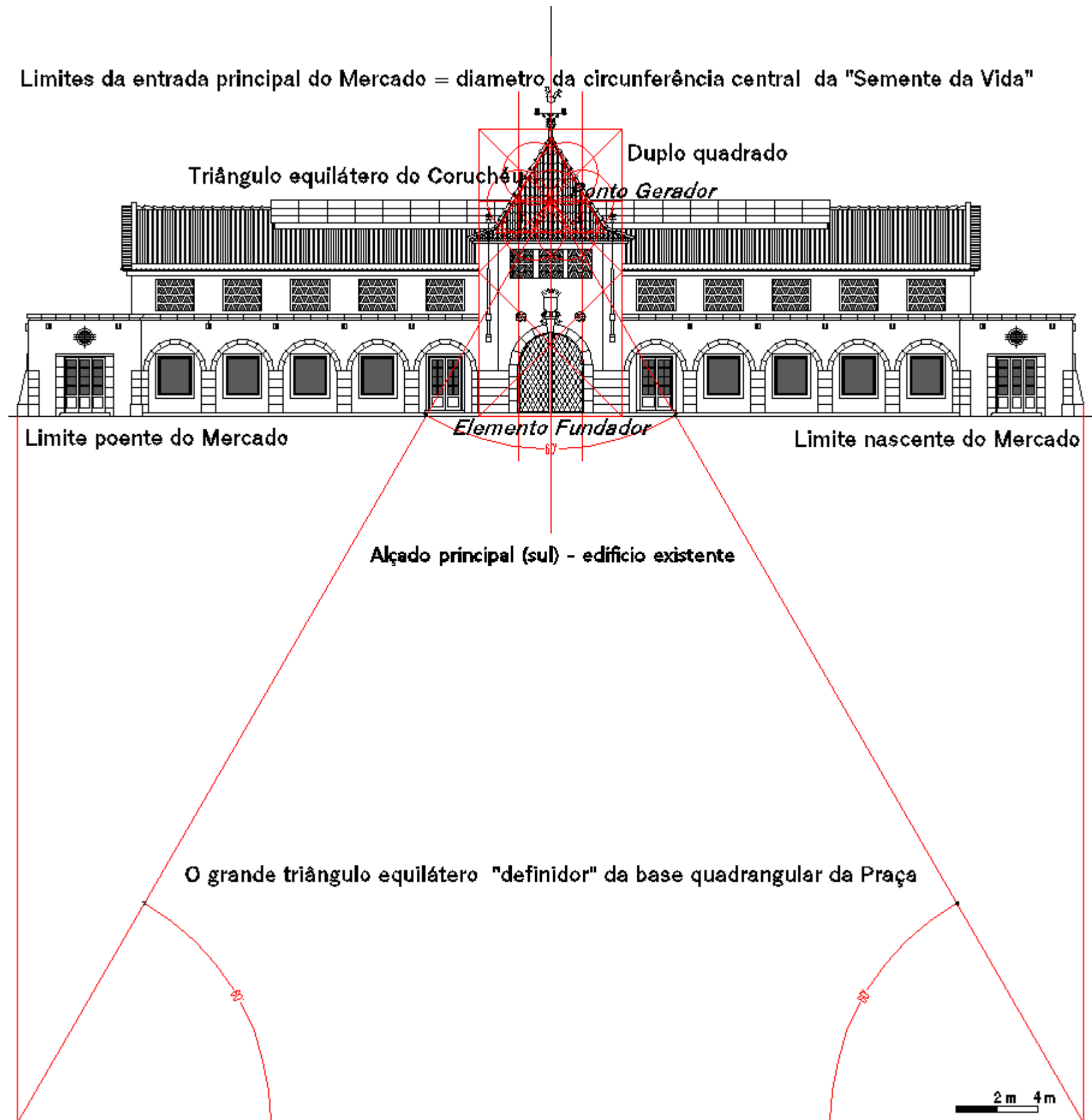


Modelo tridimensional, Mercado Municipal de Silves, piso 1

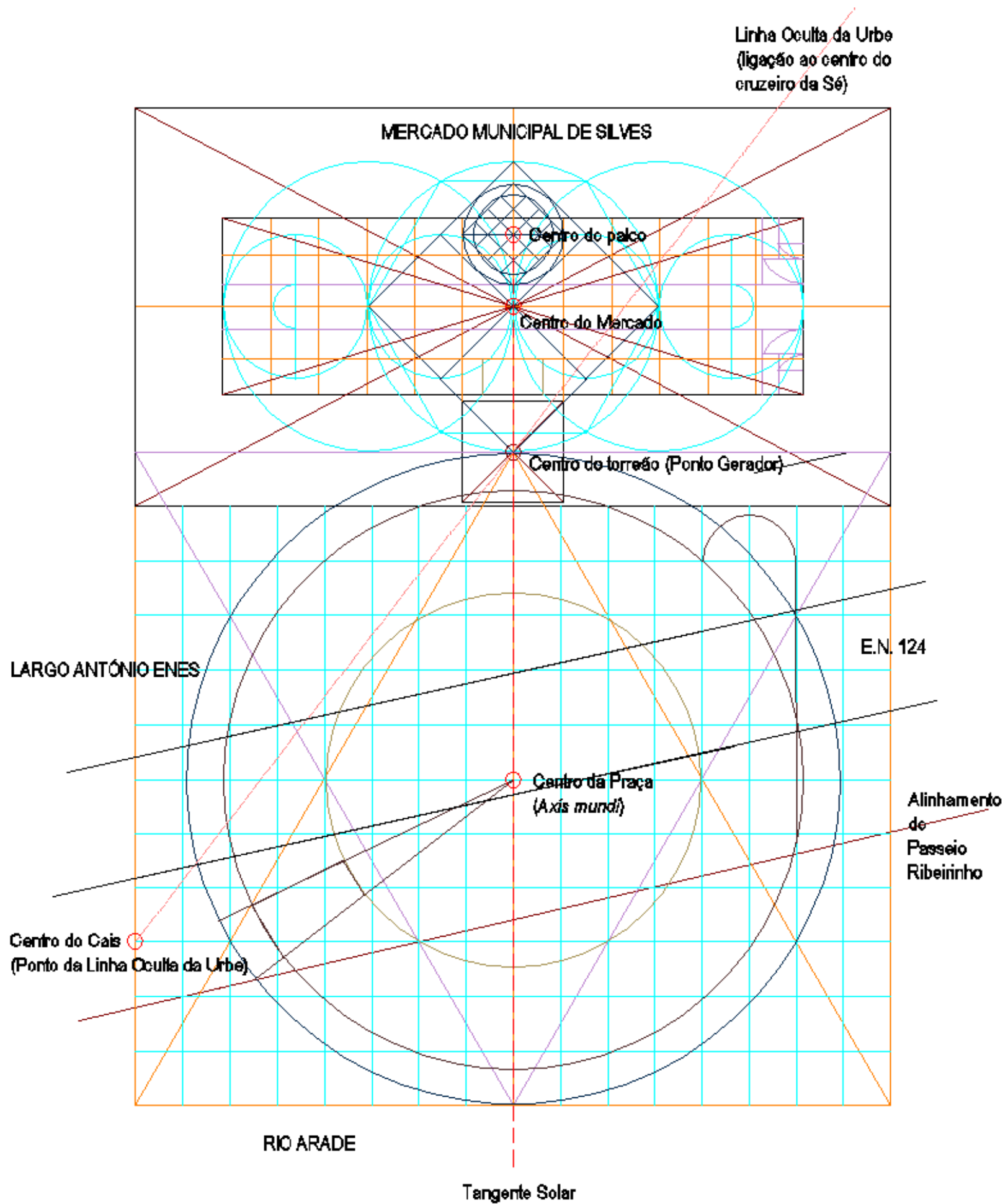


▼ Estudos Geométricos

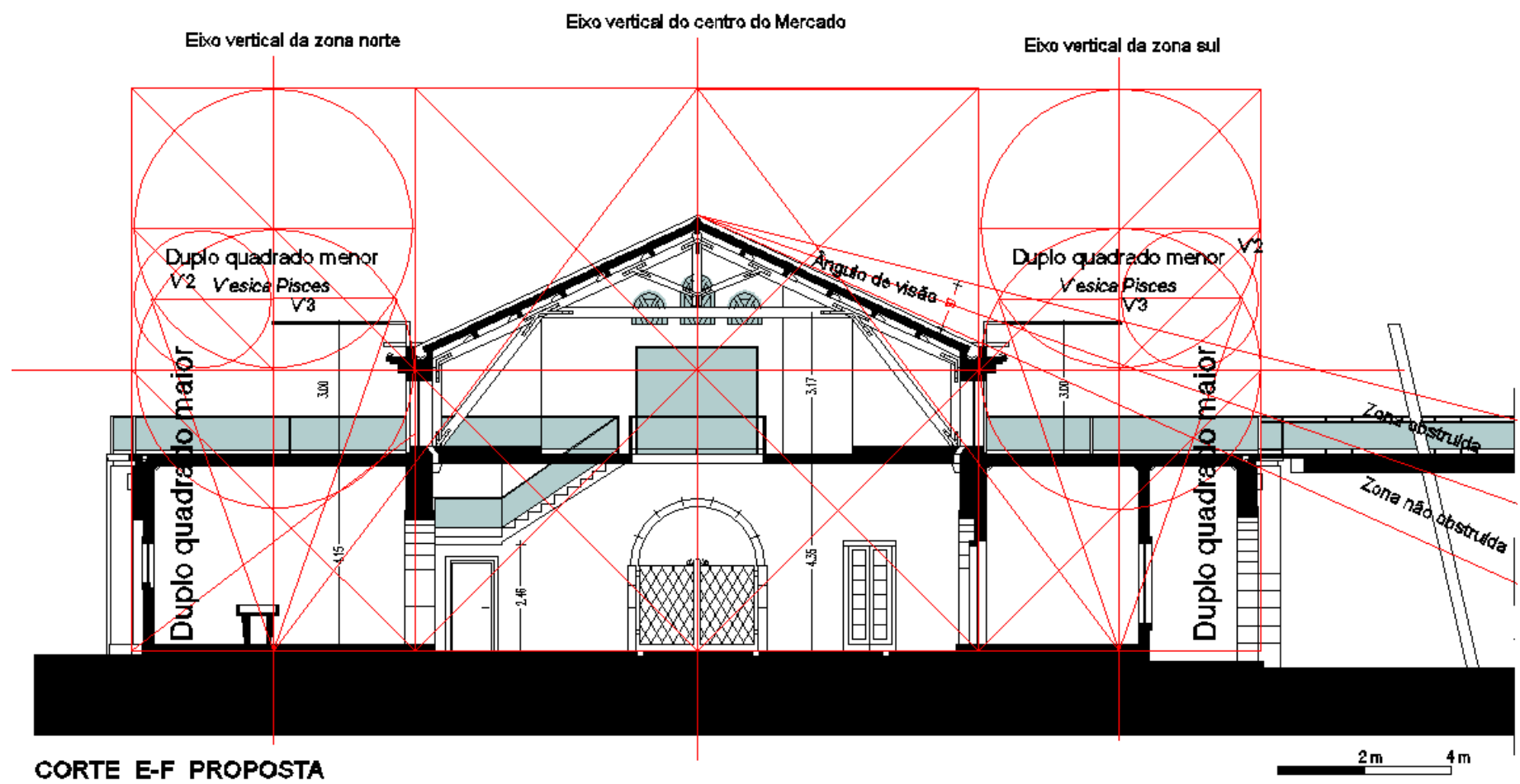
Definição do Elemento Fundador e determinação do Ponto Gerador – traçado preliminar de Praça



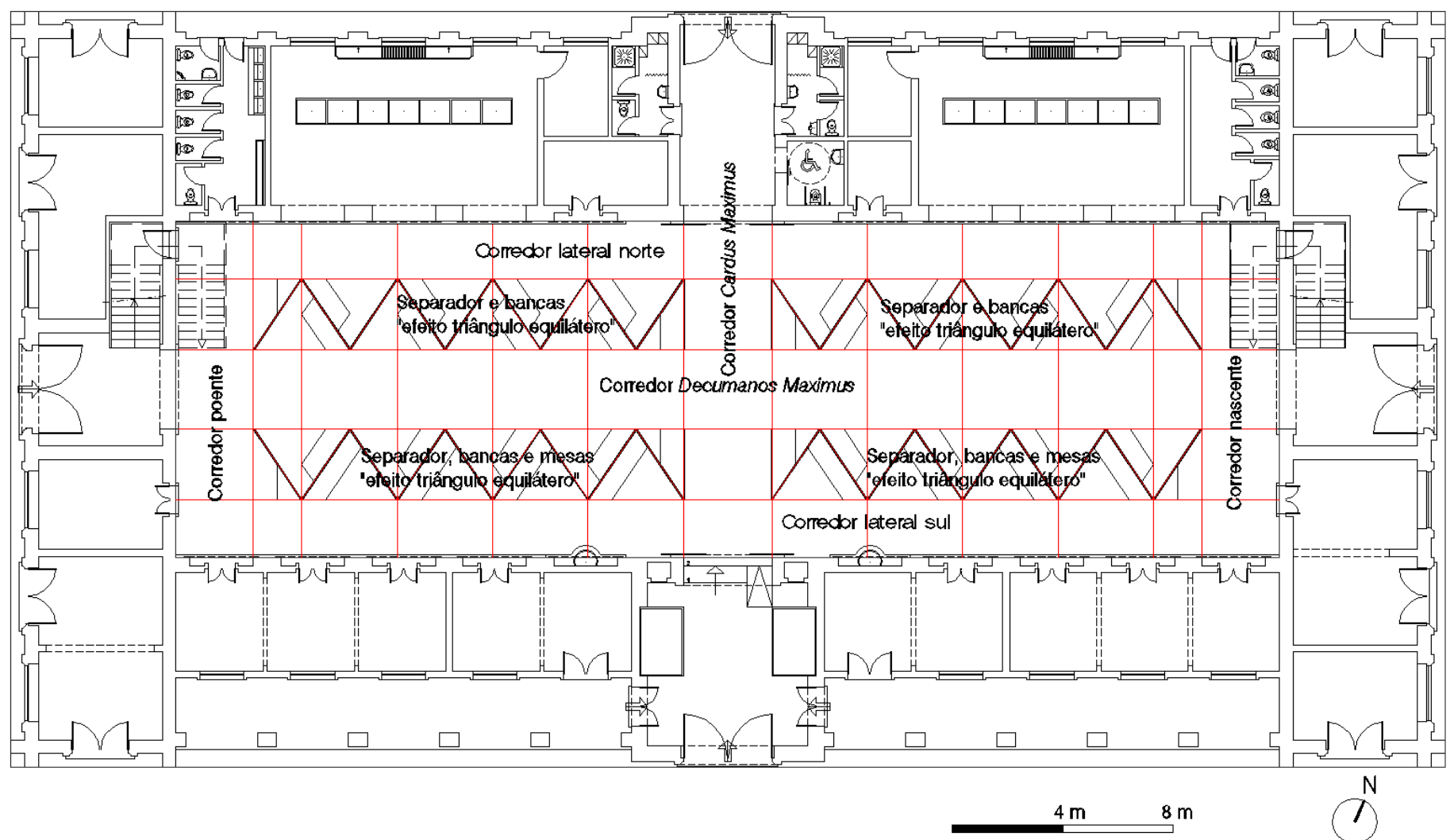
Processo de Geometricidade do piso 1 do edifício do Mercado Municipal de Silves e do Largo António Enes - Praça



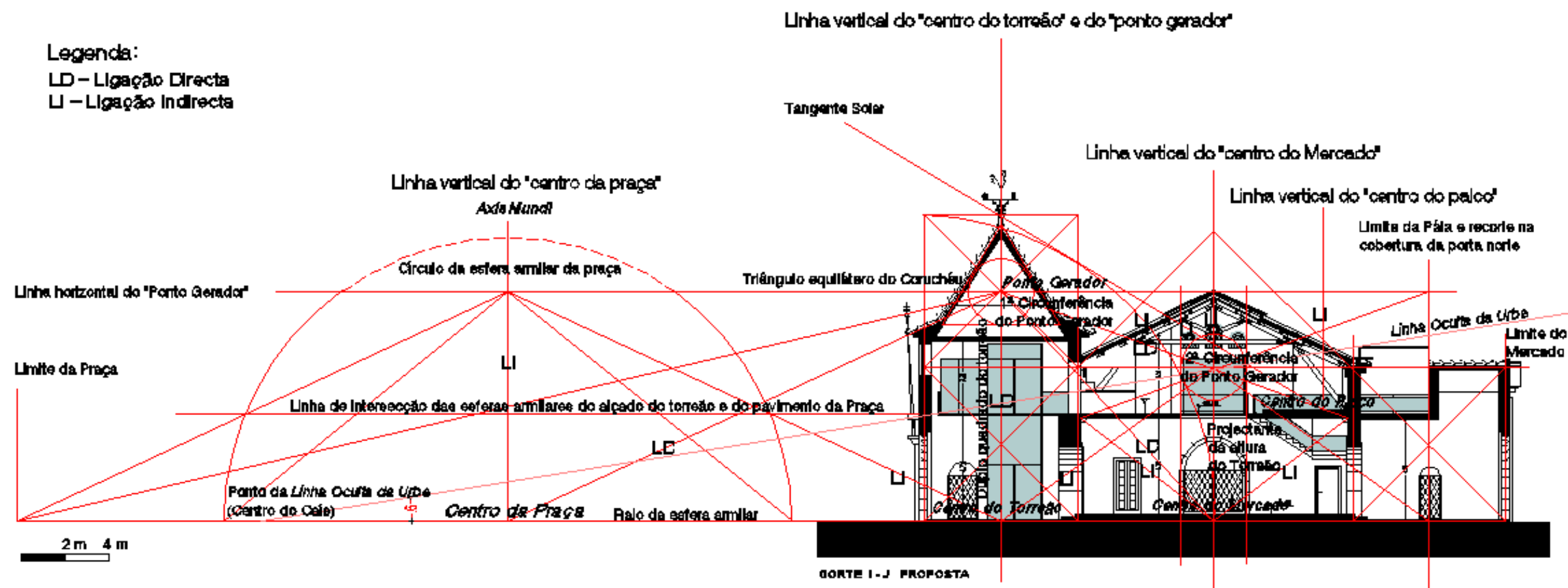
Processo de Geometricidade das palas - piso 1 do edifício do Mercado Municipal de Silves



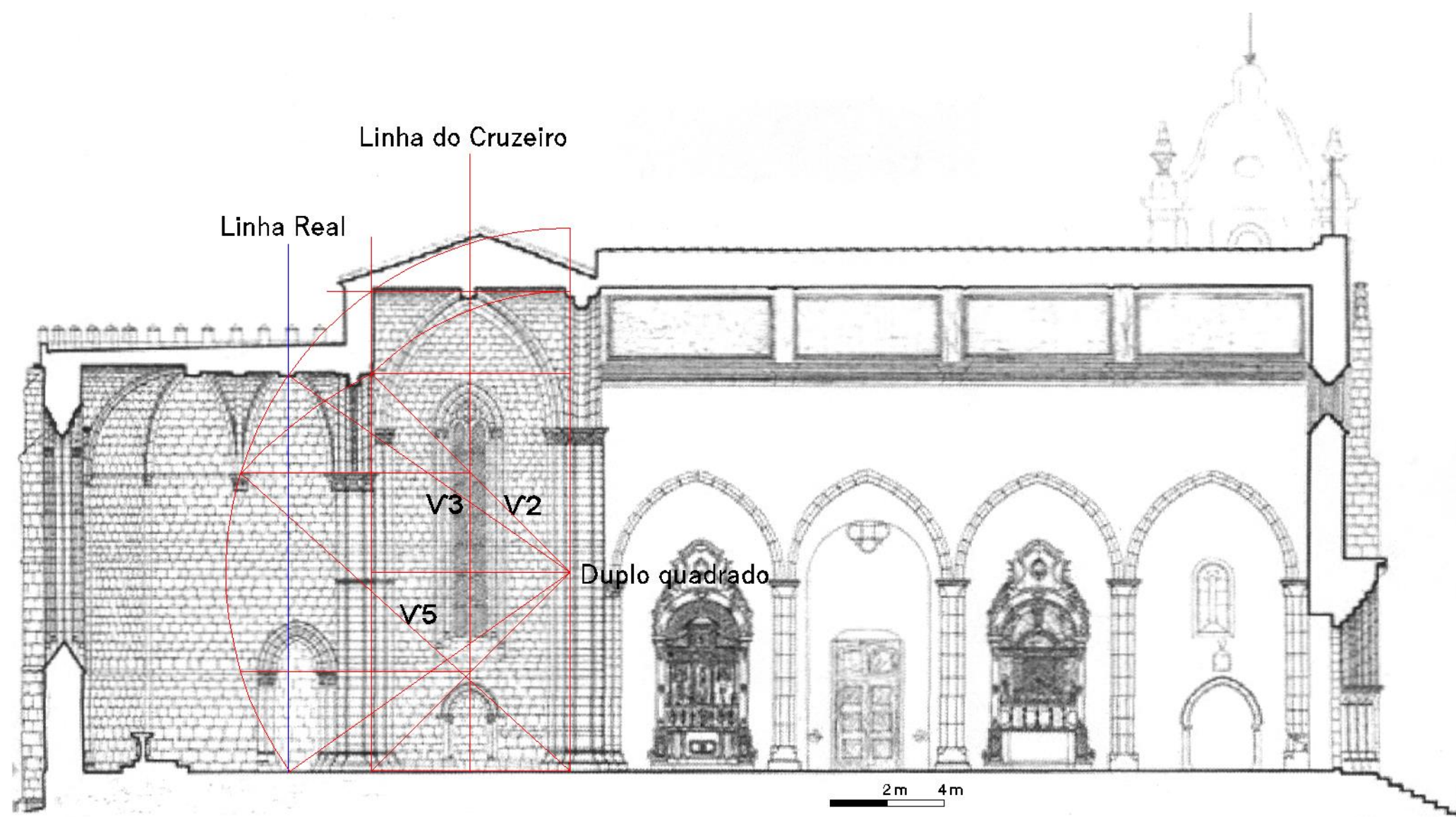
Processo de Geometricidade das bancas e mesas - piso 0 do edifício do Mercado Municipal de Silves



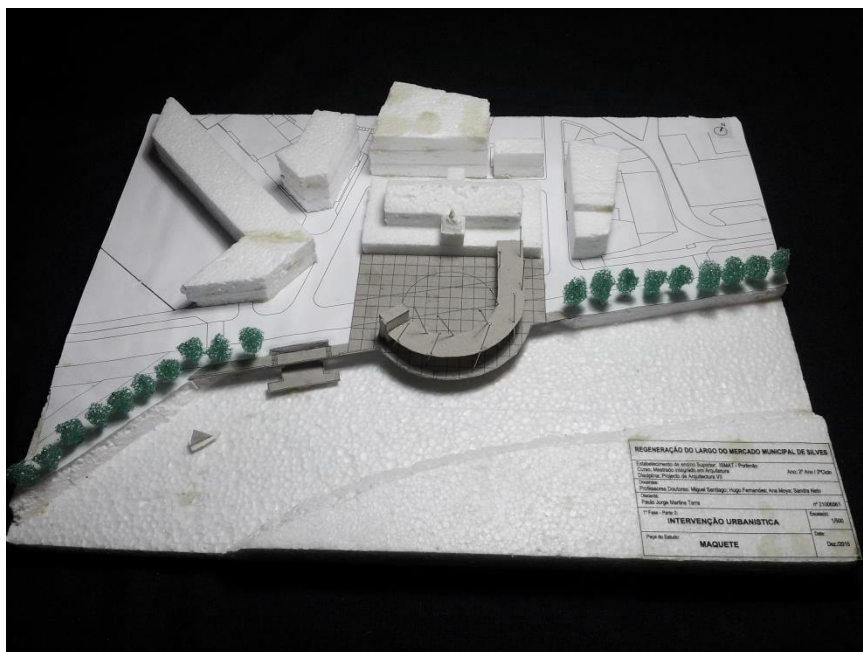
Sistema de Propriocepção – Equilíbrio dos Centros



Sistema de Propriocepção – Relação entre Linhas



▼ Fotos da maquete de estudo



REGENERAÇÃO DO LARGO DO MERCADO MUNICIPAL DE SILVES
Estudo de urbanização de âmbito local (EUL) / Intervenção
Cidade: Vila Verde, integrado em Rede de
Cidade: Vila Verde, integrado em Rede de
Problema/Questão: Miguel Sereno; Hugo Fernandes; Ana Maria; Sandra Nelo
Autor:
Paulo Jorge Martins Torres
Escala: 1:1000
Intervenção Urbanística
Maquete
Data: 2015

